

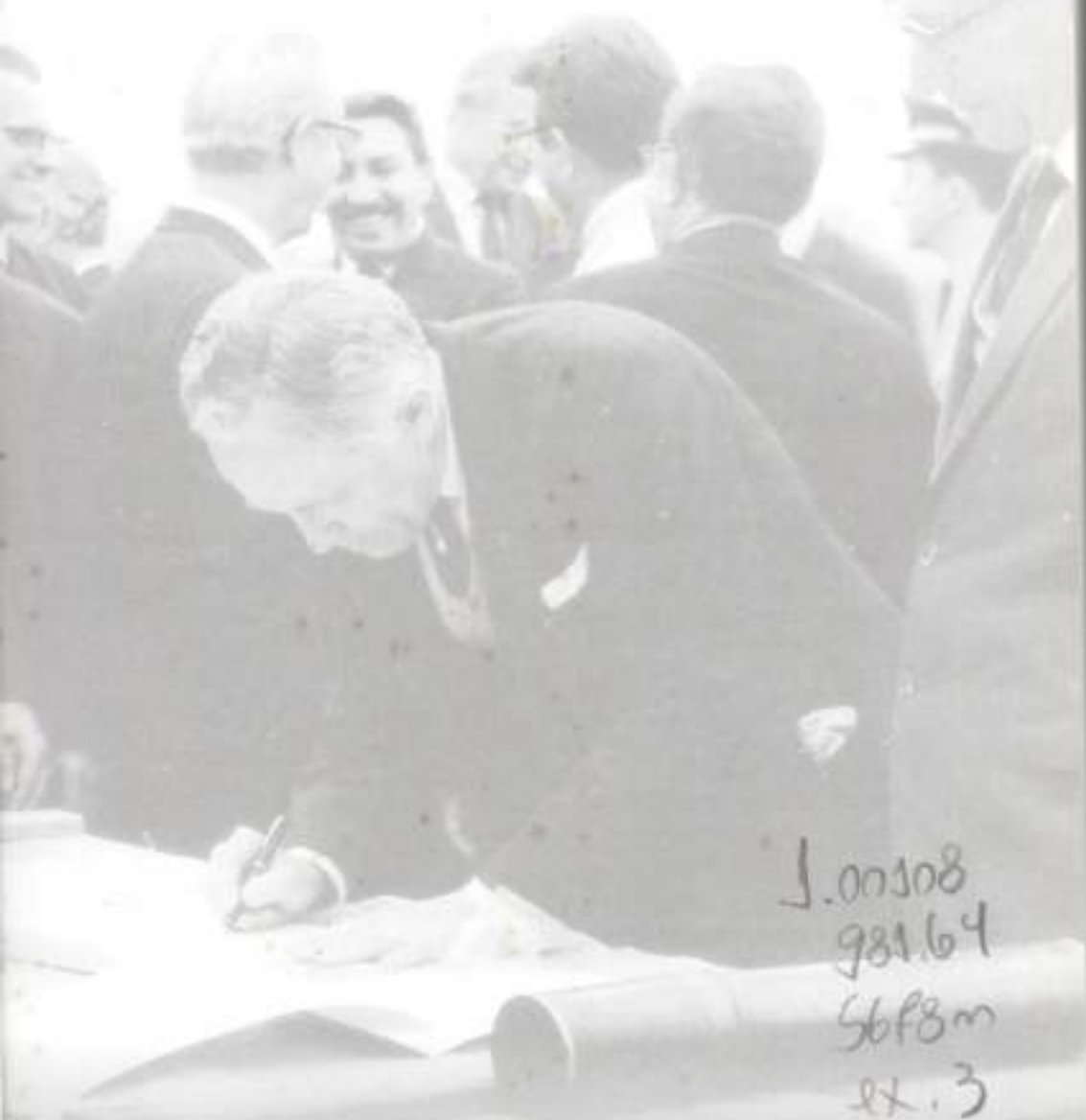


NOTÍCIAS DE

VICENTE SÓ

ANO XIII Nº 61 - ISSN: 2236-7064 - R\$ 20,00

BRUSQUE E REGIÃO



J.00108
981.64
56f8m
ex. 3

Sociedade Amigos de Brusque - 60 anos
Nossa história bem guardada



Sociedade Amigos de Brusque
Fundada a 4 de agosto de 1953
Reconhecida de Utilidade Pública:
Lei Municipal nº. 73 de 9 de março de 1954
Lei Estadual nº. 1162 de 12 de novembro de 1954
Cadastrada no Ministério da Cultura sob nº. 52.001.659/87-17
CNPJ 83.721.639-93

MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ MIRIM

Sede própria: Av. Otto Renaux, 285
Fone: (47) 3351 2132 E-mail: casadebrusque@ol.com.br
Home Page: www.casadebrusque.com
88351-301 – Brusque – Santa Catarina

DIRETORIA EXECUTIVA:

Presidente: João José Leal
Vice-presidente: Antônio Cervi
Primeiro-secretário: Ricardo José Engel
Segundo-secretário: André Cervi
Primeiro-tesoureiro: Marcelo Baron
Segundo-tesoureiro: Roland Imhof
Diretora de Patrimônio: Maria Léa Gevaerd
Backes
Vice-diretoria de Patrimônio: Tamara
Gevaerd Gomides

CONSELHO FISCAL:

Titulares: Gibson Ávila Hulbert, Marcus
Schlösser e Eleutério Graf.
Suplentes: Alomar Luciano dos Santos, Luiz
Eliás Valle e Ricardo Vianna Hoffmann.

CONSELHO EDITORIAL:

Aldinei da Silva Lopes
Celso Deucher
João Carlos Mosimann
Luciana Paza Tomasi
Marlus Niebuhr
Meire Anne Hoepfers Ruiz
Reinaldo dos Santos Cordeiro
Ricardo Vianna Hoffmann
Ricardo José Engel (Presidente)
Roque Luis Dirschabel
Thayse Helena Machado
Úrsula Rombach
Revisor: Francisco Daniel Imhof

Fundador: AYRES GEVAERD
Elaboração: CONSELHO EDITORIAL
Layout e Arte Final: Celso Deucher

Impressão: Gráfica e Editora Nova Letra - Blumenau SC
Edição Semestral: 2º Semestre de 2013, Nº 61, Ano XIII - Tiragem: 500 exemplares
Capa: Sociedade Amigos de Brusque, Acervo: Érico Zendon

Notícias de Vicente Sô. Sociedade Amigos de Brusque. Ano I
(1977). Ano 13, nº 61 (2013). Blumenau: Nova Letra.
Julho-Dezembro, 2013, 16 X 23cm.
112p.

Semestral
ISSN: 2238-7064

1. Brusque - História. 2. Brusque - Santa Catarina. 3. Vicente Sô - História
- Brusque.

CDD 981.64

Sumário

Apresentação

60 anos da Sociedade Amigos de Brusque (SAB)

A nossa Casa de Brusque

João José Leal

.....05

Artigo

Sociedade Amigos de Brusque: Origens, Trajetória e Preservação da Memória histórica do Vale do Itajai-Mirim

Aldonei da Silva Lopes e Luciana Paza Tomasi

.....07

Crônica

Casa Brusque, 60 anos e a figura sempre presente de Ayres Gevaerd

João José Leal

.....19

Reportagem

Preservar para contar

Por Carina Machado Leite

.....32

Entrevista

“Nós lutamos pela democracia” - De setembro a setembro, Erwin Riffel conta como foi o ano em que lutou na Segunda Guerra Mundial

Por Thayse Helena Machado

.....40

Artigo

Imprensa e política em Brusque: nos tempos do PSD e do PTB

Marlus Niebuhr

.....49

Memória

Aldo Krieger: “Esse é dos bons, esse é dos nossos”

Meire Anne Hoepfers Ruiz

.....65

Artigo

UNIFEBE: 40 anos comprometida com o Ensino Superior

Edinéia Pereira da Silva Betta

.....79

Documentos oficiais

Luciana Paza Tomasi

.....108

Apresentação

João José Leal ¹

60 anos da Sociedade Amigos de Brusque (SAB) A nossa Casa de Brusque

No último dia 04 de agosto, a Sociedade Amigos de Brusque - SAB - conhecida por Casa de Brusque, completou 60 anos de existência, trabalhando pela preservação da memória histórica de nossa comunidade e de nosso povo. Organismo privado, mantido pelos associados e subvencionado, em parte, pelo Município de Brusque, a Casa de Brusque é reconhecida de utilidade pública pelas Leis Municipal nº 73 de 09 de março de 1954 e Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954.

A Entidade é mantenedora do Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, criado em 14.10.1971, que está aberto ao público no horário matutino e vespertino.

O Museu tem por finalidade maior reunir e guardar o extenso e valioso acervo documental da história de Brusque, desde os tempos da Colônia Itajaí, fundada em 1860 e, com isso, contribuir para a preservação da memória histórica da comunidade e do povo brusquense. Guarda, também, importante acervo fotográfico da vida comunitária de nossa cidade e de nossa gente.

O Museu teve como grande incentivador Ayres Gevaerd, um apaixonado por História e estudioso das questões da cultura e das tradições de Brusque. Com intenso e persistente trabalho, Ayres Gevaerd conseguiu reunir esse valioso acervo e patrimônio cultural, que hoje se encontra à disposição da comunidade brusquense para visitas, estudos e pesquisa.

As visitas ao Museu são geralmente guiadas e atividades educativas promovidas, especialmente, para estudantes das escolas. O trabalho educativo do museu contribui para o estudo e o conhecimento da história de Brusque de grande número de estudantes que o visitam – mais

¹ Presidente da Sociedade Amigos de Brusque.

de 3000 alunos e pesquisadores - ao longo de cada ano.

Ao longo de sua existência, a Casa de Brusque tem participado de principais ações culturais que marcaram a história de nossa cidade.

A atual Diretoria da Casa de Brusque tem como Presidente o Dr. João José Leal, eleito em abril para um mandato de dois anos.



Lançamento da pedra fundamental da Casa de Brusque, em 4 de agosto de 1968.
Acervo: SAB

Sociedade Amigos de Brusque: Origens, Trajetória e Preservação da Memória histórica do Vale do Itajaí-Mirim

Aldonei da Silva Lopes¹
Luciana Paza Tomasi²

¹ Doutor em História pela PUCRS. Possui 27 anos de experiência em ensino superior e 33 anos no ensino fundamental e médio. Avaliador de bancas examinadoras de Pós-graduação credenciado no MEC. Atua no Centro Universitário UNINTER/CEVISAT. Participa desde 1992, de diversos Conselhos Editoriais em revistas acadêmicas do Brasil. É Professor da Secretaria Municipal de Educação de Brusque. Atualmente desenvolve projetos de pesquisa em História e Museologia no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.

² Bacharel em História e Especialista em Gestão Escolar pela FURB. Possui experiência como professora na rede pública e particular de Ensino. Atualmente desenvolve atividades de Historiadora e Secretária da Sociedade Amigos de Brusque e projetos diversos no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.

Resumo

Este estudo aborda a temática da trajetória dos 60 anos da Sociedade Amigos de Brusque (SAB). A SAB vem trabalhando no sentido da preservação da memória histórica da Região do Vale do Itajaí-Mirim, que comportava na fase de colonização da região, os municípios de Brusque, Guabiruba, Vidal Ramos e Botuverá. O aniversário da referida entidade reflete a necessidade de uma abordagem sobre os excelentes trabalhos desenvolvidos para a cidade de Brusque durante mais de meio século de trabalho, desde os pioneiros liderados por Ayres Gevaerd. A metodologia utilizada neste trabalho parte de dois eixos de análise: a contextualização da ciência História nos meios acadêmicos, que provoca a quebra dos paradigmas decorrentes da abertura do método, contribuição de outras ciências e da revisão do conceito de documento e; análise da documentação oficial da gestão referente ao período estudado. Após contextualizar a SAB e inseri-la no contexto da História Nova, abordar-se-á o seu papel para a preservação da memória histórica do Vale do Itajaí-Mirim.

Palavras-chave: Memória. Trajetória. História. SAB. Brusque.

Introdução

O presente texto está ancorado na literatura acerca da História Nova e na documentação referente à criação e institucionalização da Sociedade Amigos de Brusque (SAB), conhecida por Casa de Brusque.

Ao percorrer esta literatura, propôs-se uma discussão sobre o papel da História Nova na mudança dos paradigmas acerca do *métier* do Historiador. Além da abertura do método e da ampliação do documento, surgem novas possibilidades de trabalho e dedicação dos aficcionados pela História em se dedicar a uma historiografia que, de certa forma tornou-se importante como fonte primária de informação para pesquisas. Este aspecto primário se deve a gama de informações, embora apresentadas de uma forma factual, até porque não se possuíam subsídios de entendimento para aplicação dos novos métodos.

O objetivo da pesquisa é retratar a caminhada histórica da SAB, com

destaque para o papel do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim na guarda e manutenção dos acervos, na socialização do conhecimento e na preservação da cultura local.

O estudo retrata a questão da conjuntura de curta duração, na qual aparecem ações no sentido de coleta e organização de documentos e objetos para a criação de um museu histórico.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa embasada na metodologia descritiva e interpretativa das fontes bibliográficas e documentais, envolvendo uma análise da trajetória da instituição nos seus 60 anos de existência.

História nova e sua influência na vida social de Brusque

As Ciências vêm repensando seus métodos como acontece em diversas fases do processo histórico da humanidade. Notadamente no século XX, se acentuou a crise dos paradigmas nas diversas áreas do conhecimento. A História passa por essa análise existencial e conceitual no que concerne a sua maneira de interpretação, graças à visão desmedida dos historiadores contemporâneos.

A partir do repensar dos modelos que demonstravam serem sólidos, os historiadores democratizaram a forma de ver e interpretar suas concepções sobre o passado, embora ainda não se desprendam totalmente das suas visões de mundo, projetando algumas formas errôneas de interpretações.

O Movimento dos Annales, em sua primeira geração, contou com dois líderes: Lucien Febvre (um especialista em história moderna com ênfase no século XVI) e Marc Bloch (um medievalista). Dissidentes da *Revue de synthèse historique*, Lucien Febvre e Marc Bloch - com o projeto de renovar a história - fundaram a Revista *Les Annales d' Histoire Économique et Sociale*, em 1929. Tinham como objetivos: eliminar o espírito de especialidade, promover a interdisciplinaridade, favorecer a união das ciências humanas, passar da fase dos debates teóricos (os da *Revue de synthèse historique*). (BRANDÃO, 2011, p.3)

A rigidez do método surgiu pela influência de Auguste Comte, líder da Filosofia Positivista na segunda metade do século XIX. O Positi-

vismo influenciou as diversas áreas das Ciências, que primavam pela cientificidade comprovada pelo experimento. Como a História é acontecimento e esse acontecimento pressupõe a existência de um passado, remoto ou não, ficou impossível recortá-lo e trazer para dentro de um laboratório, uma vez que não existia mais.

Assim, a única saída real para dar credibilidade de Ciência para a História, se restringiu a prova de fatos através do documento escrito. A questão da escrita limitou a história a um simples relato sobre um passado também escrito, a que denominamos Historiografia descritiva. A sacralização do documento como prova real do passado delineou a História como um campo dos acontecimentos oficiais, portanto da elite e das instituições.

A abertura da rigidez metodológica é atualmente abordada pelos diversos setores acadêmicos que questionam a maneira hermética de se produzir historiografia. O lugar da História, neste contexto, está associado à postura europeia, desde a década de 1920, quando Marc Bloch e Lucien Febvre fundaram a *Annales School*, em Paris.

A introdução de novas fontes, como escritos não oficiais, depoimentos orais, objetos antigos e obras de arte, entre outros, paulatinamente ganhou adeptos e foi se transformando numa democratização metodológica no sentido da busca pela veracidade dos fatos, ampliando também neste sentido, o conceito de documento para a História.

Se por um lado, a academia debate a crise dos paradigmas nas ciências, outros setores institucionalizados, por sua vez, revitalizam as novas maneiras de olhar, que emergiram gradativamente da consciência, ao despertar de uma inquietação acadêmica, que anuncia uma nova era de valores.

Graças à abertura do método, hoje é perfeitamente possível que o historiador se projete no passado para escrever sobre o momento em que não viveu, apesar de seus preconceitos e o comportamento contemporâneo, que o fazem olhar sobre o passado com olhos atuais.

A História, ao mesmo tempo em que deixa de ser relato do contemporâneo, como mero exercício jornalístico, a exemplo dos registros de Heródoto, nos possibilita um olhar mais sensível sobre o passado e remete-nos a outra possibilidade: navegar nele e através do presente, escrever sobre o que o Historiador não viveu.

Ao reconstituir o imaginário popular, como o resultado de um pro-

cesso de sedimentação de ideias coletivas presentes ao nível da consciência e que moldam experiências novas, estamos contribuindo para repensar, propor e analisar como se constitui grande parte da "História Total". O dever dos Historiadores, portanto é sem dúvida, reconstituir e não resgatar a história, pois o resgate pressupõe trazer a história do passado para o tempo presente, o que é impossível; enquanto reconstituir significa lançar um olhar crítico sobre o processo histórico e seus desdobramentos sobre o cosmos social do passado.

Romper com a Historiografia elaborada pelos que submetem pelo poder, seja ele o econômico ou político-cultural tornou-se o principal ofício do historiador teórico da atualidade. O rompimento não significa rejeição do discurso que enfatiza "os coitadinhos, excluídos, etc.", mas trazer para o polo principal das discussões, a totalidade social, pois as pessoas são os sujeitos históricos e não apenas as personalidades. A visão da trama é que tem importância para a análise e produção historiográfica.

No Brasil a área da História também passa por este processo de novas concepções de sujeitos e suas múltiplas ações em favor da ênfase ao estudo pela via da economia, da antropologia e da cultura. Os historiadores Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior e os antropólogos Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, o filósofo Florestan Fernandes bem como os sociólogos Otávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso contribuíram com diversas formas de ver o Brasil. Seus estudos partiram de objetos diferentes de pesquisa, com metodologias próprias, que ventilaram as interpretações positivistas ou culturalistas da área da História.

Neste contexto de abertura do método, diversas áreas do conhecimento e alguns estudiosos independentes de suas áreas de formação puderam desenvolver pesquisas e posturas inerentes ao prazer em pesquisar e sanar suas curiosidades sobre o passado, promovendo uma verdadeira simpatia pela História e a Historiografia.

Em Brusque, uma cidade de tradição colonizadora alemã, verifica-se a manutenção de grandes traços culturais, como a valorização das origens e do passado histórico acerca da civilização europeia, o que é marca do velho continente. Estes valores estão presentes no gosto pelo passado e registro do mesmo através de documentos, solenidades e desenvolvimento de arquivos próprios que contém fontes preservadas

como documentos, objetos e fotografias. Neste contexto, não foi diferente para Ayres Gevaerd, que labutou incansavelmente para a criação, registro e na manutenção de uma entidade chave para a implantação do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim a qual denominou Sociedade Amigos de Brusque (SAB).

Raízes históricas da SAB e aspectos marcantes de sua participação na vida pública

No contexto da História Nova, membros da sociedade brusquenses criaram a Sociedade Amigos de Brusque, em 1953. Ayres Gevaerd e seus amigos partiram de reuniões que levaram a implantação oficial da instituição no mesmo ano, conforme o discurso que retrata a seção solene:

"Prezados senhores! Estamos aqui reunidos para, imanados um sentimento de amizade, colaboração e amor e dedicação ao nosso torrão natal, tratar da fundação da Sociedade Amigos de Brusque. A Comissão elaboradora do ante projeto dos Estatutos que irão reger os seus destinos, lavrou-se em estatutos da Sociedade congêneres dos mais adiantadas comunas brasileiras e nem sujeitar à apreciação desta ilustre Assembléia, um projeto adaptado às condições de nosso ambiente. (...) Contamos, para esta jornada que começamos a empreender, com o sacrifício e a boa vontade dos bons brusquenses, no sentido de que a Sociedade Amigos de Brusque se torne força realizadora, e, que uma vez fundada, empregue o melhor de seus esforços no desenvolvimento moral e material de nosso Povo. Um dos princípios da novel Sociedade será por certo o culto de veneração à memória de nossos antepassados, porque eles representam o liame espiritual que une o passado ao presente. A tradição é elemento construtivo por excelência, de uma Sociedade, pois lhe dá o fundamento sólido de bases sãs que é o apanágio de todas as grandes realizações. Terminando, concito a todos para que se empenhem a fundo na obra que vamos realizar, e que o nosso lema seja o Bem Servir à nossa terra e à nossa gente como bons e verdadeiros Amigos de Brusque"³

³ Ata da Sociedade Amigos de Brusque, em 04 de agosto de 1953. Páginas 01 e 02. Respeitada a ortografia original.



Inauguração da Casa de Brusque, em 8 de outubro de 1971.

Acervo: SAB

Reunidos no Fórum da Comarca de Brusque, no dia 04 de agosto de 1953, sendo os presentes e fundadores: Padre Luiz Gozaga Steiner, Arnaldo Bauer Schaefer, Egon Geraldo Tietzmann, Oscar Gustavo Krieger, Tasso Rodrigues da Cruz, Otto Niebuhr, Ingo A. Renaux, Luiz Strecker, Érico Krieger, Alfredo Koehler, Dr. Carlos Moritz, Aldo Krieger, José V. Cortes, Euvaldo Schaefer, Adolfo Walendowsky, Lauro Müller, Padre Eloy Koch – S.C.J., Roberto Hartke, Horst Schlosser, Rodolpho Victor Tietzmann, Remacle Fischer, Bernardo Stark, Walmir Diegoli, Armando E. Polli, Arno Ristow, Monsenhor Afonso Niehues, Padre Raulino Reitz, Antonio Teixeira Dias, Dr. Belisário J. N. Ramos, Antônio Heil, Anibal Diegoli, Arthur Appel, Érico Appel, Dr. Guilherme Renaux, José Boiteux Piazza, Cyro Gevaerd, Mário Olinger, Jorge Levy Maly, Guilherme G. Niebuhr, Ayres Gevaerd, Axel Krieger, André Brenneiser e Dr. João Antonio Schaefer. Entidades também participaram deste momento de fundação: Sociedade Musical “Concórdia” e Rotary Club de Brusque Rotary Club de Brusque e Sociedade Musical “Concórdia”.⁴

A SAB desenvolveu, desde sua fundação, diversas formas de preservação da cultura local, retratando o marco do cotidiano das gerações

⁴ Estatuto da Sociedade Amigos de Brusque. Brusque, 23 de abril de 2009.

que habitaram o Vale do Itajaí-Mirim, representadas pelas cidades de Brusque, Guabiruba, Vidal Ramos e Botuverá desde o ano de 1860, época da chegada dos primeiros imigrantes alemães, bem como de outras culturas, com destaque para a Italiana e a polonesa.

Ciente que o museu não é apenas um espaço de guarda com características de colecionador e mais que uma mantenedora, a SAB, através de seus sócios, passou a publicar um informativo denominado "Notícias de Vicente Só Brusque Ontem e Hoje", que teve seu primeiro número editado em 1977, mantido pela contribuição dos associados e a venda de alguns números isolados. A partir de 2011, a revista tem recebido apoio de patrocínio de algumas empresas parceiras, de caráter permanente e em outras, temporário.

Cumprindo o papel de socializadora do conhecimento sobre a história do Vale do Itajaí-Mirim, a entidade alavanca estudos e promove a publicação dos mesmos através da análise criteriosa dos textos em seu Conselho Editorial, que notadamente expressam as opiniões dos estudiosos de diversos temas e áreas do conhecimento acadêmico e cultural.

Outras obras de caráter histórico e antropológico foram organizadas e apoiadas pela SAB em sua história de realizações, como o Álbum Centenário de Brusque, Brusque: subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império de Oswaldo Rodrigues Cabral, A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim e Nacionalismo e Identidade Étnica de Giralda Seyferth, Folclore de Brusque de Walter Piazza, entre outras, demonstrando uma constante preocupação com a cultura e a História da região, permeada de uma característica clássica e acadêmica, com finalidade social.

O papel da SAB e do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim na história regional e na pesquisa acadêmica

O pensamento corrente na SAB era amplo porque pretendia ser uma entidade com diversos fins sociais, porém, apesar de se destacar na organização das comemorações do Centenário de Brusque, teve um viés extremamente acadêmico que foi seu ponto forte, a criação de um

espaço significativo de preservação da memória histórica do Vale do Itajaí-Mirim pela implantação do museu histórico, inaugurado em 1971.

O Museu se destaca na guarda, preservação e disponibilização de fontes documentais, fotográficas e de objetos de elevado valor histórico possibilitado pela ação voluntária da maioria dos membros da SAB e de seus associados, além do trabalho voluntário de alguns estagiários que tiveram inspiração no árduo trabalho de Ayres Gevaerd. A casa museal conta com dois historiadores capacitados em pesquisa, sendo um contratado e o outro cedido pela Prefeitura Municipal em parceria com a Fundação Cultural de Brusque.

Ao chegar aos 40 anos de existência, o Museu Histórico, através de sua mantenedora, tem realizado diversos convênios entre o poder público e privado no sentido de manter-se de portas abertas demonstrando a sociedade brusquense que é possível diálogo entre presente e passado na inscrição e na manutenção da memória viva de uma sociedade, durante os seus 153 anos de existência.

Subsidiado por recursos econômicos provenientes das contribuições dos sócios da SAB e do convênio com a Prefeitura de Brusque, a entidade museológica reescreve mais um importante capítulo da história regional, ao disponibilizar aos estudantes e pesquisadores material seguro em informações, que norteiam suas pesquisas, favorecendo a todos a socialização do conhecimento sobre o passado do Vale do Rio Itajaí-Mirim.

A partir de 2013, o Museu vem desenvolvendo atividades que visam à modernidade na sua manutenção e na produção do saber acadêmico. Foram iniciados os trabalhos como diagnóstico de acervos, organização dos programas existentes e na criação de outros, tendo por objetivo o cumprimento das medidas previstas na Lei 11.906 e segundo as instruções normativas do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), estudos que possibilitam subsidiar a elaboração do Plano Museológico⁵, documento que norteia o planejamento estratégico, com os objetivos, aspirações e realizações da entidade por um período de 10 anos.

Diversas inovações estão sendo programadas, entre elas o incentivo a pesquisa, que tem por princípio a criação de dois grupos de estudos

⁵ Documento Norteador das aspirações do Museu por um período de dez anos, com ênfase para a organização e implantação de oito programas, entre eles pesquisa, segurança e educação.

nas áreas de História, Memória e Patrimônio e Estudos Museológicos.

Outros campos do saber são destacados, como por exemplo, a Educação Museológica e patrimonial, bem como o fomento a Exposições temporárias e de longa duração, fixas ou itinerantes aliadas a Seminários temáticos, Mesas-redondas, atividades artísticas e culturais e oficinas técnicas, algumas realizadas e outras previstas para acontecer em 2014.

No que concerne ao trabalho técnico, está acontecendo a informatização do acervo bibliográfico, através da implantação de um software próprio, previsão e estudos de viabilização da digitalização de documentos, jornais e periódicos objetivando a salvaguarda e disponibilização dos acervos a estudantes e pesquisadores, socializando desta forma o acesso a informação.

No que concerne à divulgação, existem trabalhos experimentais e em parceria com empresas de comunicação para a divulgação de matérias na imprensa local e; a implantação de um site, a participação nas redes sociais, a divulgação através de banners e folders que enfatizam o trabalho realizado pela entidade.

A instituição vem investindo em estudos de segurança e manejo das peças e documentos do acervo através da constante capacitação de seu corpo técnico com o apoio da Prefeitura Municipal de Brusque, Sistema Estadual de Museus, parceira na busca da qualidade dos serviços e na oferta e na promoção da História e da Cultura da cidade.

Há alguns anos o Museu participa de eventos do Instituto Brasileiro de Museus como exposições, mesas redondas, palestras e eventos de manifestação cultural, discutindo atentamente as questões atuais e promovendo debates sobre as áreas da museologia e História, além de temáticas inerentes a estas áreas do saber cultural.

Considerações finais

A reflexão proposta demonstrou a grande importância da iniciativa dos amigos, liderados por Ayres Gevaerd, para a criação e consolidação da SAB, fator que contribuiu deveras para a criação do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim e sua abertura a prestação de serviços à comunidade brusquense.

O papel pioneiro da SAB na preservação de fontes documentais, fotográficas, arqueológicas e de peças museológicas proporciona a pro-

moção do conhecimento extremamente importante das diversas fases da História Local, contrariando os princípios devastadores da sociedade global, que prima pela obsolescência do objeto e seu desprendimento do sujeito. Sem essas referências guardadas a cultura se volatiliza e a referência temporal perde o sentido.

A SAB e o Museu Histórico vêm proporcionando uma parcela significativa de resistência à degradação da cultura local, através da mostra da nossa face cultural, o que é extremamente significativo no mundo contemporâneo, pois prima pelas imposições culturais de um polo dominante, que se impõe como opressor generalizado e promove a perda de identidades dispares e dominadas.

Assim, o papel significativo de reconstituição da história local passa necessariamente pelo árduo trabalho seletivo de fontes, tratamento das mesmas e sua oferta à consulta pública de estudiosos e observação da população local e de turistas que visitam o museu.

A tarefa de manter a instituição museal em funcionamento é muito difícil, mas gratificante por parte da SAB e da sua diretoria e corpo técnico, que trabalha no cotidiano do expediente para ofertar tal riqueza aos visitantes, pesquisadores e estudiosos que necessitam das fontes referenciais para a História do Vale do Itajaí-Mirim.

Referências

- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRANDÃO, Silvia Sgroi. O conceito de indivíduo em Lucien Febvre e Carlo Guinzburg. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e Capitalismo**. Barcelona: Labor, 1974.
- CASTELLS, Manuel. **La era de la información. Economía, sociedad y cultura**, 3 vol., Madrid, Alianza Editorial, 1997.
- DOSSE, François. **A História em Migalhas: Dos “Annales” à Nova História**. São Paulo: Ensaio. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organizado por Michael Schöter. Tradução, Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas, Renato Jaime

- Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2ª Ed. Tradução Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz. Rio de Janeiro: Presença Ltda, 1985.
- LE GOFF, Jacques et alii. **A nova História**. Lisboa: Difel, 1989.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 12. ed., São Paulo: Brasiliense, 1970.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL/ MINISTÉRIO DA CULTURA. **Portaria normativa Do Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional nº 1, de 5 de julho de 2006, publicado no DOU de 11/07/2006**. Brasília: Imprensa Nacional, 2006.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2006**. Disponível em >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm.> acesso em 02/12/2013.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Lei 11.906 de 20 de janeiro de 2009**. Disponível em >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm.> acesso em: 02/12/2013.
- SEYFERTH, Giralda. **Colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: movimento, 1974.



Bodas de Ouro e Ayres e Evelina Gevaerd, em 1987.
Acervo: Família Gevaerd.

Casa Brusque, 60 anos e a figura sempre presente de Ayres Gevaerd

João José Leal¹

¹ Livre-Docente-Doutor pela Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro - 1995. Promotor de Justiça aposentado e Ex-Procurador Geral de Justiça de Santa Catarina. Ex-Professor de Direito Penal, de Criminologia. Diretor do Centro de Ciências Jurídicas da FURB - Blumenau.

A História, o Rotary Clube e origem da SAB

Este artigo tem por objeto examinar a atuação de Ayres Gevaerd no processo de fundação, administração e consolidação da Sociedade Amigos de Brusque (SAB), mais conhecida por Casa de Brusque. Desde o lançamento da proposta, até o ano de 1970, quando o historiador, após 37 anos de extrema dedicação à entidade, deixou sua presidência por motivo de doença.

É sabido que a compreensão da vida presente depende do conhecimento que pudermos ter do nosso passado, pois a história deve ser vista como o inexorável espelho da vida dos povos e das sociedades humanas. Daí a clássica frase de Cícero, que disse ser a história a indispensável “testemunha do passado, a luz da verdade e mestra da vida”. Descontado o exagero literário da citação, pode-se dizer, acompanhando Benedetto Croce, que a cultura histórica é a grande ferramenta de reconstrução da adequada consciência que a sociedade humana tem do passado e do próprio presente.²

Assim, é compreensível que, no começo dos anos de 1950, as principais lideranças brusquenses tenham se convencido da necessidade de se realizar um sério trabalho de resgate da nossa história, especialmente, dos primeiros tempos da então Colônia Itajaí.³ Afinal, o século 20 havia ultrapassado a sua primeira metade e, em poucos anos, a cidade de Brusque estaria completando o seu centenário de fundação. E um povo que não conhece a sua origem e nem os caminhos do seu passado terá dificuldade para compreender o presente e carece de merecimento para comemorar suas efemérides históricas.

Com o olhar focado nessa importante data, representativas lideranças de nossa cidade - todas associadas ao Rotary Club de Brusque - tomaram então consciência de que era preciso conhecer a origem e a evolução do processo histórico da comunidade brusquense, a fim de se

² História como história da liberdade. Trad. Júlio Castañon. Guimarães. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006

³ Embora seja esta sua denominação oficial, o núcleo colonial fundado por Maximiliano von Schnéeburg, desde a origem, foi chamado de Colônia Brusque, em homenagem ao então presidente da Província de Santa Catarina. CABRAL, Oswaldo. *Brusque. Subsídios para a História de uma Colônia nos Tempos do Império*. Sociedade Amigos de Brusque - SAB, 1960, p. 11.

comemorar condignamente o centenário da cidade fundada pelo Barão de Schnéburg, em 1860. Se assim foi, isto explica a ideia, abraçada com entusiasmo por aquela elite comunitária, de se criar a SAB, hoje conhecida como a *Casa de Brusque*, que teria entre outras muitas finalidades estatutárias a de manter um museu histórico de nossa região. Isto ocorreu no dia 4 de agosto de 1953.

Cabe reiterar que a ideia de criação da Entidade que completou 60 anos, em 4 de agosto de 2013, foi discutida e aprovada em reuniões do Rotary Club de Brusque. Foi ali, portanto, que surgiu a proposta de fundação de uma associação comunitária, que viesse a se transformar num fator de desenvolvimento econômico, político e cultural de nossa Terra. Tanto que o convite publicado na imprensa⁴ – espécie de edital de convocação para a assembleia de fundação da Entidade – deixa evidente que a Comissão de elaboração dos estatutos foi constituída por iniciativa desse Clube de Serviço.⁵

O Centenário e a Data de Fundação da SAB

A data de aniversário da cidade não foi mera coincidência. Ao contrário, penso ter sido suficientemente sugestiva do olhar que já se projetava num futuro próximo, assinalado pela gloriosa efeméride que haveria de ser o 4 de agosto de 1960, quando então a cidade festejaria os 100 anos de existência. Era preciso resgatar a nossa história para comemorá-la com a consciência de quem conhece o seu passado.

É verdade que a entidade não foi criada, exclusivamente, para ser a mantenedora do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim. Seus objetivos estatutários eram bem mais amplos, identificando-a como versão daquela época de uma autêntica companhia de desenvolvimento ou de melhoramentos comunitários. Na ocasião, o jornal *O Rebate* registrou

⁴ A nota informava que “será fundada a Sociedade “Amigos de Brusque” e convidava “as autoridades do Município e a todos os interessados no progresso de nossa Terra”, para comparecerem, às 15h, do dia 4 de agosto, no edifício da Prefeitura. Informava, ainda, que a *Comissão de Elaboração dos Estatutos, constituída pelo Rotary Club*, havia terminado os seus trabalhos. Jornal *O Rebate*, de 25.07.1953, primeira página.

⁵ Tudo leva a crer que a direção do Rotary decidiu criar uma outra Entidade independente, no caso a SAB, por considerar que o fins da nova entidade iriam extrapolar, em muito, as finalidades desse Clube de Serviço.

que, com a fundação da *Sociedade Amigos*, a cidade de Brusque ganhava uma “entidade civil destinada a fomentar e auxiliar o desenvolvimento da progressista ‘Princesa das Indústrias de Santa Catarina’”. Para o periódico, o acontecimento revestia-se de grande importância para a vida econômica, política e social de Brusque e parabenizou a iniciativa dos fundadores da nova entidade, almejando que permanecessem todos “irmanados num só lema e ideal, trabalhando para o progresso de Brusque e pelo bem-estar de seu bom povo”.⁶

Assim, a SAB surgia no cenário da vida brusquense com o compromisso de interagir com o poder público e a iniciativa privada a fim de contribuir para o desenvolvimento da comunidade. E isto, a meu ver, é perfeitamente explicável. Numa época em que o poder público governava o município de forma simples e com pobreza administrativa franciscana – tempo de administração pública sem a sofisticação de secretarias, diretorias e chefias de estranhas nomenclaturas – tudo indica que a Casa de Brusque surgiu para suprir ou, ao menos, complementar ações e funções próprias do Estado-providência, hoje acometidas ao Município.

Princípios éticos e finalidades estatutárias da SAB

Proclamando “o culto à memória dos nossos antepassados”, assumindo o compromisso com “o mais acentuado espírito altruístico”, com o ideal de justiça, com o humanismo e inspirados no lema “de bem servir à nossa Terra e à nossa gente”, seus fundadores fizeram questão de consignar na ata inaugural que, para alcançar tão diversificados quanto difíceis objetivos estatutários, seria preciso contar com “a boa vontade de bons e verdadeiros Amigos de Brusque”. Acreditavam eles que, somente assim, a SAB se transformaria numa importante “força realizadora do desenvolvimento moral e material do nosso Povo”. Naquele momento histórico, penso que Brusque foi palco da proclamação de uma autêntica carta de elevados princípios em prol de uma sociedade de bem-estar social.

Assim, os fins estatutários acometidos à SAB, em parceria, como

⁶ Edição de 08.08.1953, primeira página.

se diria hoje, com o poder público e a iniciativa privada, estavam descritos no Capítulo II. Formavam um extenso leque de competências no campo econômico, político social e cultural. Entre diversas outras finalidades, vale destacar que competia à então recém-criada entidade trabalhar pelo desenvolvimento da indústria, da agricultura, do comércio e dos serviços em geral; envidar esforços para melhorar a educação e a saúde dos brusquenses; propugnar por reforma urbanística e pela melhoria dos transportes; amparar a velhice e zelar pela juventude de nossa comunidade.

Diante desse extenso rol de finalidades, a SAB sempre esteve presente nos principais movimentos e ações em favor do desenvolvimento econômico, político, social e cultural de Brusque.

Havia, ainda, a finalidade estatutária de se resgatar (“organização e redação”) a história e de se criar um arquivo histórico que, paulatinamente, foi sendo formado para a preservação da história da cidade e do povo de Brusque. Hoje, a missão maior da SAB é a de manter o Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.

Idealizador da SAB

Se o processo de fundação foi decidido e conduzido pelo Rotary Club - obra coletiva, portanto - é preciso deixar claro que a ideia teve origem individual, com autoria certa e definida. Tal crédito deve ser atribuído ao historiador Ayres Gevaerd, o verdadeiro idealizador do projeto de se criar a SAB. Consultei os dois únicos sócios-fundadores vivos, no momento em que este texto estava sendo elaborado, doutores Arno Ristow e João Antônio Schaefer. Ambos foram taxativos em afirmar que Ayres Gevaerd foi, realmente, o autor da proposta apresentada ao Rotary de se criar a SAB. E, mais, que trabalhou incansavelmente, enquanto seu presidente, para que a entidade cumprisse suas finalidades.

Ele próprio, numa de suas crônicas e com sua característica simplicidade, escreveu que, desde criança, sempre teve o maior interesse em ouvir a história da vida brusquense, contada por sua avó materna. Depois, já adulto, começou a guardar tudo o que se relacionava com o passado de nossa gente: “jornais, anotações, postais, fotografias, objetos”, material que, segundo informou, era “suficiente para encher alguns armários e prateleiras; para deixar pela casa aquele cheiro característico

de coisas antigas e que necessitavam ser arrumadas e coordenadas". Então, a ideia de fundação de uma entidade cultural para preservar todo esse material foi tomando vulto e contou com o apoio de outros brusquenses, que comungavam desse mesmo ideal.⁷

Tive a oportunidade, ainda, de consultar suas anotações manuscritas, redigidas em forma de memórias de sua vida e lá está, registrado de forma simples e elucidativa, que a Sociedade Amigos de Brusque tinha sido fundada "de conformidade com a sugestão que apresentei no Rotary Club local".⁸

A informação não deve surpreender, nem suscitar qualquer dúvida. Afinal, sócio fundador e frequentador assíduo das reuniões semanais do Rotary, Ayres Gevaerd ocupou todos os cargos da diretoria executiva e teve destacada participação nas ações comunitárias realizadas por esse atuante clube de serviço. E mais, por sua marcante atuação, foi eleito e tomou posse do cargo de presidente do Conselho Diretor do Rotary Clube, em 2 de julho de 1953.⁹ Não por mera coincidência, um mês depois estava criada a SAB.

Dessa forma, é fácil compreender que, associado do Rotary, Ayres Gevaerd tenha lançado a ideia – e, eleito presidente, conseguido rapidamente a aprovação de seus companheiros rotarianos – de se criar uma entidade destinada a lutar pelo desenvolvimento econômico, social e cultural de Brusque. E, especificamente, realizar o relevante trabalho de coleta e preservação dos documentos e dos objetos relativos à história de nossa comunidade, trabalho este que já vinha realizando de forma autodidática e com grande empenho.

Estava ele consciente de que era preciso preservar nossa História para as gerações futuras. E, então, para realizar esta importante missão científica e cultural, percebeu ser indispensável a fundação da entidade que viria se chamar Sociedade Amigos de Brusque – SAB, com a

⁷ Razões da Sociedade Amigos de Brusque. *Notícias de Vicente Sô. Brusque e Região. Edição Especial em Homenagem ao Centenário de Nascimento de Ayres Gevaerd.* Sociedade Amigos de Brusque. Brusque, 2012, p. 37.

⁸ *Cadernos de Anotações.* São dois cadernos a que tive acesso para pesquisa, com textos manuscritos e inéditos, sem data e sem numeração de página, nos quais o historiador registra boa parte da sua vida pessoal, familiar, profissional, bem como sua intensa atuação na vida comunitária brusquense. Atualmente, os cadernos pertencem à sua filha Maria Léa Gevaerd Backes.

⁹ *Jornal O Rebate*, de 11.07.1953, primeira página.

finalidade, entre outras, de ser a mantenedora de um museu histórico.

Além da autoria da proposta, Ayres Gevaerd integrou a comissão elaboradora dos estatutos e participou ativamente das reuniões que discutiram o texto que seria apresentado à Assembléia Geral de fundação da Sociedade Amigos de Brusque. Isso demonstra que não se limitou ao plano das ideias, mas arregaçou as mangas para trabalhar efetivamente no projeto de concretização de sua proposição.

Primeiro presidente e período de grandes realizações da SAB

Consolidação como Entidade Comunitária e Cultural

Criada a SAB, o nome de Ayres Gevaerd naturalmente e, por unanimidade, foi escolhido para presidi-la, em assembleia realizada em setembro de 1953. Ocupou este cargo, de forma ininterrupta, com a maior dignidade e legitimidade, até 1990, quando já se encontrava doente e debilitado, sem condições físicas de continuar seu abnegado trabalho.

Felizmente, foi um tempo suficiente para que Ayres Gevaerd pudesse concretizar um grande número de importantes propostas. A começar pelo minucioso e exaustivo trabalho de pesquisa para resgatar, do fundo das gavetas empedernidas da burocracia estatal, importantes documentos, que contam a história desta cidade. Desde a fundação de Brusque, quando aqui aportaram os primeiros colonos alemães comandados pelo Barão de Schneeburg, até o final do século passado, momento que já é nosso tempo histórico.

Durante esse longo período de 40 anos, graças ao competente trabalho e à extrema dedicação de Ayres Gevaerd, a SAB consolidou o seu nome como uma das entidades mais importantes na vida cultural brusquense.

Festejos do Centenário

De importância fundamental foi o trabalho da SAB, sob o comando de Ayres Gevaerd, para organizar e realizar os festejos alusivos ao Centenário de Brusque. Desde sua fundação em 1953, a SAB vinha

sendo a grande responsável pela festa de aniversário da cidade. O mesmo aconteceu em relação aos memoráveis festejos dos 100 anos de fundação de nossa cidade. Mas, diante da grandiosidade da efeméride, sabia ele, muito bem, que a SAB “não podia, sozinha, arcar com a responsabilidade das festas de 1960”.¹⁰ E registrou, em suas Anotações: “Levei muitos dias e muitas noites, até madrugada, para organizar e apresentar o anteprojeto do programa em tempo hábil. Graças a Deus, deu tudo certo.”¹¹ Apesar da sua modéstia, a verdade é que a SAB e, especialmente, Ayres Gevaerd foram os grandes organizadores e realizadores dos eventos e festas alusivas ao centenário de Brusque.

Este fato pode ser constatado pela leitura do “Relatório dos Preparativos e das Festas Comemorativas do Primeiro Centenário de Brusque”, onde ficou registrado, de forma minuciosa, que tudo começou a ser preparado e organizado em 4 de agosto de 1956, numa importante “Assembleia Geral Popular pró-Centenário”, presidida por Ayres Gevaerd e realizada no Cine Coliseu. Naquela ocasião, ele próprio apresentou um extenso e detalhado plano de atividades e eventos a serem cumpridos, a cargo das diversas subcomissões de trabalho, a fim de se comemorar a data do centenário com uma grandiosa programação.¹²

O texto do referido relatório deixa evidente que a SAB não só participou, ativamente, como foi a principal organizadora e condutora dos festejos comemorativos ao centenário de Brusque, que começaram três anos antes e se prolongaram por todo o ano de 1960.¹³ E, isto, sob a presidência de Ayres Gevaerd.

10 Caderno de Anotações.

11 Idem.

12 A Revista Notícias de Vicente Só, n. 11, Jul-Set, 1979, publicou a primeira parte do extenso Relatório dos Preparativos e das Festas Comemorativas do Primeiro Centenário de Brusque, p. 77-83. Os números seguintes da Revista publicam as outras partes. Consta do documento que a realização da “Assembleia foi determinada em reunião da diretoria da Sociedade Amigos de Brusque e Comissão Central provisória composta pelo Prefeito Municipal, presidente da Câmara de Vereadores e presidente da Sociedade Amigos de Brusque, comissão que mais tarde seria oficializada pelo decreto municipal n. 11”, p. 77-8.

13 “A Sociedade Amigos de Brusque, fundada em 4 de agosto de 1953, realizando exposições de arte, fotográficas e documentos, instalando a galeria de pessoas ilustres de nossa Comunidade e cuidando com carinho da organização da história de Brusque, preparava ambiente e condições favoráveis junto à população brusquense”. Idem.

Sede própria: Ayres Gevaerd, o benfeitor da SAB

Cumprida a participação na festa do centenário e com um importante acervo documental e fotográfico a ser devidamente preservado, Ayres Gevaerd soube bem compreender a necessidade de se construir a sede própria da SAB, a fim de ali abrigar o seu Museu Histórico. O ponto de partida haveria de ser, necessariamente, a aquisição de um terreno para, depois, ser lançada a campanha em favor da construção de um prédio que permitisse instalar adequadamente a casa museal.¹⁴ Sem um terreno de sua propriedade, ficaria muito difícil para a entidade cogitar de uma sede própria.

Diante disso, soube compreender, também, que a superação desse enorme obstáculo inicial estava a exigir uma ação exemplar. Demonstrando seu imenso apreço pela Entidade que presidia e que ajudou a fundar e seu profundo espírito altruístico, não hesitou em fazer ele próprio a doação do terreno de grande valor, situado na região central de Brusque, onde se encontra construída a sede da SAB, que abriga o importante e rico acervo do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.¹⁵

Veio a campanha de construção da sede, que exigiu muito trabalho, muita dedicação do então presidente Ayres Gevaerd, mas que resultou vitoriosa, quando aconteceu a festa memorável da inauguração do prédio, em 4 de agosto de 1971. Conforme deixou ele registrado, os momentos vividos no dia da inauguração foram “inesquecíveis, fixados em flagrantes fotográficos e registros que se encontram devidamente arquivados”.¹⁶

Já escrevi, em outra ocasião, “que, construir a sede da sua tão amada

¹⁴ Em suas memórias, já citadas, escreveu: “Passadas as festas [de inauguração], um grande problema: como consolidar a Sociedade Amigos de Brusque? Havíamos ocupado já, três lugares para o seu funcionamento a título provisório. Havia necessidade de guardar a História e o trabalho de nossa gente em lugar adequado e digno, possibilitando acesso a todos os pesquisadores e visitantes”. *Caderno de Memórias*.

¹⁵ Registrou essa bela ação de filantropia cultural, de forma simples: “Evelina e eu combinamos a transferência de nossos bens a nossos filhos. E por que não um pedaço de terra para possibilitar a SAB erguer sua Casa? A diretoria procurava um terreno adequado para comprar ou receber por doação. Formalizamos tudo, cabendo à SAB uma área de 1.404,00m²”.

¹⁶ *Cadernos de Memórias*.

SAB, foi um dos maiores feitos de Ayres Gevaerd. Não só pelas boas instalações físicas apresentadas pelo prédio. Mas, porque, terminada a construção e inaugurada a Casa de Brusque, estava ele seguro de que todo o acervo documental da história brusquense, que tanto trabalho e sacrifício custou para ser levantado, ficaria a salvo e preservado para servir à presente e às futuras gerações”.¹⁷

Formação dos acervos e criação do museu histórico

Todo o precioso conjunto documental e fotográfico, que hoje integra o importante acervo do Museu Histórico do Vale do Itajaí Mirim - a meu ver, a grande paixão de Ayres Gevaerd – foi coletado com a efetiva participação de Ayres Gevaerd. A pesquisa por ele realizada já vinha de muito tempo, mas foi intensificada com os trabalhos para levantar informações históricas para o Album do Centenário. E foi muito além, resgatando importantes documentos da história da comunidade brusquense.¹⁸

Em Florianópolis, a fim de publicar o primeiro livro editado pela SAB, o historiador Osvaldo Cabral realizou importante pesquisa no Instituto de Terras do Estado de Santa Catarina e ali descobriu os principais documentos oficiais relativos à administração da Colônia Itajahy-Brusque.¹⁹

¹⁷ *Notícias de Vicente Só, Brusque e Região. Edição Especial em Homenagem ao Centenário de Nascimento de Ayres Gevaerd.* Sociedade Amigos de Brusque. Brusque, 2012, p. 14.

¹⁸ Escreveu que “as pesquisas feitas na cidade e no interior do município, eu as acompanhei todas, junto com os ilustres professores”, encarregados do Album do centenário. *Cadernos de Anotações.*

¹⁹ A pesquisa serviu para o autor escrever – *Brusque: Subsídios para a História de uma Colônia nos Tempos do Império*, editada em 1958, pela SAB e comemorativa do 1º Centenário da Fundação da Colônia. Trata-se, a meu ver, da mais importante obra sobre a história da época colonial brusquense. Ayres Gevaerd deixou registrada sua imensa alegria ao receber a notícia dessa histórica descoberta, que “causou muita emoção e entusiasmo a carta de 30/08/1957, firmada pelo historiador Osvaldo R. Cabral, quando encontrou em Florianópolis vasta documentação”; dos tempos da Colônia Itajaí. *Caderno de Memórias.* Sob sua presidência, SAB, editou também o livro de Valter Piazza, *Folclore de Brusque*, além do importante *Album do Centenário.* As edições foram custeadas, em grande parte, com a ajuda de diversas pessoas, mas

Penso que, sem seu valioso e incansável trabalho de pesquisa documental e seu extraordinário conhecimento dos fatos que marcaram a vida brusquense, estaríamos hoje órfãos de boa parte do acervo documental relacionado aos fatos mais importantes da história desta cidade. Com extrema perseverança, Ayres Gevaerd fez um minucioso trabalho de pesquisa e conseguiu resgatar, do fundo das gavetas empedernidas da burocracia estatal, importantes documentos, que contam a história desta cidade. Desde a fundação de Brusque, quando aqui aportaram os primeiros colonos alemães comandados pelo barão de Schnéeburg, até o final do século passado, momento que já é nosso tempo histórico.

Todo esse precioso conjunto documental integra o importante acervo do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, que foi a grande paixão de Ayres Gevaerd e, creio, sua maior realização. Graças a ele, lá está guardado o primeiro relatório escrito pelo barão de Schnéeburg, descrevendo com detalhes as dificuldades e o enorme trabalho realizado para o assentamento dos primeiros emigrantes alemães, na Colônia Brusque. Considero este documento, redigido na impecável caligrafia do Barão, como a certidão de batismo de nossa cidade.

Reunido o acervo, era necessário preservá-lo em local apropriado e isto somente veio a ocorrer em 4 de agosto de 1971, quando da inauguração da sede da entidade e abertura do museu ao público. Em 1973, por decisão da diretoria, a denominação oficial de Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.²⁰

Sem dúvida, o Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim foi a grande paixão de Ayres Gevaerd e, creio, sua maior realização.

Publicação da Revista *Notícias de Vicente Só*

Outra importante realização da longa gestão presidida por Ayres

não foram suficientes para pagar o total da despesa. Por isso, Ayres Gevaerd teve "de recorrer, não poucas vezes, ao Caixa da Relojoaria para pagar as prestações aos editores de São Paulo e de Blumenau". Caderno de Anotações.

²⁰ Reunião da diretoria, realizada em 14.10.1973. A ata refere-se, apenas, à "denominação oficial", sem esclarecer em que data teria ocorrido a abertura do museu. É provável que este já viesse recebendo visitas, informalmente, desde a inauguração da sede própria da SAB, em 04 de agosto de 1971.

Gevaerd que merece ser destacada é a revista *Notícias de Vicente Só* que, com este número, chega à sua 61ª edição. Fundada em 1977, para homenagear o primeiro habitante de nossa terra, que aqui viveu de forma pioneira, a Revista tem se constituído num importante veículo de divulgação dos principais documentos da História de Brusque – inclusive dos primeiros documentos manuscritos relativos à antiga Colônia Itajaí - arquivados e preservados no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.

A Revista tem sido, também, um espaço de discussão, de análise crítica e de publicação de artigos científicos e trabalhos acadêmicos produzidos por historiadores e pesquisadores sobre a História de Brusque e do Vale do Itajaí-Mirim.

Como veículo de comunicação, a Revista tornou-se referência em pesquisa para estudiosos, professores e alunos de escolas e Universidades que buscam o conhecimento do processo histórico da região do Vale do Itajaí-Mirim. Em consequência, os artigos e ensaios ali publicados constituem importantes fontes de consulta para a formação do saber científico na área da História e da cultura em geral.

Outras ações e realizações

Sob os seus 40 anos de sua presidência, muitas foram as ações na área cultural, política e econômica realizadas pela SAB. Muitos, também e quase todos, foram os movimentos comunitários nos quais a entidade participou ativamente ou esteve na liderança. Para não alongar demasiadamente este texto, vejo-me no dever de mencionar, apenas, algumas que considero como de maior destaque ou relevância: instituição do brasão do município, projetado por Henrique O. Wiederspahn; edição dos dois livros e do Álbum do Centenário, já mencionados²¹; criação da Biblioteca Ary Cabral; criação da Associação dos Municípios do Vale do Itajaí e tantas outras realizações.

Por ter sido seu idealizador, atuado para a sua criação e, como presidente da entidade, trabalhado incansavelmente por 37 anos, para a realização de suas grandes obras, o nome de Ayres Gevaerd está indiscutivelmente associado à existência da SAB, que hoje é a referência museológica da história de Brusque e do Vale do Itajaí-Mirim. Em

²¹ Ver nota de página 18, acima.

reconhecimento por tudo isso é que foi distinguido com a Presidência de Honra da SAB e sua figura extraordinária estará sempre presente na história desta entidade e da própria cidade de Brusque.

Como escrevi em outra ocasião, "Ayres Gevaerd foi uma pessoa verdadeiramente extraordinária e iluminada. Além de sua atividade na área da relojoaria e da joalheria, consagrou-se como o mais importante historiador brusquense e nos legou a mais preciosa das jóias: a possibilidade de conhecermos nosso passado, nossas raízes, nossa memória histórica".



Fachada atual da Casa de Brusque, na Rua Otto Renaux, 285.
Acervo: SAB

Preservar para contar

Por Carina Machado Leite¹

As centenas de pessoas que passam diariamente em seus veículos pelo número 285 da avenida Otto Renaux e percebem a casa enxaimel cercada pelas hastes finas de ferro verde, nem sempre se dão conta que ali, há 60 anos, são guardadas as raízes da cidade de Brusque. Muito mais do que isso, que naquele espaço estão preservados sonhos, medos e a perseverança das primeiras famílias que desbravaram o vale verde-

¹ Jornalista, formada em 2004 no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí - Univale. Atuou em jornalismo diário por sete anos. Foi vencedora dos prêmios de jornalismo da Fatma, categoria regional, em 2009 e 2011, e do prêmio de jornalismo estadual Unimed, em 2012. Atualmente atua na Assessoria de Comunicação da Câmara Municipal de Brusque e integra a equipe da Ideia Comunicação Corporativa.

jante. Eram esses sentimentos que emocionavam seu Ayres Gevaerd todos os dias. Intranquilo, perdeu noites de sono preocupado em resgatar a história dos primeiros imigrantes, e preservá-la para que fosse contada e recontada aos quatro cantos da cidade, Estado e País. Foi com esse entusiasmo que ele reuniu amigos e depois de muitas rodas de conversa fundou a Sociedade Amigos de Brusque, mais conhecida como Casa de Brusque.

A filha Lea Gevaerd Backes tinha 9 anos quando a Sociedade foi fundada, mas lembra das primeiras reuniões que seu pai Ayres participou. "Nós morávamos na cidade e às terças-feiras eles se reuniam no Edifício Mattioli, que hoje já não existe mais, era perto da ponte Irineu Bornhausen. Meu pai não costumava sair muito, ia aos seus compromissos e logo voltava. Ele comentava alguma coisa em casa, era bastante entusiasmado, mas percebíamos muito isso quando o víamos com os amigos. Só mais tarde, quando ele começou a construir aqui onde hoje está a Casa de Brusque, é que ele passou um pouco mais esse sentimento pra gente (família)", revela.

O terreno na Otto Renaux, foi doado por seu Ayres, e até a conversa que teve com a esposa sobre o assunto, foi relatada em um dos sete cadernos que escreveu sobre a Sociedade, todos guardados com carinho pela família. "A Casa foi construída com muito trabalho e suor dos amigos. Teve também a participação do sr. Osvaldo Cabral, que doou recursos da venda de seu livro sobre a história de Brusque e também do senhor Valter Piazza, que reverteu a verba da venda de seu livro 'Folclore' para cá", comenta Lea.

"Ele vinha aqui sozinho e ficava horas sentado olhando os documentos e imaginando toda essa gente que veio de tão longe e se doou. Ele dizia que tinha uma imensa vontade de chorar, se emocionava muito com isso, está escrito em um de seus cadernos, suas lembranças", conta a filha.

Seu Ayres se despediu desse mundo em 1996. Sofria de Mal de Parkinson e principalmente no último ano de vida, não visitava mais a Casa de Brusque. "Chegava na frente e ele parava, travava, não queria entrar. Numa dessas vezes ele entrou e assinou o seu nome no livro de visitas, foi a última vez que ele manifestou vontade. Quem ver a assinatura não reconhece que é a dele, mas eu sei que é", diz Lea.

Sonho realizado

“O Ayres foi um homem extraordinário por fundar a Sociedade Amigos de Brusque, coletar toda essa documentação que hoje consta no arquivo histórico. E além disso, ele tinha uma parte administrativa direta na Casa, ele fazia as cobranças. Ele anotava os bilhetinhos e ia nas diversas empresas para cobrar. Passava talvez 15, 20 dias nesse trabalho. Depois chegava aqui e separava o pagamento da água, da energia, tudo era contado na época. Foi nesse período que eu passei a ter uma convivência maior com a Casa de Brusque. Sempre gostei dessa atividade. Nós fazíamos o que eu sempre falo de assembleia de três. Publicávamos o edital convocando os sócios, mas no dia da assembleia estava aqui o Ayres, seu Horst Schlösser e eu, (Risos). O pessoal participava, mas não tinha o interesse direto. Às vezes vinha um ou outro”, revela seu Antônio Cervi, 80 anos.

Teve uma ocasião em que o seu Horst viajou para Europa e voltou de lá com uma máquina fotográfica de última geração. “Aí ele disse: ‘agora eu trouxe uma coisa muito importante, vamos tirar uma foto’. Daí ele tirou uma foto do Ayres e eu. Depois tiramos dele e do Ayres e minha e dele. Depois ele ligou a máquina no automático e saiu a foto de nós três juntos”, lembra com entusiasmo.

Um fato preponderante da Casa de Brusque, nesse tempo todo, segundo Cervi, foi que Ayres tinha um sonho de construir uma casa enxaimel, porém, havia necessidade de recursos. Quando Jorge Bornhausen foi Ministro da Educação, tendo ele uma ligação muito grande com o então prefeito Cyro Gevaerd, que também fazia parte da diretoria da Casa, surgiu a ideia de fazerem um projeto para angariar recursos para a construção. “Tivemos dificuldade para fazer o projeto. Fomos na rua São Pedro, onde havia uma construção, seu Horst fez fotos e foi feito o projeto pelo pai do marido de dona Lea, que foi um grande construtor. O projeto foi enviado e conseguimos o recurso. O Ayres ficou feliz da vida. Foi construída a casa, ela está aí até hoje. Tivemos a infelicidade de alguns problemas, já que não se conhecia bem as técnicas para construção enxaimel, ela apresentou algumas rachaduras com o tempo. As construções antigas tinham a técnica onde as madeiras eram amarradas, e a nossa foi pregada. Mas a estética é essa. Havia muitas na rua São Pedro e em Guabiruba, não sei se existem ainda.

Desse tempo que estive aqui a construção da casa enxaimel foi o grande sonho realizado”, ressalta Cervi.

Outro sonho de Ayres era equipar a casa com todos os móveis dos imigrantes. Aí veio a parte difícil. “Fizemos alguns contatos, mas não foi possível. Tentamos mais tarde um convênio com uma faculdade, para ter o auxílio dos estudantes em resgatar a história e reconstruir esses móveis, mas o projeto não foi além”, lembra Cervi, que conviveu por muitos anos com Ayres e Horst.

Amizade e um mesmo ideal

Horst Schlösser e Ayres Gevaerd eram muito amigos, os mais envolvidos na Sociedade Amigos de Brusque. O entrosamento entre os dois acabou motivando outros amigos a resgatarem a história da cidade. Marcus Schlösser ainda guarda na memória a cena do pai saindo para ir às reuniões com os amigos, ou ainda os encontros para o tradicional jogo de cartas, onde o assunto Sociedade Amigos de Brusque sempre surgia. “Os dois casais jogavam pelo menos uma vez por semana, às sextas-feiras à noite, em nossa casa. Era uma forma de trocar figurinhas sobre a Sociedade, para desespero da minha mãe Dorly e da esposa de seu Ayres, dona Evelina”, comenta Marcus, com graça.

Seu Horst sempre teve consciência da importância da história. Como viajava muito, graças ao próprio trabalho onde estava envolvido com exportação, aproveitava essas viagens para pesquisar dados sobre o início da industrialização de Brusque. “Lembro dessa ansia, dessa vontade dele em descobrir esses documentos e dados, o que era muito difícil na época. Na década de 1990, quando caiu o muro de Berlim e a Cortina de Ferro, e se pôde ter acesso à Alemanha, Europa Oriental, é que muitas coisas ficaram mais esclarecidas e conseguiu-se mais documentos e dados”, revela Marcus, que após a morte do pai, em 1990, passou a envolver-se mais com a Sociedade Amigos de Brusque.

Para ele, o maior legado dos amigos Ayres, Horst e de todos os envolvidos, foi a conscientização de toda sociedade brusquense quanto à importância de sua própria história. “Quem não conhece profundamente a sua história é muito pobre em condições para sua própria vida e para o projeto enquanto comunidade. Os valores estão mudando e fica mais difícil passar isso para as novas gerações. Esse foi o legado deles,

que ficou, e nós temos a obrigação de fazer com que não só nossos descendentes, mas todos, já que Brusque hoje é uma cidade formada por pessoas de várias origens, se envolvam nesse processo. Não é a questão de manter um arquivo, uma biblioteca histórica, é muito mais do que isso. Temos que conscientizar para sabermos de onde viemos e para onde vamos”, enfatiza.

Quando a pergunta é o futuro da Casa de Brusque, ele é enfático. “Existem duas vertentes que têm que ser trilhadas paralelamente: primeiro atuar nessa conscientização, segundo, é com relação a uma profissionalização necessária no trato de documentos. Isso até agora foi sendo compilado e colocado lá, mas é preciso preservar, catalogar e disponibilizar. Temos muitas fotos a serem identificadas. Precisamos colocar isso de forma sistemática e profissional. Houve até agora uma dedicação extrema, mas precisamos dar um passo maior. Digitalizar nossos arquivos, ter um backup de tudo isso. Claro que isso exige recursos, mas precisamos avançar. Um não acontece sem o outro. Se nós enquanto cidade não dermos importância a isso, não teremos os recursos necessários para realizar, e principalmente pessoas que se disponibilizem a doar o seu tempo para fazerem esse trabalho. Eu diria que está havendo uma revitalização da Casa de Brusque em todos os aspectos. Escolas, instituições de ensino estão plantando a semente da necessidade de valorização e preservação desse passado, para que seja usado para o futuro. Estou extremamente animado com o atual momento pelo qual passa a Sociedade Amigos de Brusque, pelo envolvimento de pessoas, e agora pela possibilidade de capilarizar isso principalmente via escolas e instituições de ensino”, completa.

O grande legado

“Naquela fundação participaram praticamente todas as figuras de destaque da comunidade, e hoje em dia é difícil fazer com que as pessoas participem da Casa de Brusque”. A frase é um desabafo de Úrsula Rombach. Aos 80 anos, ela acompanhou de longe as notícias que corriam pela cidade a respeito da Sociedade Amigos de Brusque. Anos depois, passou a ter mais contato a partir da publicação da Revista Notícias de Vicente Sô. Funcionária da antiga Souza Cruz, era ela quem datilografava, na máquina de escrever elétrica, os artigos para

a revista. Eram principalmente transcrições dos ofícios de Barão de Schneeberg. “Durante muitos anos e também depois de me aposentar, eu datilografava os textos. A Sociedade era um ideal do seu Ayres Gevaerd que envolveu várias pessoas nisso e se importou em resgatar muito de nossa história”, lembra.

Úrsula tem absoluta certeza de que se a Sociedade não existisse, todo acervo histórico estaria perdido e “nós não teríamos conhecimento correto da nossa história, como muitos outros municípios que hoje estão na quarta, quinta geração não têm, ou seja, não sabem mais como foi a fundação de sua cidade, pois não há mais ninguém aí para contar”.

O que ela vislumbra para o futuro é o mesmo que Marcus, Arno, Antônio, Lea, e todos os envolvidos com a Sociedade Amigos de Brusque: uma conscientização geral na cidade para a grande riqueza que está preservada em forma de documentos, registros e fotos nas prateleiras e salas da Casa de Brusque. A história de nossa cidade, como tudo começou, se desenvolveu e prosseguiu está ali, cabe a cada um de nós preservar.

Depoimento *Importância histórica*

“A Sociedade Amigos de Brusque é uma associação de relevante importância histórica para Brusque. Sua função primordial é compilar episódios que, se não forem registrados, sumirão definitivamente da memória no decorrer do tempo. O cidadão brusquense do século passado, Ayres Gevaerd, tratou de evitar que fatos históricos de Brusque caíssem no esquecimento. No transcorrer dos anos tornou-se a história viva da cidade. Perseverante em suas pesquisas, incansavelmente ia à procura de documentos antigos que remontam à origem de Brusque. Vasculhava repartições públicas municipais e estaduais. Interessavam-no, sobretudo, documentos deixados pelo fundador de Brusque, Barão vonSchneeberg, oficial austríaco, contratado pelo Imperador Dom Pedro II para fundar uma colônia de imigrantes alemães no vale do rio que desemboca em Itajaí. Nos mapas antigos, elaborados antes da fundação de Brusque, consta como “Rio navegável mas inexplorado”. Anos após a fundação de Brusque foi denominado “Rio Itajaí-Mirim (termo indígena que significa “pequeno”), em contraposição ao Rio

Itajaí-Açu (=grande), que passa por Blumenau.

Em suas incansáveis investigações, Ayres encontrou relatórios e relatos escritos de próprio punho pelo Barão, em impecável caligrafia. Todo esse importante acervo encontra-se hoje em dia na Casa de Brusque.

Ayres Gevaerdera joalheiro e relojoeiro competente e comerciante muito honesto. Quem quisesse adquirir uma peça de valor inestimável, pedia-o para encontrá-la no respectivo mercado.

Quando celebrei noivado com Ally Odette von Buettner, em dezembro 1938, fui ao amigo Ayres e lhe disse:

- Ayres, eu desejo presentear minha noiva com um belo jogo de porcelana fina, você pode encontrar isso no comércio?

- Pois não, com o maior prazer, respondeu ele.

Pouco tempo depois, chamou-me à sua loja e lá estava um bellissimo jogo de porcelana, marca Rosenthal, de 100 peças. Adquiri-o sem hesitar. Ally Odette ficou encantada e guarda-o cuidadosamente ainda hoje na cristaleira; considera-o uma preciosidade. Só o põe na mesa em ocasiões festivas, quando a família e amigos se reúnem em nosso apartamento para comemorar alguma data extraordinária.

Apesar de seus múltiplos afazeres de joalheiro e relojoeiro, Ayres sempre reservava tempo para dedicar-se a pesquisas sobre os primórdios históricos de sua cidade natal. Em 1951, após sugestão feita em reunião ordinária do Rotary Club local, reuniu-se comigo, Cyro Gevaerd, Guilherme Renaux e José Boiteux Piazza para estudo e elaboração de estatutos de uma associação que se dedicasse primordialmente ao registro de fatos e episódios relativos à história de Brusque.

A assembleia oficial de fundação foi realizada em 4 de agosto 1953, na Prefeitura Municipal, quando foram lidos, discutidos e aprovados os estatutos da Sociedade Amigos de Brusque. Estiveram presentes a esta reunião de fundação as seguintes pessoas, inclusive representantes de duas instituições: Ayres Gevaerd, Arno Ristow, Adolfo Walendowsky, Anibal Diegoffli, Axel Krieger, Arnoldo Bauer Schaefer, Alfredo Koehler, Aldo Krieger, Armando Polli, Antônio Teixeira Dias, Antônio Heil, Arthur Appel, André Brenneisen, Belisário Ramos, Bernardo Stark, Carlos Moritz, Cyro Gevard, Egon Tietzmann, Érico Krieger, Érico Appel, Euvaldo Schaefer, Guilherme Niebuhr, Guilherme Renaux, Horst Schlösser, Ingo Arlindo Renaux, José Vieira Côrte, José Piazza, José Antônio Schaefer, Jorge Levy Malty, Luiz Strecker, Lauro Müller,

Mário Olinger, Monsenhor Afonso Niehues, Oscar Gustavo Krieger, Otto Niebuhr, Padre Luiz Gonzaga Steiner, Padre Dorvalino Elói Koch, Padre Raulino Reitz, Remaço Fischer, Roberto Hartke, Rodolpho Victor Tietzmann, representantes do Rotary Club de Brusque e da Sociedade Musical Concórdia, Tasso Rodrigues da Cruz e Walmir Diégoli.

No mês seguinte, em setembro de 1953, foi eleita e empossada a primeira diretoria da Sociedade Amigos de Brusque; assim constituída:

Diretoria Executiva

Ayres Gevaerd - Presidente

José Boiteux Piazza - Vice-presidente

Cyro Gevaerd - Primeiro-secretário

Armando Polli - Segundo-secretário

Antônio Heil - Primeiro-tesoureiro

Walmir Diégoli - Segundo-tesoureiro

Membros Efetivos do Conselho - Arno Ristow, Arthur Kistenmacher, Arthur Schlösser, Guilherme Renaux, Monsenhor Afonso Niehues

Membros Suplentes do Conselho - Euvaldo Schaefer, Érico Appel, Oscar Gustavo Krieger, Pedro Morelli, Rodolpho Victor Tietzmann.

Hoje em dia a Sociedade Amigos de Brusque mantém Casa de Brusque, que guarda os mais valiosos documentos da história de nossa cidade. Foi Ayres Gevaerd também que criou a revista Notícias de Vicente Só, assim chamada em homenagem ao eremita que lá, no sopé do morro da Sociedade Esportiva Bandeirante, já estava estabelecido quando chegaram os primeiros imigrantes alemães, em 4 de agosto de 1860".

ARNO RISTOW

Fundador e ex-Diretor do Colégio Cônsul Carlos Renaux

Advogado - OAB/RJ



O pracinha Ervin Riffel em outubro de 2013.
Acervo: Thayse Helena Machado.

“Nós lutamos pela democracia”

**De setembro a setembro, Ervin Riffel
conta como foi o ano em que lutou
na Segunda Guerra Mundial**

Por Thayse Helena Machado¹

Era 1939. O mundo estava pela segunda vez em guerra. Uma disputa orquestrada pela Alemanha nazista, a Itália fascista e o império

¹ Thayse Helena Machado é jornalista, formada pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. É especialista em Gestão da Comunicação Pública e Empresarial, pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. Trabalhou como repórter de política no Jornal Município Dia a Dia e atualmente é assessora de Comunicação Social do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE.

nipônico, cujas doutrinas expandiam-se em ações militares. Por aqui, o presidente Getúlio Vargas ditava as regras do chamado Estado Novo. Inicialmente assistia o conflito de longe, mas pressionado pelos Estados Unidos e após o naufrágio de navios brasileiros no Atlântico, supostamente atingidos por submarinos alemães, o nacionalista Vargas declarou seu apoio aos aliados americanos, ingleses e soviéticos, em agosto de 1942.

Pela falta de treinamento e estrutura, somente dois anos depois é que os militares brasileiros conheceram as batalhas de perto em solo europeu. Os 25.334 pracinhas da Força Expedicionária Brasileira – FEB, comandados pelo general João Batista Mascarenhas de Moraes, chegaram quase no fim do conflito, mas foram decisivos para o seu desfecho.

Quando a guerra terminou, em 1945, deixou 40 milhões de mortos e cidades inteiramente destruídas. A FEB também contabilizou as baixas: 450 praças, 13 oficiais e oito pilotos. Já os feridos brasileiros somaram aproximadamente 12 mil homens.

Aqueles que voltaram para casa trouxeram a vitória na bagagem e descobriram que sua luta mudaria também o rumo da história do país, pois a participação do Brasil no combate colocou em xeque o governo de Getúlio Vargas, que mais tarde foi deposto.

O brusquense Ervin Riffel tinha 22 anos quando foi convocado para lutar na guerra e voltou dela sem nenhum ferimento. As marcas do combate ficaram na lembrança. Foram dias de fome, frio, sangue e ideais. “Nós lutamos pela democracia”, enfatiza.

Descendente alemão, Ervin guerreou contra suas origens. Virou Ervino. Nome mais brasileiro em um tempo em que o sotaque europeu não era bem visto aos olhos de Brusque. Hoje, aos 94 anos, ele mora com uma filha e tem uma namorada, Natália.

Recorda a guerra como se tudo tivesse acontecido ontem. Cita datas, pessoas e sente uma pontinha de orgulho por ter escrito seu nome na história. Esta entrevista, ele concedeu em uma manhã de outubro na sala de sua casa. A cada palavra dita a Europa ficava mais próxima e a guerra parecia não ter terminado. Quando nos despedimos o abraço foi de paz, do jeito que ele quer o mundo, para sempre!

Confira os principais trechos da nossa conversa:

Como o senhor ficou sabendo que ia para a guerra?

Eu servi em 1941 no Batalhão de Blumenau. No fim do ano dei baixa e fui trabalhar na firma Renaux. Em janeiro de 1943, fui convocado para a guerra. Enviaram carta para todos que serviram naquele ano. Os últimos a dar baixa foram os primeiros a serem convocados, pois ainda tinham prática.

A convocação foi uma surpresa ou o senhor já esperava?

Já esperava, porque haviam prendido todos que tinham vindo da Alemanha e moravam em Brusque. Não podia falar alemão ou italiano. Já tinham declarado guerra porque os inimigos tinham afundado uns 14 navios nossos. Navios cargueiros e de passeio. Então, o Brasil declarou guerra contra Alemanha, Itália e Japão. Ai convocaram muitos reservistas para fazer inspeção de saúde, porque tinha que estar muito bem para ir para a Itália, onde eu fui, pois era muito frio lá. Não podia ter nem um dente estragado na boca. Fizemos a inspeção de saúde várias vezes para eles verem se nós éramos bons mesmo para irmos. Alguns tinham pé chato, e já não iam, porque tinha que caminhar muito na guerra.

Quantos pracinhas de Brusque foram para a Europa?

Fomos em 48 aqui de Brusque e do Brasil tinha 15 mil na linha de frente e 10 mil no depósito, onde faziam treinamentos. Quando faltava gente na linha de frente por causa dos mortos e feridos, tiravam do depósito e levavam para a linha de frente.

Como foi a despedida da família?

Foi difícil, principalmente para a minha mãe. Ela chorava muito. Eu tinha cinco irmãos. Aos domingos, todos iam à missa e as mães que tinham filhos na guerra se encontravam para contar se tinham recebido carta. Quando nós saímos do Rio de Janeiro, tinha uns traidores, aqueles que eram a favor da Alemanha. Eles não podiam saber o dia de embarcarmos, senão combinavam com os alemães para mandarem os submarinos. Por isso, algumas vezes pegamos o trem, fomos até o porto e ficamos horas lá para enganá-los. Para não saberem o dia certo que íamos embarcar. Ai tínhamos que escrever para casa, para que não escrevessem-nos mais, que não íamos receber as cartas. Não tínhamos endereço da Itália e nem sabíamos ao certo onde íamos ficar. Na ver-

dade, nem sabíamos se íamos para a Itália ou para a África.

Depois de embarcarem, foram quantos dias de viagem?

Embarcamos no Rio de Janeiro e foram 16 dias de viagem até Nápoles, na Itália. De lá foram mais dois dias e meio com navios menores, aqueles de invasão dos ingleses. Depois, mais dois dias e meio até Livorno de navio pequeno, porque era uma zona de guerra muito perigosa. Se afundassem um navio tinha pouca gente. Eram 300 pessoas em cada um, mas daqui para lá foram cinco mil em cada navio. Chegamos em Livorno e os americanos já nos esperavam. Tinham armado barracas para nós e tudo. Chegamos muito cansados da viagem. Era antes do meio dia e a tarde passaram dois aviões por cima de nós no acampamento. Pensamos: esta noite eles vêm nos bombardear. Então, os comandantes mandaram cavar trincheiras, porque desconfiavam que a noite os aviões voltariam, mas o meu comandante disse que não mandaria soldado nenhum fazer trincheira. Quem queria podia fazer, mas ele não daria a ordem. Então ninguém da minha companhia fez. Por sorte os inimigos não vieram naquela noite.

Como foram os primeiros dias na Itália?

Ficamos um mês para nos recuperarmos da viagem e fazermos instrução com as armas dos americanos. Recebemos deles uma porção de roupas por causa do inverno que estava perto de chegar. Depois, os comandantes das companhias foram chamados para a linha de frente para ver onde nós iríamos entrar em combate. Meu comandante disse que íamos pegar uma linha de frente muito ruim: Monte Castelo. Os soldados que tinham chegado um mês antes não conseguiram tomar o local e então lançaram nós, que éramos recrutas e nunca tínhamos guerreado. "Botaram nós lá" e também não conseguimos. Morreu muita gente. Estávamos quase em cima do morro, mas tivemos que recuar porque tinham muitos mortos e feridos.

Como era o armamento que vocês utilizavam?

Era do petrecho, que era um pelotão de armas mais pesadas na companhia. Tinha a companhia de fuzileiros e um pelotão de petrecho, que era metralhadora .30, morteiro .40 e bazuca para atirar nos tanques. Eu trabalhava com esse pelotão. Essas armas nós aprendemos a usar

lá, porque não tinham aqui. Recebemos armamento lá, pois fomos desarmados no navio.

Qual foi o momento mais difícil enquanto o senhor esteve na guerra?

O momento mais difícil foi no fim da guerra. Em 14 de abril de 1944 os comandantes aliados e o nosso comandante mandaram mensagens para nós soldados, para nos prepararmos espiritualmente, porque iria começar a grande ofensiva: a Ofensiva da Primavera. E então iríamos até o fim, sem parar. Diziam que um animal mortalmente ferido ainda podia ser muito perigoso. Quando chegou aquela data nós começamos a atacar a cidade de Montese, e, logo depois, fomos pegar o Vale do Pó, no norte da Itália. Nós tomamos a cidade de Montese e foi muito duro. Foi a batalha mais pesada que lutamos na Itália. O meu batalhão foi o primeiro a entrar em combate. Depois que tomamos a cidade de Montese, nós brasileiros conseguimos cercar uma divisão de alemães. Eram 14 mil. Cercados, não podiam mais fugir. Eles iam para a Suíça. Então o nosso coronel mandou uma mensagem para que eles se rendessem e parassem o combate, pois estavam totalmente cercados. Se não se entregassem seriam atacados e mortos. Eles mandaram a resposta que não iam se entregar.

Como foi enviada a mensagem?

Foi um padre católico da Itália que levou a mensagem para eles. Esperamos um dia e o coronel mandou outra mensagem dizendo que para evitar mais derramamento de sangue e muitos mortos era melhor se entregarem. Vieram dois generais, um alemão e um italiano, e se renderam. Assinaram a rendição incondicional. Entregaram-se para nós com as armas e tudo. Daí para frente nós avançávamos, mas encontrávamos pouca resistência. A maioria nós prendemos, pois se entregou.

Além de Montese, a batalha de Monte Castelo também foi difícil?

Sim. Quando chegou o inverno nós não podíamos atacar o Monte Castelo porque era muito frio e não dava. Enquanto isso, os americanos prepararam uma divisão de montanhas para guerrear junto com a gente. Depois, quando saiu a neve, o primeiro regimento de infantaria do Rio de Janeiro foi escalado para tomar o Monte Castelo e os americanos

que estavam treinados para lutar nas montanhas foram tomar a cidade de Montese, que era outro morro ao lado do Monte Castelo, no lado esquerdo. Quando atacávamos o Monte Castelo, e tinha muito soldado ferido, eles (inimigos) mandavam soldados do outro monte para o Monte Castelo, para ajudar os alemães. Por causa disso, nunca conseguimos tomar o Monte. Eles estavam entrincheirados. Eles fūraram o morro por trás e saíram na frente só para colocar as armas. Ai viam todo o nosso movimento em baixo do Monte Castelo. Quando tinha um dia de sol os americanos faziam fumaça para formar uma neblina para não atrapalhar o nosso movimento de levar munição e armamento para a linha de frente.

Os soldados que morriam eram levados para algum local específico?

De primeiro, quando chegamos, nossos oficiais e comandantes nem se lembraram de ter um cemitério para enterrar os brasileiros que morriam, mas depois quando começaram a morrer alguns eles arrumaram um cemitério para os brasileiros. Quando morriam, os enfermeiros recolhiam os corpos para levar ao cemitério. Eles eram enrolados em uma manta de se cobrir. Não tinha caixão, nada.

Como vocês se alimentavam quando estavam em batalha?

Os cozinheiros traziam comida para a linha de frente. Muitas vezes, quando eram lugares muito perigosos para chegar com a comida eles usavam mulas cargueiras. Eles chegavam mais perto de onde nós estávamos e então nos alimentávamos. Às vezes, nós comíamos pela manhã, às 8h, e depois somente à tarde, lá pelas 17h eles traziam a comida quente. Isso não era por muito tempo, eram uns 15 dias. Ai nós tomávamos aquela localidade e já aliviava mais.

O senhor fez amigos durante a guerra?

Nós que servimos em Blumenau, mais ou menos uns mil homens, éramos todos amigos. Lá fora mais ainda. Um ajudava o outro. Éramos como irmãos. Ainda mais no combate. Se um estava ferido e o outro podia levava água. Ele tinha água no cantil, mas não conseguia tomar por causa dos ferimentos. Eu tinha um amigo na companhia, Rafael era o nome dele. Era de Rio do Sul. Ele fez curativo em um soldado

que estava ferido e uma granada caiu e matou os dois. Eles estavam próximos de mim.

Quanto tempo o senhor ficou na Itália?

Fiquei um ano. Em setembro embarquei e em setembro voltei. O meu regimento todo ficou esse tempo. Eram três regimentos que estavam em combate. A maioria de nós catarinenses foi incorporada no Regimento e Infantaria de Minas Gerais. Faltou gente e nós completamos. Todos os brusquenses que foram voltaram, mas seis gravemente feridos. Tinha um de Guabiruba, o Germano Schlindwein, que foi atingido por um estilhaço de granada no rosto. Ele foi para o hospital e depois os americanos o levaram para os Estados Unidos. Mais tarde, voltou para um hospital no Rio de Janeiro, mas aquilo não sarava. Amarraram os dentes dele e ele só conseguia tomar sopa pelo canudinho. Eu o visitei no hospital quando estava assim.

O senhor sentiu medo de morrer na guerra?

Foi difícil. A gente passava medo sim. Não é que o soldado na guerra não tem medo de morrer. Ele tem. A noite vinha a patrulha inimiga para a nossa linha e tínhamos que ficar em guarda a noite toda para não entrarem, porque matavam, cortavam fio de telefone, entre outras coisas. Quando tinha uma tropa e a gente via "tocava fogo". Era um pouco longe, mas a gente via depois o movimento das ambulâncias que iam pegar os mortos. Nunca matei ninguém assim de frente, porque o meu pelotão era mais apoio.

Usou algum amuleto para dar sorte durante os combates?

Fiz uma promessa. Quando eu fui a minha irmã tinha uma estatuazinha de Santo Antônio de bronze. Ela disse pra eu levar junto e deixar sempre no bolso. Então fiz a promessa: se voltasse vivo compraria uma estátua e levaria ao Morro de Santo Antônio, na igreja, em Guabiruba. E assim eu fiz. Levei uma imagem grande e a pequena que foi comigo para a guerra.

Vocês conseguiam se comunicar com a família enquanto estavam na Itália?

Sim, as cartas chegavam. Nós recebíamos dentro da trincheira na

linha de frente. O Correio aéreo funcionava muito bem e lá tinham soldados que levavam as correspondências, que eram todas censuradas. Todas abertas antes da gente ler. A carta que mandávamos para os nossos pais também era aberta. Eles liam, fechavam e enviavam. Queriam saber se tinha soldados que escreviam palavras contra o governo.

O senhor tinha namorada quando foi convocado?

Tinha. Ela se chamava Waltrudes. A gente era obrigado a ir, se não eles vinham buscar em casa. O Getúlio Vargas era um ditador. Quando fui para a guerra falei para ela me esperar que quando voltasse nos casaríamos. Ela disse que sim enaquele período nos falamos por carta, quando eu podia escrever. Depois que voltei esperamos um ano para casar. Tivemos 11 filhos e hoje tenho 23 netos. Agora são nove (filhos), porque dois já faleceram. Fiquei viúvo há 20 anos. Na época, fiquei orgulhoso de participar (da guerra) porque quando eu passei na inspeção saúde quem passou ganhou um coração para distinguir dos outros soldados. Como sabíamos que íamos para a guerra nós não ligávamos muito. Fazíamos briga e coisa. A gente ganhava pouco no exército. Então juntava a turminha da Guabiruba e ia num restaurante aos domingos, uma ou outra vez. Encostava duas mesas, pedia cerveja e para não pagar provocávamos uma briga entre nós, derrubávamos mesa. Tudo combinado. O dono ligava para a patrulha, mas até ela chegara gente já tinha se espalhado. Íamos para o circo (risos).

Como os soldados receberam a notícia do fim da guerra?

As primeiras palavras do nosso chefe, general Mascarenhas de Moraes, quando recebeu a notícia foram: "glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade". Palavras bonitas que ele disse. Todos comemoraram. Quando ele chegou ao Brasil disse para o Getúlio Vargas que "agora" nós estávamos na democracia. O ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra estava com medo, porque nós lutamos pela democracia, que aqui também não tinha. Ele tinha medo que quando nós voltássemos íamos querer tomar o poder. Então, eles trouxeram o regimento e mandaram os soldados para casa. Eles mandavam vir um regimento por vez para dar baixa.

E quando o senhor voltou como foi a comemoração?

Era domingo e teve uma festa no campo do Renaux. Foi o prefeito que fez para nós. Depois, mais tarde, nós fazíamos uma festa todo ano no dia 8 de maio, quando terminou a guerra. Enchia o salão do Beneficente, porque todos os pracinhas eram vivos e levavam as famílias. Fizemos isso até pouco tempo.

Os pracinhas recebem pensão por terem lutado na segunda guerra?

Eu me aposentei primeiro e depois quando o João Figueiredo era o presidente da República é que ganhei pensão, um prêmio para quem foi à guerra. No começo, quando os filhos eram pequenos não ganhava nada. Trabalhei no Correio, porque quando o Jânio Quadros renunciou e o João Goulart assumiu ele fez uma lei para os pracinhas terem o direito de trabalhar no Correio, sem precisar sair da sua cidade. Trabalhei 12 anos. Antes disso trabalhei 16 anos em um curtume.

O Senhor voltou à Itália em tempos de paz?

Sim, em 1992. Fui rever os lugares onde nós guerreamos. Também fui à Alemanha, até Berlim. Fomos visitar o cemitério onde estão os brasileiros. O Miguel Pereira é um gaúcho que ficou lá depois da guerra para cuidar do cemitério. Ele era sargento.

"O MUNICIPIO" - Jornal que surge para pugnar pelos interesses de Brusque e bem estar do seu povo - SAUDA, no dia do seu aparecimento, a nossa POPULAÇÃO



Primeira edição do Jornal O Município em 1954.
Acervo: SAB

Imprensa e política em Brusque: nos tempos do PSD e do PTB

Marlus Niebuhr¹

¹ Historiador, graduou-se no Curso de História da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Pós-Graduado (especialista) em História do Brasil, Mestre em História do Brasil Meridional pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professor universitário, também coordenou os seguintes cursos: o Curso de História da UNIFE- BE, de 1999 a 2004, o Curso de História da UNIVALI, de 2006 a 2010. Desenvolveu e coordenou do Centro de Documentação Oral e Memória - CEDOM, na UNIFEBE, de 1997 a 2007. De 2010 a 2013 ocupou o cargo de Diretor de Patrimônio Histórico na Fundação Cultural de Brusque.

Resumo

Este artigo privilegia o uso do jornal como fonte histórica, enfocando os embates políticos contidos em suas páginas que visam a conquistar “os corações e mentes” do leitor. No entanto, o uso da metodologia da história oral, das memórias, segue como um contraponto. Neste sentido, relacionamos personagens da história de Brusque e seu envolvimento na esfera política, principalmente, no Partido Social Democrático - PSD e do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB. Os resultados da pesquisa apontam para o jornal como instrumento de pesquisa valioso, que deve se compreendido pelo historiador.

Palavras – Chave: Política local. Imprensa. Memória.

A 26 de junho de 1954 surge o jornal “O Município”. No topo da primeira página lê-se em letras destacadas: “O Município” – Jornal que surge para pugnar pelos interesses de Brusque e bem estar do seu povo – Saúde, no dia do seu aparecimento, a nossa população”, em seguida, no clichê de abertura, consta o Diretor responsável Dr. Raul Schaefer e o Gerente Wilson Santos. Também é destacada a frase: “Jornal semanário dedicado à defesa dos interesses de Brusque”.

Quais são os interesses de Brusque? Quem vai buscar a defesa dos interesses de Brusque? Perguntas que geram outras... por exemplo: defender os interesses diante de quais ameaças? Quais seriam as vozes por trás das linhas do jornal?

Naquela manhã de 26 de junho, em algum ponto da cidade de Brusque, um leitor lê calmamente a apresentação do jornal, escrita por Raul Schaefer:

Uma idéia...Uma vontade... Difundimos a idéia. Ela encontrou receptividade. Fundar um jornal, era uma idéia. Ter oficinas próprias, era a vontade. Fundamos o jornal e temos oficinas próprias, graças ao apoio decidido e firme, que nos foi dado por pessoas amantes do progresso desta terra. Este fato, todavia, não bastava. Tínhamos de batizar o jornal que estava no nascedouro e, além de tudo, imprimir-lhe uma diretriz acertada, justa e correta. Assim veio à lume o “Município”. “O Município”, porque está fadado, mercê de Deus, a constituir-se um batalhador incansável em prol do engrandecimento de Brusque.

Nós o queremos assim, lutando pelas boas causas. Foi com este intuito que o fundamos.

Nos o queremos ao lado da justiça, pugnando em favor do povo brusquense. Criticando, o que critica merecer. Evidenciando o bem que se fizer. Elevando o que é bom e execrando o que é máo. Trazendo ao conhecimento do povo, aquilo que o povo exige e quer conhecer. Nos queremos uma sentinela alerta, indormida, que nunca há-de ensarilhar as armas do bom combate, lutando sempre e constantemente avançando no próprio futuro, devassando, abrindo clareiras, para dar ao povo a certeza de que alguém vela pelo seu destino, enquanto os dias avançam e os anos se sucedem, nesta cadeia intermínua de sacrifícios e de glórias, de risos e de lágrimas...Nós o queremos, não para poucos dias, mas para sempre.

Cuidamos do seu nascimento; cuidaremos da sua existência; esforçar-nos-emos pela sua permanente continuidade. Este nome que escolhemos: "O Município". Por ser o Município a célula viva do organismo nacional, a oficina onde se forjam as forças que agigantam um país. E esta é a nossa diretriz: pugnar, constante e ininterruptamente, pelo progresso do município de Brusque, pelo bem estar do seu povo, atacando injustiças, apontando os erros e recriminando a desonestidade; honrando o bem e atos justos; evidenciando os bons e distinguindo a probidade.[...]

Recebam-no, pois, que ele é vosso, leitores de Brusque.²

Reproduzimos o texto em parte, para focar a real dimensão de suas palavras, não nos cabe julgar as palavras, nem as atitudes, mas pensar sobre o contexto em que foram produzidas. Também não devemos esquecer as perguntas que formulamos acima quanto ao tema "da defesa dos interesses de Brusque". Para melhor elucidar a questão, devemos buscar as seguintes palavras: "a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenções na vida social. Partido desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo da idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais"³.

Neste sentido, voltamos ao texto sabendo que os personagens que compõem o quadro que estamos estudando não são neutros. Quais as suas intenções ao fundar um jornal? Para compreendermos devemos buscar algumas expressões presentes no texto. Sabemos que o jornal estará: "lutando pelas boas causas" e, assim sendo, contribuirá, "ele-

² Respeitada a ortografia original.

³ Id. Ib, p.21.

vando o que é bom e execrando o que é máo”. Sem adentrarmos na filosofia, devemos indagar o que é bom e o que é mau ou “máo” pela grafia original. Percebemos logo, que não se trata apenas de zelar pelo que é “bom”, mas de querer ser “uma sentinela alerta, indormida, que nunca há-de ensarilhar as armas do bom combate”, ou seja, uma sentinela que nunca dorme e que irá “colocar (espingardas) de pé no chão, apoiando-as umas nas outras pelas baionetas” ou que “andarà sem descanso de um lado para o outro.”⁴ Essa definição do dicionário Aurélio, dá a clara idéia de um acampamento militar, fortemente vigiado e preparado para repelir ataques. Então, já respondemos em parte uma de nossas perguntas, era necessário defender os interesses da cidade de ataques...Cabe agora descobrir, quais seriam os inimigos?

Em primeiro lugar, o jornal “**O Município**”, não reinava sozinho na cidade em 1954, sabemos que o jornal “**O Rebate**”, fundado por Alvino Graf e Álvaro Carvalho, a fevereiro de 1934[...] circulou até 13 de outubro de 1962 e, apesar de procurar-se manter isento de facções políticas, acabou aderindo mais contundentemente à UDN⁵ (Partido da União Democrática Nacional). Assim, encontramos na cidade de Brusque um reflexo das grandes agremiações partidárias nacionais.

Traçando este caminho, fizemos uma busca nas páginas do jornal “**O Rebate**”, e descobrimos que no dia 7 de outubro de 1950 venceu as eleições municipais o Sr. Mario Olinger, candidato da aliança UDN, PTB e PSP, com um total de 1.970 votos a frente de seu oponente, Antônio Haendchen, do PSD. Cabe agora entender um pouco desta história.

O cenário político nacional: uma síntese

Buscamos as palavras do historiador Edgar Luiz de Barros: “ao apagar das luzes do Estado Novo”, Getúlio Vargas vai estabelecer as bases de um novo sistema partidário, criando o Partido Social Democrático – PSD e o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Vargas preparava os bastidores da abertura democrática, no PSD, “era formalmente o

⁴ Ver a palavra: “ensarilhar”. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

⁵ NIEBUHR, Marlus. *Ecos e Sombras: memória operária em Brusque-SC na década de 50*. Itajaí: Editora da Univali, 1999, p.194.

presidente de honra, e no PTB ele era o líder de fato. Uma singularíssima mistura mítica de “Pai da Pátria” e “Pai dos Pobres”⁶. O PSD, foi criado “com a finalidade de preservar as extensas máquinas políticas construídas durante a ditadura do Estado Novo (1937 – 1945). Nascido da burocracia do Estado Novo [...] sempre manteve um relacionamento íntimo com o aparato estatal”⁷.

Do mesmo modo, a democratização de 1945 trouxe outros partidos à cena política, como a União Democrática Nacional – UDN, partido que tinha como tônica a “derrubada de Getúlio como líder popular e nacionalista”⁸. Este partido abrigava as mais variadas frentes políticas e conseguiu penetração nas áreas urbanas, seu discurso “era vagamente liberal e antiestatista [...] seu apoio declarado às liberdades democráticas não o preveniu de ajudar, por duas vezes, a intervenção militar em sucessões presidenciais”⁹. Surgem, também, outras siglas, como, o Partido Social Progressista – PSP; o Partido Democrático Cristão – PDC; o Partido Libertador – PL; o Partido Republicano – PR; que de modo geral eram considerados conservadores.

Por conseguinte, deposto Getúlio Vargas, por forças militares e civis, em 31 de outubro de 1945, o novo Código Eleitoral, decretado a 28 de maio do mesmo ano, apresentava as novas bases da organização partidária. Assim, eram publicados os estatutos do PSD. Em novembro, a UDN foi “batizada” e o PTB nasce forjado no “queremismo” (movimento que pretendia as eleições com a presença de Getúlio Vargas). As eleições levaram à presidência o general Eurico Gaspar Dutra, do PSD, apoiado pela legenda do PTB, revelando uma manobra política de Vargas.

Era necessário redigir uma nova Constituição, condizente com os ares democráticos do pós-guerra. A Constituinte iniciou seus trabalhos em 2 de fevereiro de 1946 e foi influenciada pelos grandes partidos da ocasião, especialmente, o PSD. A Constituinte contou com a par-

⁶ BARROS, Edgard Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*. São Paulo: Contexto, 1990, p.19.

⁷ *Partidos Conservadores no Brasil contemporâneo: quais são, o que defendem, quais são as suas bases*. SCOTT, Mainwaring, Raquel Menegueto, Timothy Power; tradução Valéria Carvalho Power. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.21.

⁸ LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983, p.151.

⁹ SCOTT, op. cit., p.21.

tição do Partido de Representação Popular – PRP, chefiado pelo polêmico líder integralista, Plínio Salgado, e, também, com a presença de uma bancada comunista de 14 deputados e 1 senador: Luís Carlos Prestes, “o cavaleiro da esperança”. No entanto, as comemorações do PCB - Partido Comunista do Brasil, “terminam com sua cassação em maio de 1947”¹⁰.

O cenário político em Brusque

Voltamos nossos olhos, mais uma vez, para a primeira página do jornal local. Nele destaca-se a foto do Sr. Raul Schaefer, estampada na apresentação do ato da fundação do jornal “O Município”. Seguindo exatos 12,5 cm, à direita da foto, encontramos a imagem do Dr. Guilherme Renaux, junto à matéria que enfoca sua contribuição para as futuras páginas da “secção agrícola e pecuária”, abalizadas pela sua formação de engenheiro agrônomo. Logo abaixo destas informações, surge uma pequena matéria não assinada, com o título “Serenidade” (não seria “Serenidade”?). Em síntese, seu conteúdo expressa a ideia de conquistar a serenidade diante das adversidades, evocando signos da natureza, como o de montanhas, recifes e cordilheiras. Estes “monumentos impassíveis”, suportam os ataques dos ventos, das ondas, das névoas... A matéria traça o paralelo com a figura de um homem no qual: “as injustiças e calúnias rolarão sobre ele como as chuvas lavam os penedos[...]” e o autor complementa, “a ele não atingem os respingos ignominiosos das perseguições “bornhauseanas”[...]”, é preciso dizer mais! Sim, devemos perceber que além de figurar entre os fundadores da UDN, em Santa Catarina, Irineu Bornhausen voltou à presidência de seu partido em agosto de 1954.

Ainda observando a primeira página, salta aos olhos a notícia “SANDU (Serviço de Atendimento Médico e Domiciliar de Urgência) em Brusque”¹¹, não pelo teor da matéria, ou pelas relações que encontraremos mais adiante, através das memórias de Germano Hoffmann, mas pelas linhas a seguir: “o Sr. Ingo Renaux Presidente do PSD local, está dando todo seu apoio, para que este fato se concretize[...]”. Ora,

¹⁰ JUNIOR, Antonio Mendes e MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História: texto e consulta: Era de Vargas**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989, p.208 - 211.

¹¹ SANDU- Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência.

somando-se a leitura dos próximos exemplares, até o final do ano, podemos perceber, claramente, uma linha editorial “de olho no prefeito de Brusque” ou “de baionetas cerradas contra qualquer ataque do inimigo”. Em suma, devemos lembrar-nos da famosa aliança política a nível nacional, PSD e PTB, sendo que as alvissareiras notícias da instalação do SANDU partem das fileiras do PTB.

Aproximando o quadro político para a figura do Sr. Mario Olinger, eleito prefeito de Brusque, em 1950, pela coligação UDN, PTB e PSB, devemos destacar que este recebeu a visita do governador de Santa Catarina, nada menos que o Sr. Irineu Bornhausen. A visita do ilustre convidado ocorreu durante seu mandato a frente da prefeitura. Portanto, ainda tendo fresca, em nossa memória, a expressão citada linhas atrás, a saber: “as perseguições ‘bornhauseanas’”, percebemos o confronto político em cores vivas. Destaca-se, também, a aproximação de Mario Olinger, com a cúpula da UDN, e, posteriormente, seu nome é incluído em 1959, nos quadros do Diretório Regional do partido¹². Afastando-se, assim, das siglas do PTB e PSB.

No caso do Jornal “**O Município**”, destaca-se a figura de Raul Schaefer seu fundador, este possuía uma ativa vivência dos quadros da política local. Ao examinarmos as páginas do jornal, em 1957, encontramos a seguinte matéria “Convenção PDC – PSD”, cabe, apenas, destacar a seguinte frase: “acompanhando a caravana o Presidente do PSD em Brusque, Dr Ingo Renaux, [...] e o delegado do PSD junto aquela convenção, Dr. Raul Schaefer, diretor deste semanário[...]”.

A vivência política de Raul Schaefer pode ser comprovada. Vejamos: no pleito de 19 de janeiro de 1947, compôs a bancada do PSD na Assembleia Legislativa Estadual, obtendo na ocasião 3.950 votos. Nas eleições de 3 de outubro de 1958, novamente concorreu para cargo na Assembleia, na legenda PSD, ficando na ocasião na suplência¹³. Aliás, quanto à eleição de 3 de outubro de 1958, um dia antes do pleito, o jornal registrava na primeira página, ocupando, diga-se de passagem, boa parte dela, a propaganda do PSD. Nesta constavam: para o Senado Federal Celso Ramos e Jade Magalhães (PRP); para Deputado Federal- Wilmar Dias ou Osmar Cunha; para Deputado Estadual – Raul

¹² LENZI, op. Cit., p.163.

¹³ PIAZZA, Walter Fernando. **O poder legislativo catarinense: das suas raízes aos nossos dias (1834 – 1984)**. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984, p.421 - 442.

Schaefer; para vereadores- Godo Satrk, Ingo Arlindo Renaux, Arthur Jacowicz, Carlos Boss, Ernesto Bianchini, Wilson Santos, João Baptista Martins, Erico Antônio Contesini, Evaldo Ristow, Paulo Fischer, Arnaldo Ristow, Osvaldo Loss e Guido João Lira. A título de exemplo, entre os cinco vereadores eleitos pelo PSD, naquela ocasião, figuravam os nomes do Dr. Ingo Renaux e o Dr. Godo Bernardo Stark, que compunham o quadro dos redatores do jornal. O nome de Raul Schaefer figura, também, entre os fundadores da rádio "Araguaia". Segundo a fala do radialista Saulo Tavares, a fundação se deu em "1946, através da família Schaefer, na época era comandada pelo advogado Dr. Raul Schaefer"¹⁴.

Neste ponto vale citar o trabalho de Afonso Imhof, este nos informa que os grupos industriais Renaux e Büettner eram ligados ao PSD e o complexo industrial Schlösser à UDN¹⁵. Neste sentido, percebemos as "engrenagens do poder local" se movendo. Assim, para o historiador, a reconstituição destes espaços de poder possibilita a visualização dos embates, dos confrontos, como também das ideias e aspirações de determinados grupos partidários.

Receita política: apontamentos para a história do PTB em Brusque

O médico Germano Hoffmann nasceu em Brusque, em sua memória guardam-se caras lembranças de um tempo que já não mais existe. Em 1957 volta a cidade após completar seus estudos. Fato marcante que merece destaque em suas lembranças, é a memória do Dr. Francisco Dall'igna, político atuante nas fileiras do PTB, bem como fragmentos da história deste partido em Brusque. Neste momento (da entrevista) é importante seguir um conselho do historiador Paul Thompson: "acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar"¹⁶. Os fios da memória

¹⁴ Entrevista com o radialista Saulo Tavares, realizada por Rita Pereira de Souza, com o título: "Na era do Rádio" quando acadêmica do Curso de História da UNIFEPE. In: *Jornal "O Município"* – 02 de agosto de 2002, p.11.

¹⁵ IMHOF, Afonso. Conflito industrial e populismos em Brusque. In: *Revista Notícias de "Vicente Só" – Brusque – Ontem e Hoje*. Brusque: Gráfica Bandeirante, n. 03, 1980, p.76.

¹⁶ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.254.

do Dr. Germano Hoffmann vão tecendo um quadro, que volta a volta, reconstrói a história de Francisco Dall'Igna, seu colega de profissão e amigo, o "Chico", como era conhecido, ou o "Chico da Linha". Prosseguimos com a sua narração:

Naquela época o Carlos Moritz era udenista. Quando o Chico veio pra cá na primeira campanha da UDN, o Chico trabalhou pelo Dr. Carlos Moritz. Quem trouxe o Dr. Chico, foi o Dr. Carlos, pois precisava de médico no sindicato... Dr. Carlos era um cidadão muito conceituado, um cirurgião de primeira linha, principalmente em cirurgia de artrose (...). O Dr. Carlos, chegou a cidade com o Dr. Eduardo Felix, os dois se formaram juntos no Rio de Janeiro, na Faculdade Nacional de Medicina. Depois o Eduardo casou com uma moça de Blumenau (...) e foi embora. Então o Dr. Carlos precisava de gente por aqui, e chamou o Dr. Chico.

Pouco a pouco, vai descortinando-se diante de nossos olhos uma íntima ligação entre os profissionais da saúde em Brusque e o PTB. Haveria uma receita política? Qual o caminho que abria as portas para estes profissionais? Devemos recordar que, no período, a profissão de médico conferia um considerável "status social". Figuras de renome no município atraíam para si os olhares daqueles que buscavam engrossar as fileiras dos partidos. O Dr. Germano não se fez de rogado e tratou de colocar a história nos trilhos, vejamos:

É, aí é outra história! Eu vou contar o que aconteceu. O Carlos Moritz era da UDN, era udenista, era o comandante da UDN em Brusque, muito bem visto pelo Irineu Bornhausen. Já o Brás Alves era o dono do PTB, Brás Alves na época era professor em Vidal Ramos, foi para lá como professor da prefeitura de Brusque. Naquele tempo era Distrito de Brusque, então ele foi destacado para lá. Como ele fazia um serviço bom, ele se candidatou a deputado e se elegeu! E era dono do PTB. O PSD tinha o Ingo Renaux, era o comandante, tinha também Jaime Mendes... Na primeira eleição do Mário Vink para Deputado Estadual, apoiado pelo Carlos Renaux, que era udenista, o Chico trabalhou pelo Mário Vink e pelo Carlos Renaux. Mas o Chico era vivo, gaúcho vivido e tal. Na outra eleição lê viu que, na UDN ele não tinha chance, porque tinha o Mario que seria deputado eterno da UDN, não foi? 3 ou 4 vezes se reelegeu... No PSD também não... O que ele viu: Sobrou o PTB! Então ele foi para PTB, mas o PTB tinha o Brás Alves.

De acordo com nosso entrevistado, o Dr. Francisco Dall'Igna, tinha carisma, vindo de Porto Alegre, destacava-se, "tinha facilidade para falar". Assim, vai fortalecendo seu contatos nas fileiras do PTB em Brusque. Para conhecer a figura de Braz Alves, buscamos novamente as páginas do jornal "**O Município**", de 31 de maio de 1958, época de pleito político, época de propaganda política. Eis que encontramos a matéria "De operário a Deputado":

Braz Joaquim Alves nasceu a 3 de fevereiro de 1914, na cidade Brusque, filho de Amaro Joaquin Alves com família simples e modesta. Seu pai era guarda linhas do Deputado de Correios e Telégrafos, sua mãe era de família de lavradores no bairro de Guabiruba. Perdeu seu pai com a idade de 12 anos. Após a morte de seu genitor ingressou na fábrica como operário, onde trabalhou mais de sete anos. Como gostava do estudo, ia para escola à tarde e à noite. Formou-se como Complementarista no Grupo Escolar "Feliciano Pires" conseguiu o magistério de uma escola em Vidal Ramos, onde lecionou mais de 2 anos, tendo enfrentado todas as dificuldades daquela época. Mais tarde foi professor em Ribeirão do Ouro. Desta feita melhorou a sua situação, pois, estava mais próximo de sua mãe e de seus familiares, porém nunca abandonou os estudos. [...] Como nos tempos idos a entrada de operários nas fábricas era dificultada pelo analfabetismo, Braz Joaquim Alves, com o coração e a memória voltados para o bem-estar dos trabalhadores fundou a escola noturna "Presidente Getúlio Vargas" cujos estudos são gratuitos.

Em 1945 veio a democratização do país quando foram criados os partidos políticos no Brasil.[...]O PTB de Brusque também necessitava escolher os seus candidatos, quando então os operários se lembraram do nome de Braz J. Alves para ser o candidato a Deputado Estadual e com seu apoio graças a seus esforços foi eleito.

Em 1950, término de seu mandato veio nova eleição onde mais uma vez os trabalhadores e o povo de Brusque o elegeram. Em 1954 uniram-se os trabalhistas em torno de seu candidato e foram vitoriosos[...].¹⁷

Assim, quando percorremos os dados referentes ao Poder Legislativo Catarinense encontramos a figura de Braz Joaquim Alves como um dos deputados mais votados na eleição 03 de outubro de 1958. Concorrendo pela legenda do PTB, obteve 3.542 votos. No entanto, na próxima eleição, a de 15 de novembro de 1962, surge a figura de Francisco Dall'Igna, obtendo a significativa cifra de 4.643 votos para

¹⁷ Respeitada a ortografia original.

deputado estadual pela legenda do PTB¹⁸. Nas memórias de Germano Hoffmann, este momento de transição é descrito nas seguintes cores:

Aí chegou a eleição para deputado[...] Afastaram o Brás Alves na Convenção. O João Goulart, veio para Brusque, e o Doutel de Andrade[...] Este vinha muito. Daí o Chico se elegeu deputado. No fim da convenção, liso como ele era, lhe deram um grande buquê de flores[...] Apareceu lá de repente no fim da convenção, o Chico me sai, faz o discurso dele de agradecimento, na empolgação disse: “-Ah como homenagem a nosso grande benfeitor de Brusque Cônsul Carlos Renaux, o PTB vai levar uma coroa de flores lá no busto do velho Cônsul”, que era aqui na praça, na ponte. E o busto do velho Renaux estava ali. Eu sei que eles saíram lá do... Da casa do Buettner, ele na frente carregando aquele buquê de flores[...] E todo mundo atrás [risos]. Eu digo para mim mesmo: “- quem vê cara batendo palma pensa[...]!” [risos]. E não sei se aquilo deu voto ou não[...]

Sabedores que a memória pode “pregar peças” aos mais incautos, mantemos as informações, pois estas revelam detalhes no mínimo curiosos, no entanto, o fato mereceria maiores investigações. Mesmo assim, prosseguimos em direção ao Ano do Centenário, ano de eleições. Em Brusque, a carreira política do Dr. Francisco Dall’Igna era acompanhada de perto pelo órgão noticioso, o jornal “**O Município**” e seu nome já era destaque em suas páginas. Devemos lembrar ao leitor a famosa política de alianças, responsável pelas seguidas vitórias nas urnas, da “dobradinha” PSD – PTB. Tendo como foco o pleito eleitoral para o cargo de Prefeito Municipal, em janeiro de 1960, para agosto do mesmo ano, as decisões já se encontram estampadas nas páginas do jornal. A data é 13 de agosto e a matéria é intitulada de “Notas Políticas”, nesta podemos ler que: “o quadro da sucessão municipal está sendo definitivamente escalado. O médico Francisco Dall’Igna é candidato do PTB com apoio do PSD, conforme decisão deste partido ultimamente tomada”.

Seguindo o desenrolar dos atos políticos, é através das mãos de Dall’Igna que Brusque é palco de inesquecível evento político, que reuniu as figuras de proa do cenário nacional de então: Lott, Jango, Celso e Doutel. Cabe aqui descrever um pouco destes personagens.

General Henrique Teixeira Lott teve papel fundamental no ano 1955,

¹⁸ STOETERAU, Ligit de Oliveira. *A trajetória do poder legislativo catarinense (1835 a 2000)*. Florianópolis: IOESC, 2000, p 313 - 323.

Na época ocupava o cargo de Ministro da Guerra, era um momento especialmente conturbado. Após o resultado das eleições presidenciais, que evidenciaram a vitória da aliança PSD e PTB, Juscelino Kubitschek (presidente) e João Goulart (vice-presidente), a situação tornou-se tensa. A UDN articulou várias estratégias que impedissem a posse dos vitoriosos, que ao olhar do partido reeditava a política getulista. Sem dúvida, após a morte de Getúlio Vargas, em 1954, as forças políticas se confrontaram, os militares se apresentaram como o fiel da balança. Vejamos:

[...]os fatos começaram a se precipitar no dia 1º de novembro, durante o enterro do general Canrobert Pereira da Costa, presidente do Clube Militar. Na cerimônia de corpo presente, o coronel Jurandir Mamede [...] criticou abertamente os candidatos eleitos e se declarou contrário à sua posse. Após acusar o colega de indisciplina, o ministro da guerra, general Lott, exigiu sua punição, mas não foi atendido pelo presidente Café Filho[...]¹⁹.

Para resumir o fato, diante de um possível golpe da UDN e de uma parcela dos militares, Lott liderou o “contragolpe da legalidade”, a 11 de novembro, mobilizando 25 mil soldados e ocupando os locais estratégicos da capital federal, então, no Rio de Janeiro. Mas a história de Lott não termina por aqui, este assumiu no ministério de Juscelino a pasta da guerra que ocupou de 31 de janeiro de 1956 a 15 de fevereiro de 1960, de onde saiu para concorrer a presidência da república. Na chapa liderada pelo general (promovido a marechal) Henrique Teixeira Lott, tendo João Goulart como candidato a vice - presidente, mais uma vez a famosa dobradinha PSD-PTB ganhava as ruas.

João Goulart (conhecido como Jango) participou como Ministro do Trabalho no segundo governo getulista, sua nomeação ocorreu em junho de 1953. A oposição, principalmente a UDN o tinha como oportunista e aliado aos interesses de Vargas. Ao propor um aumento de 100% no salário mínimo, desencadeou uma crise que levaria vários grupos, desde industriais, banqueiros e novamente os militares, ao descontentamento geral. Ao mesmo tempo, em que colhia hostilidades, também tornou-se o digno representante dos trabalhadores e herdeiro de Getúlio Vargas. Sua participação no governo de Juscelino Kubitschek, como vice, e

¹⁹ **Revista Juscelino Kubitschek: o sonho que mudou o Brasil.** Série culturas, histórias & mitos. São Paulo: Escala, 2006, p.29.

sua vitória na estranha dobradinha “JAN-JAN”, onde Jânio Quadros, candidato a presidente da república, representando um intrincado jogo de forças políticas, foi escolhido pela Convenção Nacional da UDN para enfrentar a coligação PSD-PTB nas eleições de 1960. No entanto, coube a Goulart a vitória como vice-presidente, derrotando Milton Campos, o vice de Jânio, pois estes concorrem sem a chamada vinculação de legenda. Assim, armava-se o cenário para a tempestade que assolaria o país seis meses depois.

Celso Ramos, fazendo parte da “Aliança Social trabalhista”, derrotou Irineu Bornhausen, candidato da UDN no cenário catarinense. Seu governo foi caracterizado pelo lançamento de metas arrojadas, criou o Plameg (Plano de Metas do Governo) que originou a UDESC, a CELESC e o BESC.

Doutel de Andrade, segundo o site do Partido Democrático Trabalhista - PDT²⁰, exerceu atividades de advogado e jornalista, encantando-se com a política que o conduziu ao PTB. Percebemos sua participação em 1949, ao lado de João Goulart, Alberto Pasqualini, Leonel Brizola na campanha eleitoral que levou Getúlio Vargas ao Palácio do Catete. Em 1960, concorria ao lado de Celso Ramos – PSD para o cargo de vice-governador, vencendo o pleito. Doutel foi figura de destaque no PTB, junto com Leonel Brizola, na continuação do trabalhismo, criando mais tarde o PDT.

Reproduzimos a seguir a matéria que ocupa lugar de destaque, no topo da página da edição de 24 de setembro de 1960, do **Jornal “O Município”**, intitulada: “O povo vibrou no comício de quarta-feira”, é enfatizada a chamada logo abaixo do título que revela: “Lott, Jango, Celso, Doutel e Dr. Francisco foram delirantemente aplaudidos”.

Nunca se viu nada igual em Brusque. O comício estava marcado para as 7 horas da noite, quando Jango, Celso e Doutel deveriam chegar à Brusque.[...] O povo porém não arredou pé da Avenida Cônsul Carlos Renaux, em frente a sede do PTB (Edifício Büettner) e esperou pacientemente.

Só as dez horas, já alta da noite, a caravana conduzindo os candidatos entrou na cidade. Foi indescritível o que então aconteceu. A massa humana prorrompeu em vivas aos candidatos, comprimindo-se em frente a sacada do Edifício Büettner para ouvir os candidatos.

Após a palavra do candidato a prefeito, Dr. Francisco Dall’Igna, que foi

²⁰ Informações contidas no site www.pdt-sc.org.br.

deliberadamente aplaudido, falou o Dr. João Goulart, líder incontestado das classes trabalhadoras do Brasil.

Seu discurso, verdadeira afirmação de confiança no Brasil e na vitória dos candidatos da Aliança Social do Trabalhista, foi repetidamente interrompido pelos entusiásticos aplausos e vivas que partiam da multidão.[...] O Dr. Francisco Dall'igna, candidato a Prefeito, foi convidado a falar novamente e depois conduzido em triunfo pela enorme massa humana.[...]Repetimos aqui com toda certeza de não errar: nunca houve em Brusque um espetáculo tão emocionante e nunca se viu a nossa gente vibrar com tanta intensidade num comício político.²¹

A 15 de outubro de 1960, já é conhecido o resultado das eleições. Assim, é matéria de capa, no editorial de Jaime Mendes, com o título de: "As Urnas falaram", o articulista tece considerações a respeito dos resultados. Inicia por frisar que a democracia começa a funcionar normalmente. Quanto à Presidência da República, enfatiza que a vitória do Sr. Jânio Quadros tem, de certo modo, a sua razão de ser, enfocando que as metas de Juscelino Kubitschek refletiam um avanço, mas o povo não compreendeu o sacrifício rumo ao desenvolvimento. Quanto ao governo do Estado, afirma que a vitória de Celso Ramos da aliança PSD, PTB, PRP, PDC e PL, sobre o candidato Irineu Bornhausen causou enorme surpresa "a muita gente", mas não para o articulista. Devemos aqui lembrar que para Vice-Governador foi eleito o jornalista Doutel de Andrade, que era então Presidente do PTB em Santa Catarina. Quanto às eleições municipais, descreveu a vitória de Cyro Gevaerd (UDN), como esperado, mas enfatizou a reduzida diferença sobre o segundo colocado o Dr. Francisco Dall'igna, apenas 299 votos. Termina de forma enfática, apontando para a ascensão do Dr. Francisco Dall'igna, que acaba por revelar "mais uma vez as suas excelentes qualidades políticas".

1964: a cassação de Francisco Dall'igna

Variam muito as razões apontadas para explicar o golpe de 1964. Basta verificar os depoimentos. Há quem o veja como resultado de longo processo de gestação, que teria raízes no tenentismo dos anos vinte, com manifestações precursoras nas intervenções de 1945 (deposição

²¹ Respeitada ortografia original.

de Vargas), 1954 (suicídio de Vargas), 1955 (crise que antecedeu a posse de Kubitschek) e 1961 (renúncia de Jânio Quadros e veto de seus ministros militares à posse de Goulart). Muitos buscam sua origem na influência americana, no quadro da Guerra Fria [...] Outros analistas destacam, sobretudo a crise econômica, combinada com excessos populistas e retóricos do governo João Goulart, visto pelos adversários como um instrumento de “comunização” do país, corrupção, ameaça à democracia e à disciplina e hierarquia das forças armadas.²²

Diante deste quadro político, Francisco Dall’Igna teve “as suas excelentes qualidades políticas”, como frisou o articulista Jaime Mendes, postas a prova durante o golpe de 1964, que abalaria as estruturas do país e que levaria ao exílio João Goulart, então Presidente da República. Em 1965 Santa Catarina foi palco de eleições, o PSD apontou Ivo Silveira para governar e novamente a aliança com o PTB se fez com o nome de Francisco Dall’Igna. No entanto, uma onda de cassações varreu o país. As vozes dissonantes ao regime foram caladas. Em Santa Catarina, “os ventos de abril” atingiram o deputado Paulo Stuart Wright²³, eleito pelo Partido Social Progressista – PSP em 1962. No entanto, Dall’Igna, habilidoso como político, na eleição de 03 de outubro de 1965 ocupa o cargo de Vice-Governador do Estado.

A 21 de junho de 1966 [...] declarava ao jornal ‘A Gazeta’ que “repugna-me a idéia de que mandatos parlamentares poderiam ser cassados para assegurar a vitória do Governo nas eleições indiretas [...]” a 19 de julho, por ato do presidente da República (decreto datado de 16 de julho e publicado no Diário Oficial da União a 19 do mesmo mês) [...] eram suspensos seus direitos políticos, pelo prazo de dez anos e cassado o mandato de vice-governador.²⁴

²² COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil: 1964 – 1985*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 43.

²³ “Paulo Stuart Wright, era filho de pastor presbiteriano, nasceu em Herval, distrito de Joaçaba, em 02 de junho de 1933, ingressou ao Partido trabalhista Brasileiro – PTB, aos 25 anos de idade. Em 1962, almeja sucesso na candidatura para deputado estadual pelo Partido Progressista – PSP. Em 1964 teve seu mandato cassado, vai para Cuba, e volta ao Brasil para ingressar na Ação Popular – AP, onde atuou por oito anos na clandestinidade. Foi preso em 1973 em São Paulo, e dado como desaparecido.” Este texto foi elaborado tendo como base o livro de: ASSUNÇÃO, Luis Fernando. *Assassinados pela ditadura – Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2004, pp. 59 à 64.

²⁴ LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e políticos em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983 p. 343 a 345.

Entregue de casa em casa, recolhido e amparado por mãos atenciosas, o jornal **“O Município”** era aberto e lido, na manhã do dia 29 de julho. Este trazia uma triste notícia para os seus leitores. Era publicada a **“Carta de Dall’Igna a Ivo Silveira”**, onde o próprio Dall’Igna respondia à sua cassação. Reproduzimos aqui uma das frases que ao nosso olhar contém uma forte carga emocional e reflete aqueles dias: **“atingido pela prepotência, rendo-me ao direito da força, mas não à força do direito”**.

Considerações Finais

Este artigo procurou evidenciar os caminhos políticos percorridos pelo Jornal **“O Município”**, no período de 1954 a 1964. Enfatizamos principalmente figuras partidárias pertencentes ao Partido Social Democrático – PSD e ao Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Durante nossa exposição levantamos quatro perguntas, que ainda ecoam em nossos ouvidos. Quais são os interesses de Brusque? Ou melhor, entendemos agora que caberia a um seletto grupo de brusquenses delinear as prioridades para gerar o progresso desta terra. E mapear estes interesses, também dependeria do olhar específico destes grupos, que como demiurgos decidiriam entre o bem e o mal, o certo e o errado. Assim, quando perguntamos quem iria buscar a defesa dos interesses de Brusque, surgem os nomes de abnegados brusquenses sintonizados com as necessidades nacionais, mas principalmente com os arranjos políticos locais.



Aldo Krieger, compondo no piano. Foto tirada por Carmelo Krieger em Florianópolis, na casa da Rua Nereu Ramos, em 1970.
Acervo: Instituto Aldo Krieger.

Aldo Krieger: “Esse é dos bons, esse é dos nossos”

Meire Anne Hoepfers Ruiz²

O que faz um ser humano especial a ponto de permanecer gravado na memória das pessoas? Seu jeito, suas histórias, sua fibra. O que faz de um homem simples uma pessoa extraordinária?

Para Eric Hobsbawm (1998), extraordinárias são as pessoas que compõem novos parâmetros para a história de uma sociedade, indivíduos

¹ Comentário feito por Pinxinguinha, por volta de 1953, ao ouvir na Rádio MEC do Rio um ensaio em que Altamiro Carrilho e Os Boêmios preparavam a polca-choro Espanta Mosquito de Aldo Krieger.

² Licenciada em História pela UNIFEBE (2003), especialista em Intolerância na sociedade latino-americana, pela mesma instituição (2006).

comuns que se tornam extraordinários diante do coletivo, homens e mulheres que souberam tirar do trivial uma força capaz de promover mudanças a sua volta.

Quantas pessoas conhecemos com tais características e que, por um lapso, passam pela vida sem um verdadeiro reconhecimento, entrando para a memória coletiva através das lembranças daqueles que as conheceram, as viram atuando ou simplesmente ouviram falar um pouco de sua história?

Assim, através de lembranças alheias e de uma sequência de agradáveis coincidências encontrei o maestro Aldo Krieger, o Aldinho, o Careta.

Em seus escritos sobre a música brusquense para "O Livro do Centenário" (1960); nas fotos explicadas pelo Sr. Otto Kuchenbecker, na Casa de Brusque; nas conversas carregadas de lembranças com sua sobrinha D^a. Aurora; nas músicas interpretadas ao piano pelo Professor Rodrigo Warken; nas recordações em um agradável bate-papo com Marcelo e Carmelo Krieger, no sofá da casa do Maestro Aldo. Deste modo, informalmente, fui conhecendo um personagem que viveu e fez, intensamente, a história da cidade de Brusque, no século XX.

Aldinho foi um reflexo de seu tempo sem deixar de ser fruto de seu meio. Muito antes da chegada das ondas do rádio no território brusquense, ele já estava em consonância com a vanguarda musical do Novo Mundo. Vanguarda esta que, de acordo com Hobsbawm (1995), estava no fato de ter homens comuns produzindo arte para homens comuns.

Desde muito jovem, quando contava com apenas sete anos de idade, Aldo revelava seu talento no bandoneon nas sessões do cinema mudo e como percussionista da Banda Musical Concórdia (1910), onde atuou posteriormente como clarinetista.

A partir de então sua vida se transformou em uma sucessão de trabalhos que lhe renderam prestígio e respeito no cenário musical catarinense, assim como momentos inesquecíveis para aqueles que de alguma forma o acompanharam: atua, em 1926, na Banda do 15^o B.C. de Curitiba, tocando clarone; de volta a Brusque participa do Jazz Chopp com Rosca, em 1928 e no ano seguinte (1929) funda o primeiro *jazz band* de Santa Catarina – o famoso Jazz Band América.

Depois de dez anos tocando em diversas cidades catarinenses com o *jazz band*, Aldo Krieger assume a regência do Orfeão Evangélico

de Brusque (função que exerceu por vinte anos); em 1940 assume também a regência do Madrigal das Damas de Caridade de Brusque e reorganiza, em 1942, a Banda Musical Concórdia, que encontrava-se então inativa.

Dá início, em 1949, a uma série de composições de hinos: da Sociedade Esportiva Bandeirante de Brusque (com letra de Leopoldo Germer); do Centenário de Blumenau, em 1950 (com letra de Eduardo Mário Tavares); Hino da Escola Normal de Ouro Fino, em 1953; em 1954, o Hino do Ginásio Cônsul Carlos Renaux de Brusque e em 1960, o Hino do Centenário de Brusque (assumido em 1993 como hino oficial do município).

Em 1951, ainda, fundou o Orfeão Juvenil Amadeus Mozart e em 1954 o Conservatório de Música de Brusque, do qual foi diretor.

Em 1961, torna-se regente titular da Associação Coral de Florianópolis; assume como Técnico de Artes da Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina, em 1963, mesmo ano em que compõe (com letra de Mauro Júlio Amorim) o Hino da Associação Coral de Florianópolis, entre tantos outros trabalhos.

Em tempos de Arte Moderna, Modernismo, modernidade e a eclosão de uma grande revolução cultural, Aldo Krieger mantinha um repertório de acordo com o executado nas grandes capitais: Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires.

Despretensiosamente, Aldo animava as noitadas brusquenses, fazendo reinar dentro e fora dos palcos, o clima de festa entre todos os presentes. Porém, com o perfeccionismo e dedicação – presentes somente nos grandes artistas – o maestro compunha, arranjava e ensaiava as músicas, com suas bandas e corais.

Com o espírito livre de um descendente europeu que tocava música muito brasileira, Aldinho aplacava as diferenças étnicas presentes na sociedade brusquense: levando luteranos a beijar o anel do bispo e o pároco católico a assistir o ensaio no coro luterano.

Nos tempos áureos da boêmia – brusquense e brasileira – tinha suas composições em consonância com os mestres do choro e da seresta. Em tempos de nacionalismo assumiu o canto orfeônico – divulgado por Villa-Lobos – e a educação musical como um meio para desenvolver a “disciplina e civismo da juventude, orientados por nobres princípios

de brasilidade.³⁵

Seus projetos não escondiam seu arrojo nem sua profunda admiração pela cultura: para os nove filhos estudo de música e, para Edino (o homem mais velho), uma bolsa de estudos no Conservatório Brasileiro, no Rio de Janeiro. Para a cidade, coros de canto orfeônico e, sua grande empreitada, uma unidade do Conservatório Brasileiro de Música, o que considerava “um novo marco no constante progresso” de Brusque.

A família, duas artes e um expoente

Entre as levas e levas de imigrantes, em 1861 chega a Brusque – ainda recém criada colônia – a família de *Jacob Krieger*, formada por colonos luteranos, naturais de Oldenburg (oeste da Alemanha).

Jacob, bem como outros tantos imigrantes, ocupava-se dos serviços da terra, porém preocupava-se também em buscar soluções práticas para algumas necessidades existentes na colônia, destacando-se como “inventor”.

Entre suas criações, uma se sobressaiu dentre as demais: a máquina de fazer charutos⁴, premiada na “IV Exposição da Sociedade Agrícola Colonial” em 1875, impulsionando a criação de uma fábrica, devido à qualidade dos charutos produzidos.

Com a morte de sua esposa – Auguste Friedericke Luise Kuchenbecker – em 1882, Jacob parte com seu filho Gustavo, de quatro anos, para o Rio de Janeiro, lá abrindo uma filial de sua fábrica. Os charutos eram vendidos na famosa Rua do Ouvidor, frequentada por grandes figuras da capital e da corte, inclusive, pelo imperador D. Pedro II.

Em um de seus passeios matinais, certa feita, D. Pedro encanta-se com o pequeno “alemãozinho” (Gustavo), a quem afaga e conversa. Jacob considera o gesto do imperador um sinal de sorte.

A distância dos amigos e a saudade da família deixam a filial da promissora fábrica de charutos com um sócio e traz de volta – inseparáveis – pai e filho, para Brusque.

Mesmo perdendo o pai muito cedo – Gustavo contava com apenas quatorze anos quando da morte de Jacob – os laços de ternura e respeito

³ Conservatório de Música de Brusque. 1º Livro de Atas, 2º reunião.

⁴ Exposta no museu de Azambuja.



Aldo Krieger com seus pais Gustavo Krieger e Adelaide Diegoli Krieger, e sua irmã Bertilia Krieger. Foto da década de 1900. Acervo IAC.

estreitados entre os dois marcariam as gerações da família Krieger.

Com o falecimento do pai, Gustavo passa a ser criado por sua madrasta Ernestine que, preocupada em lhe arranjar um ofício leva-o a capital Desterro.

Em sua estada na capital, o jovem Gustavo desenvolve o gosto por duas artes que para sempre marcarão a família Krieger: a alfaiataria e a música.

Ao retornar de Desterro, em 1898, Gustavo dá início à "*Alfaiataria*

Ideal", tendo seu trabalho rapidamente reconhecido pela região e inclusive no exterior – era o alfaiate oficial do industrial e cônsul do Brasil em Baden, *Carl Christian Renaux*², que exibia os ternos confeccionados pelo brusquense na Europa.

Quando ainda encontrava-se na capital, foi condecorado "Sargento da Guarda Nacional", por ter estado ao lado dos "pica-paus" em meio a Revolução Federalista. Isso muito pouco o atraía, pois acreditava ser a música muito mais importante do que qualquer causa política.

Assim se revelava o artista das horas vagas, para quem qualquer promessa musical era dívida, assunto levado a sério! Junto com os amigos Primo e Guilherme Diegoli, Paulo Laux, Wilibald Starcker, Gustavo e Luiz Luebecke, formou o primeiro Conjunto de Câmara de Brusque.

Nessa época conhece a bem-humorada e extrovertida jovem Adelaide Diegoli – irmã de seus companheiros de música – uma imigrante católica, vinda de Bolonha (Itália), com quem veio a se casar.

O casamento de Gustavo e Adelaide não era um acontecimento convencional na cidade, uma vez que nem a sociedade e nem o pai da noiva concordavam com a união entre alemães e italianos, luteranos e católicos.

Tal comportamento, muito comum entre membros da mesma etnia, pretendia não só conservar uma "pureza" étnica, bem como preservar as tradições e costumes trazidos pelos imigrantes de sua terra natal.

Esta realidade impôs algumas dificuldades ao jovem casal, Adelaide, porém, para auxiliar na renda da família assumiu uma máquina de costura na alfaiataria ao lado do marido.

Em pouco mais de um ano nasce o primeiro filho de uma prole de dezessete (quatro morreram ainda crianças). Aldo, Bertilha, Érico, Oscar Gustavo, Melida, Lilly, Axel, Nilo, Elida, Walkyria, Dirce, Zita e Raynério. Todos aprenderam com o pai o ofício na alfaiataria e o gosto pela música, um deles em especial: o maestro Aldo Krieger.

Aldinho foi o primogênito da família de Adelaide e Gustavo Krieger. Nascido em julho de 1905 cedo, muito cedo se iniciou na música – arte que muito além de uma paixão, de uma profissão, tornar-se-ia uma missão de vida.

Aos sete anos, começou seu aprendizado formal de música com o professor alemão Reinhard Graupner. Tocando bandoneon, aos oito

² O Cônsul Carlos Renaux.

anos já era escalado para acompanhar e substituir o professor nas músicas que animavam o cinema mudo.

Teve aulas com o violinista Raymundo Bridon – de Florianópolis – e na adolescência já dominava a execução do bandoneon, violino, violão, clarinete e saxofone. No entanto, o menino franzino que tocava bandoneon sentado sobre uma caixa de sabão, fazia – com sua música – a alegria dos espectadores do cinema, mas não agradava de todo sua mãe.

Na sociedade brasileira da primeira república (1889 – 1930) a música ocupa um papel praticamente figurativo – pelo menos até o advento do Modernismo brasileiro (1922).

A música de concerto servia apenas ao *status quo* de uma pretensa elite financeira e intelectual brasileira, tão admiradora da arte, que era incapaz de manter uma orquestra profissional no Brasil (os instrumentos eram aprendidos como lazer, portanto não havia músicos que pudessem se dedicar integralmente a tal função).

No entanto, nas formações urbanas surgiam mais e mais grupos de pessoas produzindo uma música diferente, sem referencial nenhum igual no mundo, feita por gente que vinha sentindo na pele o que era o Brasil, assimilando-o através da sua música.

Tal expressão é tomada como subversiva pelos paternalistas que regiam a sociedade. Nas grandes capitais os gêneros populares de música são considerados “desorganizadores da ordem” e seus músicos são caçados. A ação reverbera por todo o país.

Como filho mais velho, devia partir de Aldo o exemplo aos demais irmãos. Mal tinha quatorze anos e já era convidado a tocar aqui e acolá, acompanhando conjuntos em saraus e serenatas.

Veio a intervenção materna, que não permitiria que o filho seguisse uma carreira pejorativa, porém Aldinho já possuía a música em suas entranhas e não pretendia ignorá-la; burlava as ordens da mãe e tão logo as luzes de casa se apagavam, pé ante pé saía ao encontro dos músicos e boêmios da cidade.

Como os demais irmãos, aprendeu com o pai os segredos da alfaiataria, ofício que exerceu ao lado da família até 1923. Foi balconista das Lojas Renaux, representante das *Indústrias Renner* de Porto Alegre, administrou uma loja de calçados e artigos masculinos: “Casa Renato”. Chegou a ser selecionado para servir o exército em Curitiba (1926), mas inclusive lá teve seu talento reconhecido, deixando o serviço pesado,

passando a atuar como músico da banda do batalhão.

Impossível! Por mais que se esforçasse, Aldo conservava em seu pensamento a música como um bem maior.

Paralelamente às suas demais ocupações, Aldinho funda com seus irmãos (Érico, Axel e Nilo) um conjunto para tocar no cinema mudo – o que era um grande negócio, uma vez que naqueles tempos Brusque contava com três salas de cinema. Com um grupo de amigos cria o “Conjunto Serenata” que, segundo o próprio Aldo “tinha o poder de encantar com venenosos filtros, a fantasia das moças e coração das damas.”

Nesse meio tempo Aldinho se casa com Gertrudes Régis, companheira fiel de toda uma vida ou “uma santa!”, como ele mesmo preferia dizer, reconhecendo a dificuldade de conviver com um boêmio. Fato esse que não era ignorado por ninguém.

Em seus tempos de balconista das Lojas Renaux, não cessavam as reclamações do gerente por seus atrasos constantes, justificados por noitadas em que tocava na casa da própria família Renaux. Ao ser indagado, Aldinho não exitou na resposta: “Ou bem faço música nas suas festas e chego tarde na loja, ou não toco e chego cedo!”⁶

No embalo das serestas, compõe sua coleção de choros: Gertrudes, Carmen, Dinorah... busca em temas familiares a inspiração para suas composições, baseadas nos sucessos dos grandes compositores nacionais, pensadas nos moldes dos grupos de choro e seresta.

É em 1929, no entanto, que Aldo Krieger dá início a uma empreitada inesquecível para aqueles que dela participaram e aqueles que tiveram o prazer de assisti-la: cria o primeiro *Jazz Band* de Santa Catarina – o “Jazz Band América” (1929 – 1940).

Aldinho é incansável. Através de seu rádio de ondas curtas – uma vez que em Brusque ainda não existia rádio e os gramofones ainda eram artigo de luxo nas capitais – ouvia e transcrevia os maiores sucessos das rádios do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. A cada novo baile, novas músicas recém transcritas: os maiores sucessos dos bailes das capitais.

No repertório *ragtime*, *foxtrot*, *swing* e muito choro.

Todavia, o sucesso do *jazz band* não se dava apenas por seu repertório. De acordo com Oscar Krieger, irmão de Aldinho e um dos integrantes do grupo:

⁶ KRIEGER. 2004, p.20.

A formação desse conjunto foi uma idéia feliz e pitoresca de Aldo Krieger, formado com dez figuras, todos parentes: cinco irmãos com ele, dois tios, três primos. Tornou-se célebre pelo Estado inteiro.

A proeza inicia com elementos que não tocavam música e com instrumentos que não possuíam. Para tanto, realiza um rateio para conseguir o dinheiro vindo a comprar os instrumentos. Eram eles: baixo-tuba, saxofone, trombone-de-vari, violínofone.

Aldo distribui os instrumentos pela sala e apresenta-os a seus integrantes, mas dando a cada qual escolher o seu, por ordem de idade. Escolhidos os instrumentos, pela mão de Aldo, o conjunto começa o ensaio. Aldo ensina-lhes o manejo de cada instrumento, tornando-se o mestre do conjunto. Nem sessenta dias após já tocavam em bailes e festinhas.⁷

Eram os cinco irmãos Krieger: Aldo, Érico, Axel, Nilo e Oscar; os tios Augusto e Primo Diegoli e os primos Aníbal, Rudi e Ivo Diegoli. Os cinco primeiros alfaiates, luteranos de origem alemã. Os outros cinco marceneiros, católicos de origem italiana.

Aldo incorpora em sua música o espírito livre ditado pelo *jazz* unindo, novamente, aqueles que a sociedade, por aqui, não costumava unir. A receita deu certo e o *Jazz Band* América celebrou-se em todo o Estado. A "mistura" ensaiada no salão da alfaiataria de Sr. Gustavo, a portas fechadas, levava o nome de Aldinho a ser reconhecido, inclusive, na capital.

Durante anos dedica-se ao estudo do canto orfeônico – forma de canto difundida no Brasil por Heitor Villa-Lobos, durante o governo de Getúlio Vargas, com intuito de difundir temas folclóricos em busca da criação de uma identidade nacional sólida, em busca do progresso do país (uma das principais metas varguistas)⁸ – tornando-se regente do Orfeão Evangélico, do Madrigal das Damas de Caridade e do Orfeão Juvenil Amadeus Mozart, todos em Brusque.

Suas composições corriam longe e já eram gravadas por músicos de renome como Pixinguinha, Homero Gelmini e Altamiro Carrilho, mestres da seresta, que o consideravam como "um dos seus". Mas a vida em Brusque não era das mais fáceis. A cidade crescia, solidificava-se economicamente através da indústria, urbanizava-se; no entanto a

⁷ Apud BESEN, p. 20.

⁸ "O canto orfeônico integra o indivíduo dentro da herança social da Pátria", sendo "a solução lógica para o problema da educação musical nas escolas, não somente na formação da consciência musical, mas também como um fator de orgulho cívico e disciplina social." VILLA-LOBOS.

carreira artística profissional mantinha-se como uma opção bastante complicada.

Dedica-se também à educação dos nove filhos: Myriam, Edino, Renato, Carmen, Mozart, Dante, Marcelo, Dinorah e Carmelo. Todos receberam algum tipo de educação musical, no entanto, Edino – o filho mais velho – é quem vai seguir a carreira e tornar-se uma referência musical internacionalmente reconhecida, tornando-se duas vezes presidente da Academia Brasileira de Música, da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), entre outros órgãos ligados à arte e à música, em especial, sendo o atual presidente do Museu da Imagem e do Som (MIS) (2006).

Segundo conta o maestro Edino – que iniciou seus estudos de música com seu pai, Aldo – em entrevista concedida a Luís Antônio Giron, suas primeiras lembranças:

(...) são dos ensaios de Carnaval que aconteciam na alfaiataria do avô. Ali despertou o interesse pela música. “Meu pai era bem claro nos propósitos. A farra era com ele e os amigos. Ele me destinava ao estudo sério do violino”. Começou a estudar o instrumento com o pai, aos 7 anos. No programa, em vez dos sambas e maxixes da jazz band, sonatas de Corelli, Bach, minuetos e quilos de czarás.

Todos reconheciam o humor, a disposição, a prontidão e a dedicação de Aldinho. Para os alunos do coral ou do grupo escolar – onde lecionava teoria musical – música era objeto de estudo sério, lembrado pelo rigor com que lidava com as faltas ou displicências. Entre os conhecidos e frequentadores das rodas da boemia brusquense, Aldo Krieger era sinônimo de novidades e disposição para grandes festas e noitadas regadas a uma boa cerveja.

Como todo artista, Aldo Krieger focava sua visão no novo. Apesar das limitações de um artista do interior, sempre buscava mais elementos para incrementar a cultura musical brusquense.

Na década de 1950, parte para o Rio de Janeiro em virtude de aprimorar seus estudos. Hospedado com os filhos Edino – que estudava música na então Capital, desde 1943 – e Renato, ingressa no curso de Canto Orfeônico do *Conservatório Nacional* onde é aluno de Villa-Lobos – na disciplina de composição – que reconhece seu talento como arranjador e maestro.

Nessa disciplina, Aldo Krieger recebeu, junto com os demais colegas de curso, a tarefa de compor uma música cuja partitura seguisse o desenho da Serra dos Órgãos e do pico Dedo de Deus (Teresópolis - RJ). Villa-Lobos pedia que os alunos desenhassem a dita serra num papel próprio e a partir dele, num papel transparente, escrevessem a sua música, que deveria ser regida pelo próprio compositor e cantada pelos demais colegas.

Os trabalhos iam sendo apresentados, um a um, e o célebre professor ia criando conceitos bem-humorados para atribuir a cada aluno: "amigo do macaco", "amigo do cachorro", "amigo da onça". Todos seguidos pela assinatura do professor - Villa-Lobos - logo abaixo da partitura.

Por último, quando chamado a apresentar sua obra, o brusquense se desculpa, justificando-se por não ter cumprido a tarefa a risca: ele havia feito as "sombrias" das montanhas, transformando-as em contracanto.

O efeito do coro em duas vozes impressionou o mestre, que festejou o resultado que ouvira. Lançando mão da partitura de aldinho, concedeu seu conceito: "amigo de todos nós".

Impressionado, por reconhecer a dificuldade da tarefa, Edino indaga o pai, na intenção de descobrir como Aldo alcançara tal resultado. A resposta sagaz e bem humorada: "É que eu fiz a música primeiro; depois as montanhas..."

Do Rio, além do reconhecimento do grande mestre, professor Aldinho traz na mala mais um sonho - um empreendimento, um marco, capaz de colocar Brusque em destaque no cenário cultural catarinense - a instalação de um departamento do Conservatório Brasileiro de Música.

A instituição, criada em 1936 no Rio de Janeiro, constitui-se até os dias de hoje como uma das mais célebres escolas de música do Brasil. Em 1944 já agregava em seus quadros o curso superior de música e desde seu início tinha a vanguarda de seus docentes como uma das principais características na formação de seus alunos.

Em seu quadro de docentes, ícones da música como o maestro Oscar Lorenzo Fernandes; o maestro alemão Koellreuter (que inicia o curso de música moderna); Newton Pádua, entre outros.

Como seu diretor local, Aldo poderia colher os frutos que plantara por toda uma vida: a dedicação incansável em divulgar e ensinar música agora teria um endereço certo. O ofício perderia seu caráter amador, seguindo os programas do Conservatório, vigentes no Rio de Janeiro:

O estudo da música adquiriu em Brusque pela primeira vez, um sentido acadêmico indispensável, suplementando-se o aprendizado dos instrumentos com um caminho indispensável de matérias teóricas fundamentais, possibilitando assim, a formação de musicistas no mais completo sentido da palavra. Graças às diretrizes adotadas e não menos a competência de seus professores e aplicação dos alunos, pode agora dar mais um passo decisivo, adquirindo sua maturidade.⁹

O governador – Irineu Bornhausen – em pessoa vem visitar o afamado conservatório (em 16 de janeiro de 1955), recebido com banda e coral, sob a batuta do maestro Aldo. Obstinado, passava horas sobre a escrivaninha, fazendo arranjos, compondo, montando cartilhas para o ensino do conservatório e para o ensino de música nas escolas, em geral. As funções do conservatório são ampliadas, abrigando também uma escola de artes plásticas. É destacado para compor o “Hino do Centenário de Brusque”: parecia a consagração de uma vida.

Concertos, audições, recitais, exposições, campanhas eram feitas em prol da cultura – todas encabeçadas por Aldinho – buscando trazer para cidade o que, por vezes, só havia no ambiente cultural das capitais.

Porém, tanto esforço e dedicação não trouxeram ao maestro o reconhecimento nem o apoio merecidos. De acordo com Ayres Gevaerd: “Em meados de 1960, 1961, Brusque sob aspecto cultural e também profissional entrou numa fase difícil, e o Conservatório que vivera seus grandes dias, sofreu as vicissitudes do período.”¹⁰

Contudo, a década de 1960 inaugura a febre desenvolvimentista em Santa Catarina. Era preciso colocar o estado em consonância com o que ocorria no plano nacional. Para tanto, promover o desenvolvimento urbano, econômico, social e cultural da capital – Florianópolis – era necessidade premente, colocando-a à altura das grandes capitais do Brasil.

Nesse contexto a cultura, as artes, têm um papel importantíssimo: pacificador, unificador, capaz de naturalmente criar alianças entre o povo e a política, que um discurso comum não seria capaz.

Nesta conjuntura, surge o convite para Aldo Krieger reger a recém formada *Associação Coral de Florianópolis*.

De acordo com Mauro Júlio Amorim¹¹, um dos encarregados em

⁹ BESEN, ata do Conservatório, 1958.

¹⁰ apud BESEN, p.37.

¹¹ apud KRIEGER, p.09.

trazer a proposta a Aldinho, o objetivo do convite era o de "(...) proporciona-lhe o reconhecimento e a fama, a nível pelo menos estadual."

A estreia frente ao coral se deu no Teatro Álvaro de Carvalho, e em 1961 assumia como primeiro regente titular da Associação Coral de Florianópolis.

Não tardou até que a mudança definitiva do maestro para a capital ocorresse, e em 1963 Aldo deixa irmãos, parentes, amigos e uma vida inteira de dedicação a uma cidade, para viver com mulher e filho em Florianópolis.

É ali, no ambiente da capital que o maestro Aldo acaba encontrando vazão para seu trabalho, adeptos para seus projetos. A política buscava interação, aceitação e a música de Aldo Krieger promovia isso. Aldinho buscava o público, levava a música a qualquer parte e isso era encantador.

Munindo-se de trabalho – e vontade de trabalhar não lhe faltava – tornou-se técnico da Divisão de Artes da Secretaria da Educação, professor de Música e Ritmo no Instituto Estadual de Educação, escreve para revistas especializadas em educação e cultura.

Produz um laborioso e rico trabalho didático, em diversos volumes e apostilas, num repertório onde consta a compilação de centenas de obras folclóricas, coreográficas, letras, músicas e atividades rítmicas com o objetivo de proporcionar conhecimentos teóricos e práticos sobre estas atividades e todos aqueles que se dedicavam à missão de educar.¹²

Satisfeito, o maestro produz. O sucesso pode não ter vindo de pronto, mas também não tardou a chegar. Frente a Associação Coral, todo seu talento como regente e arranjador e sua sensibilidade musical são reconhecidos. O resultado: aplausos, teatros lotados e um trabalho reconhecido além das fronteiras catarinenses.

Sem dúvida não havia alegria como a de poder viver de sua música, de coroar-se com os louros dos esforços de uma vida. Os devaneios de outrora enriquecem o currículo daquele que promoveu um verdadeiro intercâmbio com Florianópolis: a cidade lhe trazia reconhecimento profissional, enquanto o artista difundia a cultura musical na cidade.

Compôs Hinos para diferentes instituições, trouxe novos arranjos para tantas outras canções. Valorizou as canções catarinenses, dando ênfase às canções da própria Ilha. Fazia compilações de músicas folcló-

¹² BESEN, p.46.

ricas e curiosidades musicais – “Muriosidades” – tudo numa tipografia, que o próprio criara e mantinha em casa, com a missão de auxiliá-lo na difusão da cultura.

Sim, a promessa de novas perspectivas e destaque fez com que Aldinho deixasse a Brusque, pra onde voltava apenas para estar junto dos irmãos que sempre foram muito apegados.

Nos 10 anos de permanência em Florianópolis, o mestre Aldo levou a música de penitenciárias a universidades, de teatros lotados aos bairros mais simples da ilha.

Sempre disposto, o maestro Aldo era brasileiríssimo em sua produção, florianopolitano de coração e, apesar dos traços e sobrenome alemão, Aldinho não escondia ser dono de alma italiana – Diegoli – que herdara da mãe, sempre alegre, falante, dono de muitos “causos” para contar.

Em 10 anos de dedicação à música na Capital catarinense, Aldo Krieger retorna definitivamente a Brusque somente com sua morte, em 12 de outubro de 1972, aos sessenta e nove anos.

Ao som de “A Sétima Palavra”, uma de suas mais belas composições para coral, a Associação Coral de Florianópolis despede-se de seu mestre – satisfazendo aquela que era a sua última vontade.

A separação física, no entanto não foi capaz de apagar a história que o maestro escreveu com seu talento. Para aqueles que tiveram o prazer de conhecê-lo e a sensibilidade de observar o seu trabalho, sabiam que se tratava não apenas de um simples músico, mas de um dos maiores talentos musicais catarinenses e um dos grandes talentos de sua época.

Brasileiro, catarinense, autêntico, Aldo Krieger encontrou – através de um clima político favorável – o reconhecimento na capital catarinense. Levou a música aos mais diversos espaços e tornou-se inesquecível para aqueles que um dia puderam apreciar a apresentação de qualquer um de seus projetos e assim consagrou-se como um ícone da cultura catarinense.



Atual anfiteatro da Unifebe.
Acervo: Unifebe.

UNIFEBE: 40 anos comprometida com o Ensino Superior

Edinéia Pereira da Silva Betta¹

Contexto Histórico: Ensino Superior em Santa Catarina

A Fundação Educacional de Brusque – FEFE foi instituída por meio da Lei Municipal Nº 527, de 15 de janeiro de 1973, com o objetivo de criar e manter institutos de ensino superior e de 1º e 2º grau. Criou

¹ Graduada em História pela UNIFEBE; Especialista em História Cultural pela FACEL e Mestre em História pela PUCRS. Professora na UNIFEBE. E-mail: edineia@unifebe.edu.br. Este artigo registra fatos pontuais da história da instituição. O texto completo, com depoimentos, imagens e detalhes de cada gestão poderá ser apreciado na íntegra no livro - UNIFEBE: 40 anos de História.

e atuou como mantenedora da Escola Superior de Estudos Sociais – ESES, primeira instituição de ensino superior de Brusque. A exemplo de outras Fundações criadas no Estado de Santa Catarina, ela é um modelo diferenciado, resultado de necessidade de expansão, interiorização e regionalização do Ensino Superior, que se concentrou no período entre 1965 e 1976, em resposta às solicitações e reivindicações das próprias comunidades, já que os cursos superiores estavam concentrados na capital do Estado.

Até 1960, o Estado de Santa Catarina contava apenas com iniciativas isoladas. A primeira delas aconteceu em 1909, quando por meio da Lei nº 839 do Governo Estadual foi criada uma Faculdade Livre, voltada a área da saúde. Porém a iniciativa não foi efetivada².

A fundação da primeira instituição de Ensino Superior no Estado de Santa Catarina aconteceu em 1917, sob a denominação de Instituto Polytechnico. Fundado na cidade de Florianópolis, a instituição teve como principal idealizador, José Arthur Boiteux. Os cursos oferecidos eram de Farmácia, Odontologia, Agrimensura, Engenheiro Geógrafo e de Comércio, além de um curso preparatório que permitia o ingresso na instituição. No entanto, em virtude de uma série de problemas, entre eles dificuldades orçamentárias resultantes de um desfavorável período político, o instituto foi extinto em 1935³.

Paralelo ao funcionamento do Instituto Polytechnico, porém independente, também por iniciativa de José Arthur Boiteux, em 1932, foi fundada a Faculdade de Direito de Santa Catarina. Com o passar dos anos a instituição foi se estruturando e tornou-se referência, passando a receber alunos, inclusive, de outros estados. A faculdade que surgiu da iniciativa privada, passou a pública em 1937, novamente um instituto livre e particular em 1938. E, após diversas ações empreendidas, por meio da Lei n 3.038 de 1956 a Faculdade foi finalmente federalizada.⁴

² GUERRA, Rogério; BAUS, José. Dona Emiliã e o departamento de Psicologia da UFSC. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, out. 2006, p.265-297.

³ VIEIRA, Amazile de Hollanda. O instituto Polytechnico de Florianópolis. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, v. 2, n. 4, 1983, p.51 – 68.

⁴ KRELLING, Carolina Malagoli. José Arthur Boiteux e o Ensino Superior em Santa Catarina: a fundação da Faculdade de Direito em Florianópolis na década de 1930. Florianópolis, 2010. 80 p. TCC (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis, 2010.

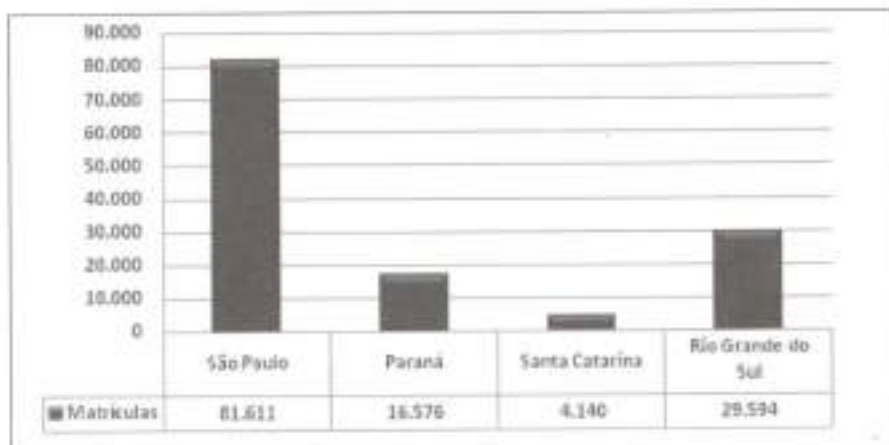


Gráfico 1 – Brasil: Matrículas na Educação Superior, em 1968.

Fonte: elaborado pela autora a partir de THOMÉ, 1998, p. 19.

Outras Faculdades foram sendo criadas nas décadas seguintes, como: Ciências Econômicas (1943), Farmácia e Odontologia (1952), Medicina e Filosofia (1956), Serviço Social (1958) e a Escola de Engenharia Industrial (1960). Todas concentradas na capital do Estado, que juntamente com a Faculdade de Direito deu origem à Universidade Federal de Santa Catarina, por meio da Lei n 3.849, de 1960⁷.

Ainda que o governo tivesse criado, por meio da Lei n 1.520 de 1956, a Faculdade de Engenharia de Joinville, uma primeira tentativa da interiorização, o Ensino Superior no Estado estava longe da realidade de acessibilidade dos catarinenses.

Em 1961, o então Governador do Estado Celso Ramos, cria o I Plano de Metas do Governo- PLAMEG, por meio do qual reorganizou a Secretaria da Educação e Cultura, e criou o Conselho Estadual de Educação – CEE/SC, que veio contribuir para o desenvolvimento do ensino superior no interior⁸.

Como resultado dessas iniciativas, o governo iniciou o Sistema Fundacional no Estado, constituindo a Fundação Educacional de Santa

⁷ GUMBOWSKY, Argos. O Ensino Superior nas Universidades fundacionais municipais catarinenses: a gênese de um modelo de Ensino Superior comprometido com o desenvolvimento regional. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba. A educação escolar em perspectiva histórica, 2004.

⁸ THOMÉ, Nilson. História da Educação Superior em Caçador. Livro 2 – Afirmção (1974-1976). Caçador: UNC, 1998, p. 16 e 17.

Catarina – FESC, a fim de criar e manter instituições educacionais. A criação da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC, em 1965, foi o marco inicial do novo sistema, que incorporou faculdades de Joinville, Lages e, especialmente, Florianópolis.⁷

Nos anos seguintes, no governo de Ivo Silveira, o Estado aprova o seu Plano Estadual de Educação, com curto, médio e longo prazo, prevendo para o Ensino Superior, metas de curto prazo, orientando e estimulando a criação de cursos que viessem contribuir para o magistério⁸. Já que em 1968, Santa Catarina ainda era o estado com menor número de matrículas no Ensino Superior.

A expansão e a interiorização do Ensino Superior no Estado de Santa Catarina começam a tomar forma a partir do Plano Estadual de Educação e, principalmente, após a Reforma Universitária de 1968, com a atuação dos chamados Grupos de Trabalho - GTRU, criados pelo governo, que se mobilizaram, a fim de tornar realidade o ensino superior no interior, visando atender aos anseios das comunidades e às necessidades do mercado de trabalho e da produção⁹. Dessa forma o Ensino Superior foi sendo projetado nas diversas regiões do Estado.

Porém, o processo contou com alguns entraves, a saber, a ausência de investimentos em nível Federal, a falta da iniciativa privada, seguida pela falta de recursos do Estado, levando-o a recorrer aos municípios, a fim de implantar um Sistema Fundacional Municipal, um modelo inovador. Acreditando que o Ensino Superior seria a mola propulsora para o desenvolvimento regional, pois tinha a carência de formação e qualificação de recursos humanos, os empresários passaram a defender e reivindicar a criação de Instituições de Ensino Superior pela municipalidade, para atender o pleito que se constituía na comunidade local e regional.¹⁰

⁷ PAULI, Evaldo. Universidade em Santa Catarina. Discurso catarinense n.23. Florianópolis: UFSC, 1998.

⁸ THOMÉ, Nilson. História da Educação Superior em Caçador. Livro 2 – Afirmção (1974-1976). Caçador: UNC, 1998, p. 16 e 17.

⁹ THOMÉ, Nilson. Gênese da Educação Superior na região do Contestado (SC). Campinas: ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.4, n.2, p.1-16, jun. 2003, p. 4.

¹⁰ Aprofundar sobre o Sistema Fundacional Municipal: HAWERROTH, Jolmar Luiz. A expansão do ensino superior nas universidades do sistema Fundacional catarinense. Florianópolis: Insular, 1999.

Instituídas por meio de Leis municipais, as Fundações Educacionais atuam especialmente como mantenedoras de Universidades ou Escolas Superiores. No período de 1965 a 1976 foram criadas 18 Fundações Educacionais pelos poderes públicos, uma pelo Estado, a Universidade para o desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC, e 17 por prefeituras municipais, nas principais cidades das diversas regiões do Estado¹¹.

Assim sendo, a interiorização do ensino superior em Santa Catarina ocorreu, principalmente, pelo Sistema Fundacional Catarinense. O Ensino Superior, que se concentrava, sobretudo na capital do Estado, por meio da UFSC, agora, pelas Fundações Educacionais estão presentes nos principais polos de desenvolvimento. Pode-se considerar uma democratização do Ensino Superior no Estado de Santa Catarina, já que as Fundações Educacionais são instituições criadas pelos próprios municípios e, portanto, pertencem às próprias comunidades.

A Fundação Educacional de Brusque - FEBE faz parte desse contexto histórico. Instituída em 1973, a fim de criar e manter uma Escola Superior, a FEBE é resultado do esforço de pessoas comprometidas com a educação, que se incluíram no processo de interiorização e expansão do Ensino Superior em Santa Catarina, possibilitando à comunidade de Brusque e Região o acesso à Educação Superior.

Os primeiros passos para instituir o Ensino Superior em Brusque

A criação de uma Instituição de Ensino Superior em Brusque foi muito esperada pela população, que almejava frequentar um curso superior, entretanto era impossibilitada pelas dificuldades de acessibilidade, já que a maioria das Instituições se concentravam na capital do Estado, Florianópolis. Elas proporcionavam o acesso dos catarinenses ao Ensino Superior, uma pequena minoria privilegiada, a bem da verdade, pois poucas eram as famílias que possuíam condições de enviar e manter os filhos estudando na capital.

Em 1933 institui-se em Brusque, o primeiro curso de Filosofia de Santa Catarina, criado pela Congregação dos Padres do Sagrado Cora-

¹¹ Associação Catarinense das Fundações Educacionais. ACAFE 30 anos. Florianópolis: ACAFE, 2004, p. 12.

ção de Jesus¹². Considerado como Superior, o objetivo era atender às necessidades formativas de seus membros¹³. Ainda que o curso fosse de extrema importância, para formação intelectual de seus egressos, sua atuação visava atender a uma camada específica da população: a preparação de jovens para o sacerdócio.

Nesse sentido, a instalação de uma Instituição de Ensino Superior em Brusque passou a ser cogitada já nos anos sessenta, na medida em que os jovens concluía o Ensino Secundário¹⁴ e encontravam dificuldades em frequentar um curso superior fora da cidade.

Em 1967, na tentativa de oportunizar o acesso dos brusquenses ao Ensino Superior, o então Prefeito Municipal, Antônio Heil, reuniu representantes dos principais colégios, empresários e líderes políticos da cidade, a fim de traçar novos rumos para o ensino em Brusque. Em 13 de novembro de 1967, o prefeito cria, por meio do Decreto nº 103/67, uma "Comissão de Planejamento do Ensino de Brusque"¹⁵. Segundo o seu Art. 2º, a comissão tinha como finalidade "estudar e planejar o ensino-secundário-médio e superior no município". Faziam parte da comissão os senhores: Antonio Heil, Prefeito Municipal; Laudelino José de Novais, Inspetor Escolar; Padre Orlando Maria Murphy, Professor representante do Ginásio Honório Miranda e também Professor da Fundação Universitária de Blumenau; Arno Ristow, Professor representante do Colégio Cônsul Carlos Renaux; Érico Antonio Contesini, Professor representante da Escola Técnica do Comércio São Luiz; Carlos Cid Renaux, Empresário - Indústria Renaux; Walfrido Stotz, Empresário - Indústria Buettner; Arthur Schlösser, Empresário - Indústria Schlösser; Mário Olinger, Deputado Estadual e Dr. Raul Schaefer, ex-Deputado Estadual, Advogado e Professor.

A equipe formada pelo prefeito Antonio Heil, incluía as principais lideranças da cidade, pessoas que desejavam uma educação voltada para o desenvolvimento. Inicialmente, a referida Comissão buscou soluções para o Ensino Superior em Brusque por meio da Fundação

¹² KOCH, Dorvalino. Convento SCJ: contribuição à história da Província e de Brusque (SC). Brusque: 1992, p. 96.

¹³ Disponível em: <http://www.faculdadesaoluiz.edu.br/agenda/39/76_anos_do_curso_de_filosofia_em_brusque>. Acesso em: 18 ago. 2012.

¹⁴ Atual Ensino Médio.

¹⁵ Decreto Nº103/67 Cria a Comissão de Planejamento do Ensino de Brusque. Prefeitura Municipal de Brusque, 1967. Documento cedido pela Prefeitura Municipal de Brusque, em 9 de setembro de 2010.

Universitária de Blumenau - FUB. No dia 7 de agosto de 1968, Padre Orlando Maria Mürphy e Érico Antonio Contesini, acompanhados do prefeito Antonio Heil, participam da primeira reunião na Fundação Universitária de Blumenau, com o objetivo de firmar uma integração com aquela instituição¹⁶.

O encontro entre líderes de Brusque e Fundação Universitária de Blumenau - FUB gerou bons resultados, e com o intuito de atender à região, líderes de Blumenau, a saber, Diretores da FUB, vereadores e Prefeitos de Blumenau e Brusque, realizam nova reunião no dia 24 de dezembro de 1968¹⁷. A Fundação Universitária de Blumenau - FUB é extinta, e pela Lei Nº 1557 é criada a Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB, visando atender toda a região. Por meio dessa regionalização, foi criada em Brusque, uma Divisão Universitária, uma extensão da FURB, possibilitando aos brusquenses o acesso ao Ensino Superior.

Criada em 1968, a Divisão Universitária de Brusque teve como seu primeiro Diretor Padre Orlando Maria Mürphy, nomeado pelo Prefeito Antonio Heil, pelo Decreto nº 156/68 em 30 de Dezembro de 1968. Padre Orlando, que era professor da FURB, desde 1964, e então Diretor da Escola Técnica do Comércio São Luiz, viabilizou o primeiro curso superior da FURB em Brusque, ministrado no Colégio São Luiz. O curso iniciado em 1969 era apenas um Curso Básico, que habilitava o aluno, a partir do segundo ano, a escolher entre Pedagogia, Letras, Matemática, Química, História Natural, Ciências e possivelmente Direito e Ciências Econômicas, que deveria ser frequentado em Blumenau. Porém, a comunidade brusquense queria mais. Queria a sua própria Instituição.

Nesse mesmo período, o Seminário Filosófico da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, que funcionava em Brusque, corria o risco de ser transferido para Curitiba. Logo, os Padres da referida Congregação procuravam soluções para a sua permanência em Brusque. De acordo com o Padre Dorvalino Koch, uma das principais razões encontradas para permanência do referido Seminário em Brusque era "a de ser possível levantar, aqui mesmo, uma Faculdade de Filosofia

¹⁶ Jornal Município. Garantida a instalação de Ensino Superior em Brusque. Brusque, 9 de agosto de 1968.

¹⁷ Jornal Município. Garantido o Funcionamento da Primeira Faculdade de Brusque. Brusque, 24 de dezembro de 1968.

sem grandes ônus para a Província”¹⁸, o que viabilizaria a formação de seus membros. Dessa forma, a sugestão dos Padres de Brusque, aos seus superiores era “que a Filosofia continuasse em Brusque, para ser anexada a uma Faculdade de Filosofia que será fundada com o nosso auxílio”¹⁹.

Logo, com o apoio dos Padres do Seminário Filosófico de Brusque, que visavam anexar um Curso de Filosofia a uma instituição de Ensino Superior, e a comunidade brusquense, cujo objetivo era criar em Brusque, uma instituição própria, que permitisse o acesso de toda a comunidade ao ensino superior, com cursos voltados para as necessidades de Brusque e Região, se mobilizaram e se integraram no movimento de interiorização do Ensino Superior já iniciado no Estado. A instalação de uma instituição em Brusque, nos moldes propostos pelas Fundações Educacionais, atenderia os objetivos almejados.

A falta de apoio financeiro dos Governos Federal e Estadual não intimidou a comunidade brusquense, que buscou apoio no município para criar sua própria Instituição. O então Prefeito Municipal Sr. José Germano Schaefer, que iniciou seu mandato em 1970, apoiou a iniciativa e trabalhou para tornar realidade, por meio de uma instituição própria.

A ação efetiva para implantação de uma Fundação Educacional em Brusque foi gestada durante todo o ano de 1972. Pelos esforços de Padres, Professores e lideranças da época, pessoas que desejavam uma educação voltada para o desenvolvimento, o projeto foi realizado. Segundo José Germano Schaefer, citar nomes é um exercício arriscado, porém, lembra-o que o envolvimento de muitos no projeto, entre eles, os Padres Orlando Maria Mürphy, Anselmo Schmitter, João da Cruz Stüepp, também lideranças como Érico Contesini, José Rubik, Raul Schaefer, Aderbal Schaefer, João Antonio Schaefer, Bruno Moritz, Ivo Szpoganicz, Romeu Junkes, dentre outros, liderados pelo Padre Orlando Maria Mürphy²⁰.

Desse modo, o Prefeito Municipal José Germano Schaefer, disponibilizou Dr. Aurinho Silveira de Souza, Chefe de Gabinete do município,

¹⁸ KOCH, Dorvalino. Convento SCJ: contribuição à história da Província e de Brusque (SC). Brusque: 1992, p. 196.

¹⁹ KOCH, Dorvalino. Convento SCJ: contribuição à história da Província e de Brusque (SC). Brusque: 1992, p. 196. (Aput, Reunião – Diálogo, 1967, ACB, pasta nº 3. Assuntos para reunião de Corupá (1967).

²⁰ Entrevista concedida à autora em Brusque, no dia 8 de setembro de 2010, e encontra-se à disposição nos arquivos do Laboratório de História da UNIFEBE.

para assessorar o grupo nos aspectos formais da constituição jurídica da nova Instituição. Após muito trabalho e dedicação foi criada a Lei Municipal nº 527, foi instituída a Fundação Educacional de Brusque, que passou na Câmara sem maiores problemas, já que era um anseio de toda a comunidade brusquense. José Germano Schaefer conta que: “a comunidade brusquense se mantinha unânime à criação da FEBE, e os vereadores bem interpretaram o sentimento popular. Na condição de Prefeito encaminhei à Câmara um Diploma que reunia em si o desejo dos brusquenses”.

Entretanto, a Câmara aprovou a iniciativa popular e, em 15 de janeiro, José Germano Schaefer, assina a Lei Municipal nº 527/73, que instituiu a Fundação Educacional de Brusque. Seu último ato como Prefeito Municipal. O primeiro grande passo para a tão esperada entidade que iria oportunizar o acesso ao ensino superior em Brusque e Região - a Escola Superior de Estudos Sociais.

Padre Orlando Maria Mürphy

Padre Orlando Maria Murphy nasceu em Indaial (SC), em 2 de fevereiro de 1931. Entrou para o seminário muito jovem, estudou no Seminário Coração de Jesus em Corupá (SC), e logo veio cursar Filosofia no Convento Sagrado Coração de Jesus em Brusque. Posteriormente, licenciou-se em Teologia, pela Universidade Gregoriana de Roma, e em Ciências Sociais e Políticas pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica. Fez Especialização em Formação Social e Ciências Políticas na Universidade Internacional de Estudos Sociais de Roma. Cursou pós-graduação em Teologia Moral na Universidade



Padre Orlando Maria Murphy.
Acervo: Unifebe

Gregoriana de Roma, onde obteve o título de Doutor.

Em Brusque, além de professor, foi Diretor do Colégio São Luiz e do Colégio Honório Miranda. Atuou como professor da FURB de 1964 a 1985, onde foi eleito Reitor na gestão de 1970 a 1974. Foi membro do Conselho Estadual de Educação, no período de 1971 a 1977.

Padre Orlando dedicou sua vida ao Sacerdócio e à Educação. Sua formação impar e seu espírito de liderança logo refletiram na comunidade brusquense, que buscou por meio da união, soluções para o ensino superior na cidade.

A criação da Escola Superior de Estudos Sociais – ESES Primeira Instituição de Ensino Superior de Brusque

Após a criação da Lei que instituiu a Fundação Educacional de Brusque, foi necessário criar uma Faculdade ou Escola Superior, responsável em ministrar os primeiros cursos. O principal objetivo da FEBE era criar e atuar como mantenedora, logo, era imprescindível instituí-las.

O desejo inicial da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus era de fundar uma Faculdade de Filosofia, que contribuísse para formação dos seus membros, e que se estenderia à formação de professores de Brusque e Região. Porém, o Brasil passava por um período ditatorial. A Ditadura Militar que teve início no Brasil, em 1964, prolongou-se até 1985 e não era favorável à criação de faculdades de Filosofia. Logo, a Fundação Educacional de Brusque decide pela criação de uma Escola Superior de Estudos Sociais.

A Escola tinha como objetivo, manter, em nível superior, o ensino e a pesquisa nos diversos ramos das Ciências Sociais, Humanas e Exatas; formar professores para o ensino de primeiro e segundo grau²¹, e superior; prestar serviços à comunidade regional, pela extensão de suas atividades; entre outros. A Escola propiciava condições de convivência democrática, de liberdade, de dignidade e de respeito aos valores humanos. Sendo assim, a Escola Superior de Estudos Sociais

²¹ Ensino Médio

foi autorizada, vindo atender os alunos do Convento Sagrado Coração de Jesus e comunidade de Brusque e Região.

Instituída e mantida pela FEBE, a Escola era regida pela legislação Federal e Estadual, por uma legislação Municipal que lhe fosse aplicável, pelo Estatuto da FEBE e por um Regimento Interno. Segundo o seu Regimento a escola se constituiu, para efeitos de governo em órgãos Administrativos, e em Departamentos e Cursos para efeito de ensino e pesquisa.

Primando pelo desenvolvimento cultural na formação de recursos humanos para o magistério, a Escola Superior oferece o seu primeiro curso já no corrente ano, o Curso de "Estudos Sociais com Habilitação de Segundo Grau em Moral e Civismo". Após dois anos, em 1975, é oferecido o curso de "Ciências, Licenciatura de Primeiro Grau".

Já em 1973, a instituição apresenta em seu primeiro corpo docente, com profissionais qualificados e comprometidos com uma educação de qualidade. Entre os dez primeiros professores contratados, o primeiro ano do curso de Estudos Sociais foi ministrado por quatro professores licenciados, um especialista, dois mestres e três doutores, que vieram compor o primeiro quadro de docentes da Escola Superior de Estudos Sociais, mantida pela FEBE. Foram eles:

Elemar Scheid - Mestre

João Joaquim Fronza - Graduado

Maria de Lourdes Busnardo Tridapalli - Graduada

Nelson Westrupp - Doutor

Nilso Wiemes - Especialista

Orlando Maria Murphy - Doutor

Pedro Canísio Rauber - Doutor

Sálvio Alexandre Müller - Graduado

Stephan Wegener - Graduado

Tadeu Cristovam Mikowski - Mestre

Com a criação da Lei que instituiu a FEBE, e depois de criada a Escola Superior de Estudos Sociais, com um quadro de docentes que era exemplo para todo o Estado, o Ensino Superior em Brusque, por meio da sua própria instituição, tornava-se realidade.

No dia dez de março de 1973 foi realizada a primeira reunião da Escola Superior. Estiveram presentes na reunião, aqueles que viriam

compor a primeira Congregação da Escola Superior de Estudos Sociais. Como primeira atribuição, os integrantes da Congregação da Escola Superior tiveram a missão de eleger o primeiro Diretor da Escola Superior de Estudos Sociais, que seria para um mandato *prótempore*, até a implantação completa dos cursos e seus reconhecimentos pelo Conselho Federal de Educação.

Para esse primeiro mandato foi eleito Padre Orlando Maria Mürphy, um dos idealizadores e líder da iniciativa de implantação do Ensino Superior em Brusque, desde a criação da Divisão Universitária de Brusque.

Os primeiros Cursos Superiores da Escola Superior de Estudos Sociais - ESES

A instituição que surgiu como resposta aos anseios da comunidade, inicia o seu primeiro ano, oferecendo a todos o seu primeiro Curso Superior: o curso de *Estudos Sociais com Habilitação de Segundo Grau em Moral e Civismo*. Apesar de a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, ter como objetivo um curso de Filosofia, e este não ser permitido no período, o curso de Estudos Sociais previa um número de disciplinas filosóficas que atenderia os seus objetivos.

O curso foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação já em fevereiro de 1973, e autorizado em 24 de abril do mesmo ano, pelo Decreto Presidencial 72.199²². Já no dia 26 de abril, o *Jornal de Santa Catarina* anunciava o primeiro Edital de Convocação para o Vestibular. Organizado pela própria instituição, o vestibular foi realizado nos dias 3, 4 e 5 de maio do mesmo ano e disponibilizou 60 vagas para o seu primeiro curso.

A espera pelo ensino superior em Brusque não despertava dúvidas, e o resultado do primeiro vestibular já era esperado, as 60 vagas ofertadas foram todas preenchidas. O primeiro colocado do vestibular, foi Vitor Galdino Feller²³.

Entre os aprovados, o primeiro corpo discente ficou composto por 26

²² Publicado no Diário Oficial da União de 25 de abril de 1973.

²³ Vitor Galdino Feller tem pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, é Professor Universitário e Diretor do ITESC em Florianópolis.



Professores do Ministério da Educação e Cultura e Professores da ESES, quando da verificação das instalações e equipamentos para aprovação do Curso de Ciências.

Fonte: Jornal A Nação. 16/07/1978

mulheres e 34 homens, vindo a compor duas turmas que se dividiam entre os períodos matutino e noturno, que iniciaram suas aulas ainda no mês de maio. Era o início daquele que se acreditava ser, o propulsor do desenvolvimento regional: o Ensino Superior.

Além das aulas diárias, muitas atividades eram realizadas simultaneamente, como cursos de extensão universitária, cursos especiais, eventos culturais, entre outros. Era realmente a formação de um ambiente universitário. A nova instituição conquistou a comunidade, no ano seguinte a ESES – Escola Superior de Estudos Sociais realiza o seu segundo vestibular, e a procura pelo curso se repetia, ingressando 100 novos alunos no curso de *Estudos Sociais com Habilitação de Segundo Grau em Moral e Civismo*.

A fim de se fortalecerem, em 1974, a Fundação Educacional de Brusque - FEBE, mantenedora da Escola Superior de Estudos Sociais – ESES, com as Fundações Educacionais do Estado se unem e criam a ACAFE, Associação Catarinense das Fundações Educacionais de Santa Catarina. Criada em reunião conjunta em 1º de maio de 1974, em Blumenau, e constituída no dia seguinte em Tubarão, a nova enti-

dade tinha entre seus objetivos, congregar as entidades mantenedoras do ensino superior em Santa Catarina; promover um intercâmbio entre as Fundações; assessorar e orientar, a fim de fortalecer o ensino superior no Estado²⁴. Entre as suas principais ações, a ACAFE seria a responsável por realizar os vestibulares das suas filiadas, que passaria a ser unificado. Assim sendo, o próximo vestibular da Escola Superior de Estudos Sociais - ESES, que era mantida pela FEBE, passou a ser realizado pela ACAFE, que lançou o seu primeiro edital no dia 16 de novembro de 1974, para que dos dias 4 ao dia 8 de janeiro de 1975, fosse realizado o primeiro vestibular pelo novo sistema²⁵.

No segundo ano de atuação, os alunos já demonstravam sua satisfação em publicações. Segue um dos textos:

O ambiente na FEBE está passando por transformações radicais. Idéias antigas são deixadas em casa. Algumas horas de permanência na faculdade e um novo estoque de idéias começa a fluir no ambiente. A turma da manhã volta satisfeita com as novas perspectivas didáticas e psicológicas. Os da noite chegam até a esboçar um sorriso que só pode ser metafísico, com os seus novos cabedais de ideais antropológicos e políticos. O grupo já se tornou numeroso. Estudantes procedentes de todos os quadrantes e dos mais variados naipes. Parece até uma representação real dos séculos XV e XVI na Itália Renascentista.²⁶

Embora a sigla da Fundação Educacional de Brusque, "FEBE", tenha se tornado popular, devido à grande espera pelo ensino superior em Brusque, e este tenha chegado por meio da Fundação, os alunos, comunidade e até mesmo professores acabavam se referindo de forma errônea ao ensino superior, que era oferecido pela Escola Superior de Estudos Sociais, como FEBE, quando esta apenas criou condições para que este fosse possível. Dessa forma, a instituição responsável pelo ensino superior em Brusque era a Escola Superior de Estudos Sociais - ESES, sendo a FEBE apenas sua mantenedora.

No ano de 1976, a ESES - Escola Superior de Estudos Sociais lança

²⁴ ACAFE - Associação Catarinense das Fundações Educacionais de Santa Catarina. Estatuto. Cap. I - Da Associação e seus objetivos. Seção II - Dos Objetivos. Art. III. 1974, p. 1.

²⁵ ACAFE - Associação Catarinense das Fundações Educacionais de Santa Catarina. Assembléia Geral Extraordinária: Documentos Básicos. Agosto, 1974.

²⁶ FELLER, Vitor Galdino. O Renascimento na FEBE. Visor. Ano I nº 1, Brusque. DAESSES. Agosto de 1974, p. 3.

o seu segundo Curso Superior. Visando atender a crescente demanda pela formação para o magistério, a instituição cria o curso de *Ciências, Licenciatura de Primeiro Grau*, que pelo decreto 75.665, recebe em 28 de abril de 1975, a autorização de funcionamento²⁷. Por meio do Vestibular Unificado da ACAFE de 1976, a ESES oferece 60 vagas para o curso de Ciências e segue ofertando 100 vagas para curso de Estudos Sociais.

A responsabilidade e comprometimento da Instituição é reconhecida já nos primeiros anos de atuação, e no dia 30 de dezembro de 1976, por meio do decreto no 79.059, é concedido o reconhecimento do Curso de Licenciatura Plena de Estudos Sociais, Licenciatura Plena, com Habilitação em Moral e Civismo, pelo então Presidente da República Ernesto Geisel²⁸.

Em 1976 formam-se os primeiros profissionais do curso de Estudos Sociais da ESES, projetando-os para o mercado de trabalho. A contribuição produzida com a formação dessa primeira turma gerou reflexos positivos, vindo a contribuir para o desenvolvimento regional tanto na educação quanto nos demais setores da sociedade. Entre os primeiros profissionais formados, muitos seguiram a carreira sacerdotal, vindo inclusive a ser Bispo²⁹; outros optaram pelo magistério, integrando a rede de escolas públicas e privadas da região; teve ainda aqueles que seguiram para o mestrado, doutorado e até pós-doutorado, tornando-se professores universitários, e também diretores de instituições de Ensino Superior; a carreira política igualmente interessou a alguns, e outros voluntariamente se dedicaram na contribuição para uma sociedade melhor, fundando e integrando grupos de apoio solidário.

Seguindo o exemplo dessa primeira turma, outras foram se formando e tornavam-se referência para qualidade da Escola Superior. Em 1978, antes mesmo de formar a primeira turma do curso de *Ciências, Licenciatura de Primeiro Grau*, o curso é reconhecido pelo Decreto nº 82.942, de 26 de dezembro de 1978³⁰, demonstrando a credibilidade conquistada pela instituição, por meio de um trabalho sério e comprometido já nos primeiros anos de existência. Era o Ensino Superior em

²⁷ Publicado no Diário Oficial da União em 29.04.1975.

²⁸ Publicado no Diário Oficial da União em 03.01.1977.

²⁹ Dom Luiz Carlos Eccel nasceu em Brusque, no dia 18 de novembro de 1952, atualmente é Bispo Católico da Diocese de Caçador.

³⁰ Publicado no Diário Oficial da União em 27.12.1978.



Danilo Moritz, Prefeito Municipal e Ronaldo Uller, Presidente do DCE em 1992. Discussão sobre Bolsas de Estudos.

Fonte: Imagem cedida por Ronaldo Uller. Acervo Particular

Brusque tornando-se realidade,

Diretório Acadêmico da Escola Superior de Estudos Sociais -DAESES Diretório Central dos Estudantes – DCE

Como uma legítima Instituição de Ensino Superior, a ESES oportunizou, logo nos primeiros anos, um ambiente universitário, e os alunos criaram o Diretório Acadêmico. O órgão de coordenação e representação geral do corpo discente da escola teve sua fundação já no segundo ano de atuação da instituição. Adotando como princípios, "Igualdade e dignidade da pessoa humana", sua fundação aconteceu no dia 21 de novembro de 1974 e recebeu o nome de Diretório Acadêmico da Escola Superior de Estudos Sociais -DAESES, e teve como primeiro

presidente, BenoSelhorst.

Devidamente regulamentado, o Diretório movimentou a comunidade acadêmica. Promoviam reuniões, sugeriam cursos de extensão, cursos especiais, encontros culturais, artísticos, esportivos, dentre outros. Promovia uma aproximação maior, entre discentes e a instituição, mantendo sempre um harmonioso diálogo, além de uma integração entre os próprios acadêmicos.

Entre as principais ações, o DAESSES criou, já no seu primeiro ano de atuação, um Jornal. Escrito pelos acadêmicos e docentes, a publicação recebeu o nome de "Visor" e trazia as principais notícias da instituição. Na sua primeira edição, o *Visor* publicava seus objetivos, "Este boletim se propõe, antes de mais nada, a ser útil a todos; facilitar o diálogo; ajudar a romper as fronteiras, enfim, construir uma interação perfeita entre os alunos e entre estes e a escola"³¹.

Por meio das suas ações o Diretório Acadêmico demonstrava a importância do órgão que representava a comunidade acadêmica. O DAESSES era quase que uma complementação universitária e contribuía para a afirmação de novas lideranças. Importante para uma tomada de consciência, o Diretório esteve em constante movimento, e durante a sua atuação demonstrou dinamismo, responsabilidade, interação e compromisso com a instituição.

Devido ao crescente número de cursos, o Diretório Acadêmico da Escola Superior de Estudos Sociais – DAESSES foi extinto em 1989, e nascia o Centro Acadêmico de cada curso, a fim de proporcionar atendimento direcionado para cada segmento, incluindo os cursos em convênio com outras instituições, que surgiram mais tarde.

Com o objetivo de congregar todos os Centros Acadêmicos, nascia agora o Diretório Central dos Estudantes – DCE, entidade máxima de representação dos Estudantes. O dia três de março de 1992 foi o marco oficial da sua fundação. Liderados pelo então acadêmico de Estudos Sociais, Ronaldo Uller, seu primeiro presidente, o DCE tornava-se uma realidade.

Ainda hoje a atuação do Diretório Central dos Estudantes - DCE é constante, representa e defende os interesses dos acadêmicos.

³¹ JUNGLHAUS, José Mauro. Editorial. Visor. Ano I n°1, Brusque. DAESSES. Agosto de 1974, p.2 e 3.

Os primeiros Dirigentes

Tão logo tenha sido instituída a FEBE, em quinze de janeiro de 1973, no dia trinta e um do mesmo mês, toma posse o novo Prefeito Municipal de Brusque Sr. César Moritz, que seria o responsável por dar continuidade na efetiva instalação da Fundação Educacional. Criar a Lei que instituiu a Fundação foi um importante passo, porém este seria apenas o primeiro. Outros eram necessários, para que a instituição seguisse de forma legítima.

A próxima etapa para a sua efetiva instituição seria a regulamentação jurídica. Somente após a criação do seu Estatuto o Prefeito Municipal poderia nomear os primeiros Dirigentes. De acordo com o Art. 7º da Lei Municipal nº 527/73, a administração da Fundação se dividiria em três órgãos, foram eles: Conselho Curador, Conselho Administrativo e Presidência.

Sendo assim, para fazer as devidas regulamentações, e pudessem ser nomeados os integrantes dos referidos órgãos, o então Prefeito Municipal César Moritz nomeou no dia 11 de julho de 1973, através do decreto nº 487/73, um Conselho Administrativo "*protempore*", composto por: José Zen, Dr. Arno Ristow, Celso Westrupp, Padre Nelson Westrupp, Antonio Abelardo Bado e Padre Orlando Maria Mürphy como Presidente da Fundação.

Os primeiros anos de atuação da FEBE foram principalmente de organização. Ao mesmo tempo em que se dava início à criação da primeira Escola Superior e conseqüentemente eram ofertados os primeiros cursos, a Fundação Educacional de Brusque - FEBE se organizava administrativamente, a fim de se consolidar enquanto Instituição Educacional Legal. Durante dois anos o Conselho Administrativo *Protempore* atuou com o objetivo de regulamentar a instituição, e no dia 08 de agosto de 1975 o Prefeito César Moritz assinava o primeiro Estatuto da Fundação Educacional de Brusque.

Devidamente regulamentada a instituição teve a sua primeira Diretoria. Em 30 de setembro de 1975, por meio do decreto 652/75, o Prefeito Municipal César Moritz nomeou o Primeiro Conselho Curador da FEBE, constituído por: Roberto Hartke Filho, representando o Prefeito Municipal; Padre Orlando Maria Mürphy, representando o Corpo Docente da Escola Superior de Estudos Sociais; José Mauro

Junglhaus, representante do Corpo Discente, e Eloi Marcilio de Souza, representando a Associação Comercial e Industrial de Brusque. No dia 30 de outubro, às onze horas, no salão nobre da Prefeitura Municipal, acontecia a primeira reunião e posse dos membros nomeados. A reunião contou ainda com a eleição do Presidente do Conselho Curador e a nomeação do representante deste conselho junto ao Conselho Administrativo. Foi aclamado como primeiro Presidente o representante do Corpo Discente José Mauro Junglhaus, que nomeou Roberto Hartke Filho como representante deste no Conselho Administrativo.

Dando sequência na escolha dessa primeira diretoria, no dia 03 de novembro de 1975, o Prefeito nomeia por meio do decreto 661/75 os membros do Conselho Administrativo, para que deste fosse escolhido o primeiro Presidente da Fundação Educacional de Brusque - FEBE. O Conselho Administrativo foi composto pelos seguintes membros: Dr. João José Leal, representando o Prefeito Municipal; Padre Orlando Maria Mürphy, Diretor da Escola Superior de Estudos; Padre Nelson Westrupp, representante do Corpo Docente; Aloisius Carlos Lauth, representando o Corpo Discente e Roberto Hartke Filho, representante Escolhido do Conselho Curador.

No dia 28 de abril de 1976, foi realizada a posse do primeiro Conselho Administrativo e a eleição do primeiro Presidente da FEBE, cargo este destinado aos Diretores das instituições criadas e mantidas pela Fundação, neste caso a Escola Superior de Estudos Sociais - ESES. Padre Orlando Maria Mürphy, Diretor da ESES e presidente do Conselho Administrativo *protempore*, que na ocasião, segundo o Estatuto, daria posse ao primeiro Presidente, foi aclamado pelos integrantes do atual Conselho Administrativo, o primeiro Presidente da Fundação Educacional de Brusque.

O fim da primeira, longa e importante gestão – 1973 a 1985

A Fundação Educacional de Brusque - FEBE chega a meados dos anos oitenta com a sua primeira instituição, a Escola Superior de Estudos Sociais - ESES oferecendo dois cursos próprios; uma biblioteca com 4.056 exemplares e um terreno que aguardava a conclusão da sua pri-

meira sede¹². A iniciativa alcançou seus primeiros objetivos, resultado da dedicação de pessoas que, comprometidas com o desenvolvimento regional, e certos de que este chegaria por meio do conhecimento, primaram por uma Educação Superior acessível e de qualidade.

No entanto, o ano de 1985 inicia com uma grande perda para a educação de Brusque e região. Padre Orlando Maria Múrphy, professor, Diretor da ESES e presidente da FEBE, vem a falecer em dezessete de fevereiro¹³. A Escola Superior de Estudos Sociais e a Fundação Educacional de Brusque perdiam um de seus idealizadores e líder da iniciativa. Há doze anos a frente da instituição, Padre Orlando dedicava grande parte do seu tempo à educação. Com o apoio da comunidade conduziu a instituição com espírito de educador. Acreditou, e junto com a comunidade, lutou, persistiu e realizou.

"A educação é o investimento mais rentável que um Povo realiza".¹⁴
Padre Orlando Maria Múrphy

Seguindo o exemplo: Gestão Padre Pedro Canísio Rauber

Após o falecimento de Padre Orlando Maria Múrphy, era necessário ser escolhido um novo Diretor e Presidente para dar continuidade aos trabalhos. A Instituição cresceu, tinha atingido as expectativas, e precisava prosseguir. Sendo assim, no dia 25 de fevereiro de 1985, em reunião extraordinária da Congregação da Escola Superior de Estudos Sociais, acontecia a eleição para novo Diretor da ESES, onde foi eleito Padre Pedro Canísio Rauber, que logo foi nomeado presidente da FEBE. Padre Canísio esteve presente desde a fundação da instituição, e deu continuidade aos trabalhos iniciados.

Entre as suas ações está a retomada da construção da sede própria e a reorganização administrativa, que eram emergenciais. Porém, iniciou também novos projetos. Entre eles, criou o curso de Filosofia, que já

¹² Segue ao final do texto histórico da constituição da estrutura física da instituição.

¹³ Padre Orlando Maria Múrphy tem morte súbita.

¹⁴ MÚRPHY, Padre Orlando Maria. A FEBE e o sistema Fundacional de ensino. Jornal Visor, Brusque, DAESSES/FEBE. Ano I.

era objetivo da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, desde a criação da instituição e concluiu a construção da primeira sede própria da instituição, iniciada na gestão anterior.

Com o objetivo de atender às novas expectativas de qualificação profissional da comunidade de Brusque e região, a FEBE e ESES buscam novas possibilidades. O novo Diretor da Escola Superior de Estudos Sociais procurou uma parceria com a Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI e com a Universidade Regional de Blumenau - FURB, com o intuito de oferecer novos cursos. A iniciativa teve êxito por meio da FURB, que recebeu o Prefeito Municipal de Brusque José Celso Bonatelli, o Professor Marco Antonio Pizarro da Silveira, Padre Pedro Canísio e o Professor João José Leal, para uma reunião em Blumenau, no dia 25 de setembro do mesmo ano, resultando na proposta de trazer para Brusque os cursos de Administração e Pedagogia.

O novo projeto que consistia em uma extensão da FURB na FEBE, tinha como objetivo oferecer outros cursos de forma imediata. O projeto teve boa receptividade e o vestibular para 1987 recebeu 100 inscrições para o curso de Administração e 60 para Pedagogia.

Com a boa aceitação dos cursos em convênio com a FURB, outros dois novos cursos foram oferecidos em 1991, de Direito e Ciências Contábeis. Além dos Cursos de Pós-Graduação, que iniciaram também nessa gestão.

No entanto, a gestão de Padre Pedro Canísio também foi interrompida, em virtude do seu falecimento. E a instituição perde o seu segundo presidente. Padre Pedro se dedicou ao projeto desde a instalação, foi professor e um grande incentivador do Ensino Superior por meio da Fundação Educacional de Brusque.

Em busca do crescimento

Gestão Padre João Hülse

A década de noventa inicia com novas eleições para Diretor da Escola Superior de Estudos Sociais. Em virtude do falecimento de Padre Pedro Canísio Rauber, a ESES e conseqüentemente a FEBE, aguardavam nova diretoria. E, no dia vinte e sete de outubro de 1990, Padre João Hülse foi o novo eleito.

O novo gestor seguiu os passos de seus antecessores, e foi responsável por iniciativas que refletem positivamente até os dias atuais. Além de dar continuidade nos cursos em convênio com a FURB, outro convênio foi firmado, agora com o Governo do Estado. A instituição participou de um projeto especial de formação de professores do Estado de Santa Catarina, o Programa Magister, oferecendo os cursos de Biologia e Matemática, Letras, Pedagogia. Os cursos eram oferecidos em horários especiais, durante os finais de semana e férias escolares, proporcionando o ingresso de alunos de diversas cidades de diferentes Regiões do Estado.

Um das reivindicações dos professores e alunos era a modernização da instituição nos diferentes aspectos, e a informatização era uma delas. Em 1995 a instituição recebeu o seu primeiro Laboratório de Informática. E, no mesmo ano, foi inaugurado o Núcleo de Práticas Jurídicas, vinculado ao Curso de Direito, onde são realizados os estágios orientados, proporcionando aos acadêmicos a vivência da prática profissional.

Nesta gestão foi fundada a Associação dos Professores da Fundação Educacional de Brusque, buscando congregar o seu corpo Docente, que mais tarde agregou também os funcionários técnicos administrativos. A primeira diretoria contou com, Maria de Lourdes Busnardo Tridapalli como Presidente; Elizabeth Bonatelli, Secretária e como Tesoureiro o professor Evaldo Moresco.

Com o objetivo de divulgar o resultado de estudos e pesquisas, promovendo e incentivando os processos de investigação científica, em 1996 a Revista da FEBE foi criada. Um espaço dedicado aos docentes, discentes e colaboradores externos, a fim de divulgar o resultado de estudos e pesquisas.

No ano seguinte, 1997 deu-se início à preservação da história da região. A instituição fundou o Centro de Documentação Oral e Memória – CEDOM, um espaço de preservação das memórias individuais e coletivas da região por meio da metodologia da História Oral. Sendo na gestão seguinte criado o Curso de Licenciatura em História. Em 2012 preocupada com a memória histórica, a instituição intensifica o projeto e cria um Laboratório de História Regional, contribuindo com as disciplinas de história dos cursos da instituição e com os pesquisadores da região.

Em 1998, houve eleições para presidente da Fundação Educacional de Brusque, no dia vinte e nove de junho o Conselho Administrativo se reuniu e elegeu o seu novo Gestor, decidindo por uma nova e diferente administração, proposta pela professora Maria de Lourdes Busnardo-Tridapalli, que veio a ser a nova Presidente da Fundação Educacional de Brusque³⁵.

Novos rumos para a instituição Gestão Maria de Lourdes Busnardo Tridapalli

O momento era de grandes expectativas, pela primeira vez após 25 anos a instituição não seria presidida por membros da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, entidade que junto com a comunidade ajudou a instituir o ensino superior em Brusque.

Entre as mudanças, a estrutura organizacional e física, com a construção do novo Campus, foram as que receberam atenção especial. Em virtude do número de cursos, mesmo sendo alguns em convênio com a FURB, foi criado no mês seguinte a Escola Superior de Gestão e Licenciatura – ESuGel, que em seguida passou a se chamar Escola Superior de Gestão – ESuG, com o objetivo de abarcar os cursos de Direito, Administração e Ciências Contábeis em convênio com a FURB. Sendo a Escola Superior de Estudos Sociais – ESES responsável pelos demais. Logo, a Fundação Educacional de Brusque – FEBE, ficou como mantenedora de duas Escolas Superiores, a ESES e a ESuG.

Tão logo tenha sido criada a nova Escola Superior, uma nova notícia chega à instituição. Os fatos se antecipam por si, e para surpresa de todos, no dia 07 de agosto de 1998 o Conselho Estadual de Educação, por meio da Lei Complementar nº 170/98, torna próprios todos os cursos conveniados das instituições do sistema Fundacional do Estado de Santa Catarina. A nova Lei que favoreceu a instituição brusquense constava da seguinte redação:

³⁵ Ata do Conselho Administrativo da Fundação Educacional de Brusque, 29ª Reunião, 29/06/1998, p. 23 a 24.

“Art. 86 É facultado às fundações instituídas por lei municipal que na data desta Lei Complementar ofereçam mediante convênio ou contrato um ou mais cursos de graduação pertencentes a Universidades também municipais, sob a supervisão técnica destas, a transformá-los em cursos próprios, independentemente de prévia autorização para a continuidade de seu funcionamento, desde que os incorporem a instituições de educação que mantenham ou venham a criar, e no prazo de doze meses encaminhem ao órgão central do Sistema Estadual de Educação o processo de reconhecimento dos cursos.”³⁶

Tendo em vista as recentes mudanças ocorridas na instituição, o quadro administrativo foi oficialmente criado e composto pelos seguintes membros: Presidente da FEBE - Maria de Lourdes Busnardo Tridapalli; Secretária-Geral da FEBE - Bernadete de Oliveira Fischer; Diretor da Escola Superior de Estudos Sociais - ESES - João Hülse; Diretora da Escola Superior de Gestão - ESuG - Maria de Lourdes Busnardo Tridapalli; Chefe do Departamento de Filosofia e História - Adilson José Colombi e coordenadores³⁷.

Visando a transformação das escolas superiores mantidas pela FEBE em Centro Universitário, o grupo gestor cria em outubro de 1998 o Centro de Educação Superior de Brusque - CESBE, que foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação no ano seguinte. Com novo Regimento o CESBE contou com uma nova estrutura organizacional, incluindo mais pessoas ao grupo de trabalho, formando uma nova administração. E, em doze de agosto de 2003, o Centro de Educação Superior de Brusque - CESBE - conquista o status de Centro Universitário, passado a se chamar UNIFEBE. Agora de Diretor o gestor passa a se chamar Reitor.

Novos cursos foram ofertados pelo Centro Universitário, e outros convênios foram iniciados, desta vez com o SENAI, oferecendo os cursos de Tecnologia em Processos Industriais e Tecnologia em Produção Têxtil. Além dos cursos oferecidos em Brusque, a instituição estende às cidades vizinhas, oferecendo cursos em Nova Trento, São João Batista e Canelinha, proporcionando maior acessibilidade aos acadêmicos.

Outros projetos foram sendo realizados, novos laboratórios de in-

³⁶ Lei Complementar 170/98 de 07 de agosto de 1998. Governo do Estado de Santa Catarina. Conselho Estadual de Educação. Art. 86.

³⁷ Fundação Educacional de Brusque. 25 anos. Edição comemorativa. Brusque. Revista da FEBE - ano 1 nº1 setembro de 1998.

formática, Incubadora de Base Tecnológica, investimento em novos livros para a biblioteca, criação de uma biblioteca infantil, formação de um coro, novos cursos de pós-graduação e incentivo à Iniciação à Pesquisa e aos projetos de extensão foram sendo realizados.

À frente do seu tempo: Gestão Günther Lothar Pertschy

Em vinte e oito de outubro de 2010, novas eleições para Reitor foram realizadas. Desta vez foi eleito o professor e coordenador do Curso de Administração, Günther Lothar Pertschy.

Com experiência na área administrativa, o novo Reitor da UNIFEFE e presidente da FEFE estabeleceu um Plano de Gestão pautado por três pilares: o investimento em pessoas, funcionários técnicos administrativos, corpo docente e discente; investimento em tecnologia; e a busca por fontes de recursos financeiros, já que atualmente a principal renda da Unifebe provém da mensalidade dos acadêmicos. Além de optar por mais diálogo com a comunidade.

O investimento em pessoas iniciou com o apoio aos docentes. Um dos primeiros projetos foi um convênio com a Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, oportunizando ao colegiado do Curso de Direito a participação no Mestrado em Ciências Jurídicas. Apoio aos docentes que realizam pós-graduação em diferentes instituições e Formações Continuidas oferecidas periodicamente são estendidas aos funcionários técnicos administrativos.

Os investimentos em tecnologia estão sendo frequentes. Além da criação de dois Laboratórios de Informática com novos softwares, um núcleo de engenharia, com laboratórios específicos, foi projetado e está sendo instalado, acompanhando a realidade do mercado e, objetivando maior aproximação com a comunidade, foram firmadas parcerias nos diferentes segmentos, que resultaram em convênios.

A busca por fontes de recursos tem sido constante, o que está permitindo por meio de projetos enviados ao governo do Estado a instalação de um Centro de Tecnologia em Fabricação, que terá como objetivo a melhoria de processos de produção nas indústrias, além da formação

de recursos humanos capazes de liderarem o cenário nacional em tecnologia de produção. O centro será um projeto inovador para a região e para o Estado de Santa Catarina.

Paralelamente são realizadas ações objetivando a manutenção e melhoria da qualidade do ensino, como revisão de Projetos Pedagógicos, Regulamentos, Planos de Ensino e Matrizes Curriculares, colocando a instituição entre as melhores do Estado. E, pensando no futuro da instituição, foi elaborado um planejamento estratégico com metas a curto e a longo prazo. Pois crescer com responsabilidade é um dos objetivos da gestão.

Entre outras iniciativas foi criado, além da versão impressa da Revista da UNIFEBE, uma versão eletrônica, e um Comitê de Ética foi instituído para dar subsídios às pesquisas. O processo de internacionalização também está sendo efetivado. Programas como Ciência sem Fronteiras e outros próprios já estão sendo realizados. Alunos e professores dos Cursos de Direito e Design de Moda, realizaram Viagens de Estudo e cursos no exterior.

Com a ampliação da oferta de novos cursos de graduação, pós-graduação e extensão, o resultado foi um aumento expressivo no número de matrículas. Atualmente são vinte e quatro o número de cursos oferecidos pela instituição. São eles: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Contábeis, Design de Moda, Design Gráfico, Direito, Educação Física (licenciatura e bacharelado), Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Engenharia Mecânica, Gestão Comercial, Logística, Negócios Imobiliários, Pedagogia, Processos Gerenciais, Produção Têxtil, Psicologia, Publicidade e Propaganda, Redes de Computadores, Sistemas para Internet, Sistemas de Informação, Gestão de Recursos Humanos e Segurança no Trabalho.

A estrutura física também tem recebido atenção especial, pois com o crescente número de alunos, foram necessário novas salas aula e laboratórios. Com isso, novos blocos estão sendo projetados e construídos.

A Unifebe cresce a passos largos, acompanhando as necessidades regionais. Foi esta a principal razão da sua fundação há 40 anos, e hoje, de fato, ela caminha lado a lado com a comunidade, proporcionando conhecimento e formação em Brusque e Região.

Esforço e dedicação ao longo dos anos para conquistar a sede própria

Desde a criação da Fundação Educacional de Brusque, em 15 de janeiro de 1973, a Instituição tinha como sede provisória, as dependências do Colégio São Luiz, que pertencia a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, na Rua Padre Gattone, 112 no centro de Brusque, que foi por três anos cedido à FEBE e a ESES.

Em 1976, com o crescente número de alunos, a ESES precisou de um espaço maior, que foi gentilmente cedido pelo Colégio São Luiz, por meio de um Contrato de Locação, por um valor correspondente a doze salários mínimos mensais³⁴. Por algum tempo a Escola Superior de Estudos Sociais – ESES, chegou também a utilizar, além do Colégio São Luiz, as dependências da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga.

Por muitos anos a ESES, e sua mantenedora FEBE, caminharam em condições precárias. Apesar de ser instituída pela prefeitura, portanto pública, essa pouco ou nada contribuía para a manutenção da sua própria Fundação Educacional. Sua principal receita advinha da cobrança de mensalidades dos acadêmicos, como acontece até os dias atuais. Sem recursos, criou a sua primeira instituição de ensino superior, a Escola Superior de Estudos Sociais e seguia apenas com a coragem dos educadores, alunos e comunidade, que viam no ensino superior a esperança para um futuro melhor.

Com insistência a instituição lutou por uma sede própria, e em 1975, o então Prefeito Municipal César Moritz, autorizou por meio da Lei Municipal 668/75 de 25 de novembro de 1975 a doação de um imóvel no bairro Guarany, porém, por não ter iniciado a construção no prazo estipulado o terreno retorna para a Prefeitura em 1977. No dia 27 de setembro do mesmo ano, o Prefeito Municipal, agora Sr. Alexandre Merico, faz uma doação por meio do decreto 787/77 de um novo terreno, agora situado a Rua Manoel Tavares, no centro da cidade. A construção da primeira sede própria foi logo iniciada, porém, por falta de recursos a obra foi paralisada em 1979.

Em 1985, o então Prefeito Municipal José Celso Bonatelli se dispôs a dar continuidade na construção e, conforme havia sido proposto ela

³⁴ Contrato de Locação. Registrado no Tabelionato Gevaerd em Brusque, em 26 de janeiro de 1976.

foi reiniciada. No dia 30 de abril de 1987, com o apoio da Prefeitura Municipal e um trabalho constante realizado por Docentes, Diretores, Conselheiros e comunidade em geral, foi realizada a inauguração da primeira sede própria da Fundação Educacional de Brusque. O evento solene contou com uma cerimônia realizada na entrada do novo prédio, que além de salas de aula, contava também com um amplo auditório, onde foi realizada a sessão inaugural.

Porém, o novo prédio já não foi suficiente para acomodar o número de alunos. A Fundação Educacional de Brusque continuou alugando outros locais, e já estava ocupando o prédio da Congregação dos Padres do Sagrado Coração Jesus. Logo, em 1990 a instituição iniciou um processo para a compra de um novo terreno para a construção de um novo Campus.

Surgiram diversas opções, entre elas, um terreno nas proximidades do Pavilhão de Eventos no centro da cidade e outro no Bairro Jardim Maluche, à margem direita do Rio Itajaí Mirim, ambos apresentados pela Prefeitura Municipal. Porém a terceira opção, situado no Bairro Planalto, doado pela Empresa Irmãos Fischer, foi o escolhido³⁹. No dia 02 de outubro de 1997 o Presidente da Empresa, Sr. Ingo Fischer, fez a doação oficial à Fundação Educacional de Brusque.

Porém, no ano seguinte, já na nova administração, a Presidente da FEBE Maria de Lourdes Busnardo Tridapalli constituiu uma comissão de Construção, que se dedicou à apreciação das condições para construção do novo Campus no Bairro Planalto. Após análises, chegou-se a conclusão que o terreno teria um elevado custo na questão referente a infraestrutura, o que inviabilizou a construção naquele local⁴⁰.

Outra proposta foi apresentada pelo então Vereador Dagomar Carneiro, que sugere o local ocupado pela Secretaria de Obras. Porém o atual Prefeito Municipal, Hylário Zen, declarou ser inviável a remoção do maquinário e similares do local, como também a falta de espaço para estacionamento impossibilitou a construção do novo Campus Universitário naquele local.⁴¹

Até que, após as várias tentativas para encontrar um local apropriado, foi encontrado um terreno no Bairro Santa Teresinha, pertencente a Sta-

³⁹ Ata da comissão de Construção do Campus Universitário. 18/16/1997 e 16/07/1997, p. 1 e 2.

⁴⁰ Ata da comissão de Construção do Campus Universitário, p. 6.

⁴¹ Ata do Conselho Administrativo da FEBE. 50ª Reunião. 29/07/1999, p. 49 a 50.

ack Tinturaria Ltda que em virtude da viabilidade do espaço e valores foi o escolhido. Estava finalmente decidido o local do novo Campus que iria receber diariamente a maioria dos estudantes universitários de Brusque.

As obras iniciaram no ano seguinte, e o primeiro Bloco foi inaugurado em 2001, seguida do bloco B e C. Em 2003, a instituição adquire outra parte do terreno, ampliando o patrimônio. Os projetos foram possíveis, por conta de financiamentos junto ao BNDES/BRDE.

Em 2009 iniciou-se a construção de uma pequena parte do bloco D, porém a sua conclusão está sendo realizada na atual gestão. O espaço está sendo direcionado para salas de aula e laboratórios especializados, principalmente, para os cursos de engenharias, área que a instituição está dedicando atenção especial em virtude da necessidade regional. Em 2013, foi concluído um laboratório de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil e um amplo espaço anexo aos blocos C e D.

Após 40 anos, a UNIFEBE continua comprometida com o ensino superior em Brusque

Contar a história da Fundação Educacional de Brusque, inicialmente com suas Escolas Superiores e hoje Centro Universitário, é ao mesmo tempo traçar a história do Ensino Superior democratizado em Brusque e Região. Democratizado no sentido de realmente tornar acessível a todas as classes, pois foi a partir desta instituição que a população brusquense teve maior oportunidade de ingressar no Ensino Superior.

Ao longo dos anos a Instituição brusquense contou com o apoio de pessoas comprometidas. Quando falamos de tudo o que se conquistou, com muito trabalho e dedicação temos também consciência do quanto ainda tem para ser feito e da responsabilidade para bem conduzir e manter todo esse patrimônio construído, mais importante por seu aspecto humano do que material. Pois "Atuar no Ensino Superior pautado em uma perspectiva humanista e comprometido com o desenvolvimento que promova a qualidade de vida na sociedade" é a sua missão.

na dita Republica.

O Agente do tal Dr. Rufener nesta Colonia Itajahy é o Pedro Jacob Heil; este fulano já he antigo, os colonos d'aqui esperarão dito Rufener, porem providencias enérgicas dadas por essa Presidencia impedirão a visita d'elle, há mezes para cá que já sabia d'uma correspondência entre Rufener e Heil, e esta correspondencia é recebida na Villa de Itajahy aonde Pedro Heil tem seu encarregado tirar-lhe as cartas do Correio e ele espalha os circulares de Rufener aos Colonos.

Hontem manifestarão alguns colonos quererem tudo e hirem na Colonia de Rufener, estes individuos não podem vender nada sem satisfazer suas dividas para com a Fazenda Nacional, mas tratão de vender clandestinamente e retirarem-se do mesmo modo.

Acho muito útil V. Excia. encarregar ao Dr. Juiz Municipal do Termo para não consentir que colono algum se embarque na Villa sem ter um escripto do Director, que declara nada dever à Fazenda Nacional.

Na qualidade de Director das Colonias não posso deixar que o Artigo 10 do Regulamento de 19 de janeiro de 1867 não esteja litteralmente cumprido, e por isso rogo à V. Excia. se digne recomendar às Auctoridades competentes que prestem sua coadjuvação.

Deos Guarde á V^a. Excia.

Ilmo. e Exmo. Srs. Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa.

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

João Detsi

Director

Nº 17 Directoria das Colonias Principe D. Pedro e Itajahy, em 18 de Fevereiro de 1871.

Ilmo. e Exmo. Sentr.

Por muitas vezes levei ao conhecimento de V. Excia. e representei contra os especuladores de madeira na Colonia Principe D. Pedro, que estragão não só os matos nacionaes como tambem as estradas, pontilhões e boeiros feitos á custa da Fazenda Nacional, os colonos agricultores não cessão de se queixar contra estes madeireiros que largão suas boiadas nas plantações dos cultivadores como se fosse pasto publico.

No Districto colonial Limeira tenho hido em companhia do Agri-mensor das Colonias e mais um empregado, encontrei os caminhos em

estado deploravel, a madeira é puchada constantemente pelas estradas, não fazem caso, nem de advertencia e nem de representações à Exmo. Presidencia; as Authoridades Policiaes protegem aos especuladores com prejuizo da Fazenda e desmentem as reclamações da Directoria das Colonias, o motivo é terem estas Authoridades interesse que os especuladores sejam protegidos contra o Regulamento das Colonias e boa disciplina; se V. Excia. ordenava um dos juizes formados da Villa de Itajahy vir nesta Colonia tomar conhecimento de tudo e examinar os caminhos e matos, ouvir os colonos lavradores que diariamente se queixão, assim se poderá conhecer a verdade e o Director não passara por um visionário, como aquelles interessados a tem tratado por seus fixos illicitos e reprovados. V. Excia. dará as providencias que julgar necessarias, a fim de acabarem de uma vez os abuzos praticados pelos madeireiros e as falsas informações dos seus protectores.

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

João Detsi

Director

Nº 18 Directoria das Colonias Principe D. Pedro e Itajahy, em 28 de Fevereiro de 1871.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Tenho a hora passar ás mãos de V. Excia. copia do orçamento apresentado com officio de 19 de Dêzembro do anno próximo na quantia de Rs14:115\$000, para occorrer as despesas ordinarias, contribuições e concertos de caminhos, pontes, pontilhões até de ambas as Colonias no trimestre de Janeiro á Março do corrente anno, excluindo a quantia de Rs 4:000\$000 , que foi notada para a estrada da Villa, visto estas á cargo de Leo Arnoldi.

Rogo á V. Excia. mandar consignar a referida quantia na Thesouraria da Fazenda.

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Joaquim Bandeiras de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

João Detsi

Director

Copia - Orçamento para as despesas a fazer com as Colonias Itajahy e Principe D. Pedro no Trimestre de janeiro a março de 1871.

Colonia de Itajahy:

Empregados	Rs	3:080\$000
Trabalhadores p ^a . medição de prazos	Rs	720\$000
Expediente	Rs	30\$000
Medicamentos	Rs	100\$000
Aluguel de casas	Rs	240\$000
Tratamento de animaes	Rs	90\$000
Concertos da Igreja Catholica	Rs	200\$000
Auxilio p ^a . a Casa de Orações Protestante em construcção	Rs	300\$000
Caminho no Districto Schleswig	// //	Rs 260\$000
// // // Holstein	// //	Rs 260\$000
// // // margem do Rio	// //	Rs 200\$000
// // // Districto de Pedro	// //	Rs 200\$000
// // // Limeira	// //	Rs 400\$000
// // // Guabiruba	// //	Rs 60\$000
Picada para o valle de Gaspar	Rs	330\$000
Reparos de pontes	Rs	75\$000
Colonia Principe D. Pedro		
Caminho desta Colonia a Sede da de Itajahy	Rs	650\$000
Pontes, pontilhões e boeiros	Rs	1:000\$000
Caminhos novos e concertos dos existentes	Rs	1:400\$000
Para continuacão da estrada p ^a a Barra	Rs	4:000\$000
Gratificacões p ^a 2 passageiros	Rs	120\$000
Eventuaes	Rs	400\$000
Somma	Rs	14:115\$000
Abate-se a quantia designada para a estrada em seguimento da Barra de Itajahy, visto a cargo de Leo Arnoldi		
	Rs	4:000\$000
Somma	Rs	10:115\$000

Colonia Itajahy, em 28 de Fevereiro de 1871.

João Detsi

Director

Ilmo. Exmo. Sr.

Tenho a honra de passar as mãos de V. Excia. a conta de despesas dos Colonos vindos de Rio de Janeiro para o Itajaí e com uma família Hinglesa que seguiu d'esta Capital para a Colonia "Principe D. Pedro" na importância de Rs 220\$120 afim de que V. Excia. se digne (incompreensível) tesouraria de Fazenda d'esta Provincia seja entregue a referida quantia.

Deos Guarde a V. Excia.

Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Joaquim Bandeira de Gouvea

Digno. Presidente d'esta Provincia

Desterro 1 de Março de 1871.

Julio M. de Trompowsky

Agente de Colonização.